

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO  
CURSO DE JORNALISMO

GUILHERME DA SILVA CARVALHO

**RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO: QUEM NINGUÉM OUVI:  
SUBJETIVIDADES DA EXISTÊNCIA LGBTQIAPN+ NO AMBIENTE  
ESCOLAR**

LIVRO-REPORTAGEM

RIBEIRÃO PRETO  
2025

GUILHERME DA SILVA CARVALHO

**RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO LIVRO-REPORTAGEM:  
QUEM NINGUÉM OUVI: SUBJETIVIDADES DA EXISTÊNCIA  
LGBTQIAPN+ NO AMBIENTE ESCOLAR**

Relatório do projeto de pesquisa apresentado à Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo sob orientação do Prof. Me. Murilo Pinheiro.

Ribeirão Preto  
2025

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento  
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

C331q CARVALHO, Guilherme da Silva, 2003-  
QUEM NINGUÉM OUVI: SUBJETIVIDADES DA EXISTÊNCIA  
LGBTQIAPN+ NO AMBIENTE ESCOLAR / Guilherme da Silva  
Carvalho. -- Ribeirão Preto, 2025.  
102 f. : il. color.

Trabalho e conclusão de curso (Bacharelado em Jornalismo) -  
Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Ribeirão Preto, 2025.

1. LGBTfobia. 2. Escola. 3. Violência. 4. Discriminação. I. Título.

CDD 070.4

## **AGRADECIMENTOS**

Assim como a história do movimento LGBTQIAPN+, sob a qual sustento parte deste trabalho de conclusão de curso, a construção deste livro também é uma conquista coletiva. Reconheço a minha força e dedicação em toda a minha trajetória pessoal que me trouxeram até aqui, mas é preciso dar espaço e agradecer àqueles que sempre estiveram, de alguma forma, ao meu lado. A sensação de incapacidade, o medo e a incerteza do futuro habitaram meus pensamentos por muitos dias, por outro lado, a vontade de alcançar o diploma e por meio dele, fazer além de mim mesmo feliz, as pessoas que eu amo, não me deixou parar no meio do caminho. Com base na fé cristã em que estou inserido desde criança em meu ambiente familiar, acredito que Deus é inteiramente responsável por me conceder as oportunidades que tive e por me instruir no aproveitamento delas, e é em nome d'Ele que eu deixo aqui a minha primeira menção de agradecimento.

Aos meus pais, Ana Paula e Evandro, em toda a minha vida, faltarão palavras para mensurar o quanto eu sou grato pelos inúmeros esforços que fizeram para que eu pudesse me tornar quem sou e alcançar tudo o que conquistei. Se os meus sonhos estão se tornando realidade, grande parte disso acontece pelo fato de vocês terem pavimentado o meu caminho.

À minha irmã e sobrinha, que são minhas motivações e inspirações diárias. Jaqueline me ensinou desde muito novo a ser independente, ousado e a ter força de vontade para fazer a vida acontecer. Às minhas amigas que foram peças fundamentais em toda a minha graduação, este processo não teria valido a pena sem vocês. Roberta Mussato, você me salvou em todos os dias em que cheguei à Universidade não querendo chegar, você me tirou riso em meio aos choros e dividiu comigo quase todos os trabalhos do curso, todos os melhores momentos, as melhores risadas e as melhores idas ao Mineiro. Às meninas que dividiram comigo durante quase toda a graduação as idas e voltas de São Joaquim da Barra no ônibus, as viagens teriam sido intermináveis e ainda mais exaustivas sem vocês.

Ao meu namorado, que dia após dia, cedeu tempo da sua rotina para me ouvir por vezes lendo e relendo cada capítulo escrito deste trabalho de conclusão de curso. Tudo teria sido mais difícil sem sua companhia por perto. A todos aqueles que seria impossível citar nome por nome aqui, mas que de alguma forma me incentivaram, apoiaram e acreditaram na minha capacidade.

Aos jornalistas que me inspiram diariamente. A todos aqueles que contribuíram direta

ou indiretamente com o resultado deste trabalho, especialmente Alessandra, Leonardo, Maria Fernanda e Rubens, que gentilmente cederam suas histórias de vida que juntas são todo este trabalho.

Por fim, agradeço ao Prof. Me. Murilo Pinheiro, orientador deste trabalho, que acreditou fielmente na minha proposta. Sua disponibilidade e competência foram essenciais para a conclusão deste trabalho. Em nome dele, agradeço todos os demais professores, que ao longo da graduação, me ajudaram a construir uma visão crítica e reflexiva sobre o mundo e o saber jornalístico.

**RESUMO**

O Brasil lidera o ranking mundial de violência contra a população LGBTQIAPN+, com 291 mortes violentas em 2024, a maioria entre travestis e transgêneros, o que representa um aumento de 13,4% em comparação ao ano anterior, quando foram registradas 257 mortes. A lgbtfobia se manifesta de forma alarmante no ambiente escolar, impactando a saúde mental e o desempenho acadêmico dos estudantes. Dessa forma, o estudo buscou investigar como a lgbtfobia se apresenta neste ambiente social e analisar seus impactos na vida de alunos e professores. A heteronormatividade é apresentada aqui como raiz do problema, propagada por instituições como família, religião e a escola. A metodologia da pesquisa inclui estudos de campo, entrevistas, levantamentos e pesquisa bibliográfica para aprofundar a compreensão do tema e propor medidas de intervenção eficazes. O trabalho se debruça, sobretudo, na discussão em torno da subjetividade humana como uma construção social, apresentando visões filosóficas sobre a temática, além de tratar da evolução das definições de sexualidade e gênero ao longo da história. Ao final, a obra se apresenta como um chamado urgente às vozes e existências da comunidade LGBTQIAPN+ que são socialmente silenciadas e historicamente apagadas. A construção dos capítulos que narram as histórias de Alessandra Santana Mota, Leonardo (nome fictício), Rubens Santiago Júnior, Maria Fernanda Izidoro e do próprio autor, revela as profundas e diferentes experiências de resistência e discriminação. Não documenta apenas as injustiças e as lutas, mas propõe uma reflexão sobre os sistemas que estruturam as sociedades, a necessidade de narrativas diversas e a construção de um futuro possível para todos.

**Palavras-chave:** LGBTFobia; Escola; Violência; Discriminação

## ABSTRACT

Brazil leads the world ranking for violence against the LGBTQIAPN+ population, with 291 violent deaths in 2024, mostly among transvestites and transgender people, representing a 13.4% increase compared to the previous year, when 257 deaths were recorded. Lgbtphobia is manifested alarmingly in the school environment, impacting students' mental health and academic performance. Thus, the study sought to investigate how lgbtphobia presents itself in this social environment and analyze its impacts on the lives of students and teachers. Heteronormativity is presented here as the root of the problem, propagated by institutions such as family, religion, and the school. The research methodology includes field studies, interviews, surveys, and bibliographic research to deepen the understanding of the topic and propose effective intervention measures. The work focuses, above all, on the discussion surrounding human subjectivity as a social construction, presenting philosophical views on the theme, in addition to addressing the evolution of the definitions of sexuality and gender throughout history. In the end, the work is presented as an urgent call to the voices and existences of the LGBTQIAPN+ community that are socially silenced and historically erased. The structure of the chapters that narrate the stories of Alessandra Santana Mota, Leonardo, Rubens Santiago Júnior, Maria Fernanda Izidoro and the author himself, reveals the deep and diverse experiences of resistance and discrimination. It not only documents the injustices and struggles but also proposes a reflection on the systems that structure societies, the need for diverse narratives, and the construction of a possible future for all.

**Keywords:** LGBTQ phobia; School; Violence; Discrimination

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
---------------------	---

<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>11</b>
<b>3. OBJETIVO .....</b>	<b>11</b>
3.1 OBJETIVOS GERAIS.....	12
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	12
<b>4. METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
<b>5. DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO .....</b>	<b>13</b>
5.1 O LIVRO-REPORTAGEM.....	13
5.2 ESCOLHA DO PRODUTO .....	15
5.3 DELINEAMENTO DO PRODUTO .....	16
5.4 LINGUAGEM .....	16
5.5 PÚBLICO-ALVO.....	16
5.6 PROCESSO .....	17
5.7 ENTREVISTADOS.....	17
<b>6. DETALHAMENTO TÉCNICO .....</b>	<b>18</b>
<b>7. SINOPSE.....</b>	<b>18</b>
<b>8. ROTEIRO.....</b>	<b>18</b>
CAPÍTULO 1 .....	18
CAPÍTULO 2 .....	19
CAPÍTULO 3 .....	19
CAPÍTULO 4 .....	19
CAPÍTULO 5 .....	20
CAPÍTULO 7 .....	20
CAPÍTULO 8 .....	20
CAPÍTULO 9 .....	20
<b>9. RELATO DE PRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>10. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>11. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>12. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>24</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>25</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>28</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil registrou em 2024 um aumento de cerca de 13,4% no número de mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, não-binários e mais), quando comparado com o ano anterior, foram 291 mortes, 34 a mais do que o registrado em 2023, quando o país registrou 257 mortes. Os dados são de um levantamento feito pelo Grupo Gay Bahia (GGB), a mais antiga Organização Não Governamental LGBTQIAPN+ da América Latina. O número mantém o Brasil na liderança da lista de países mais violentos contra essa população em todo o mundo. O levantamento ainda aponta que existe um índice de subnotificação, pois muitas vezes é omitida a orientação sexual ou identidade das vítimas na divulgação de suas mortes.

Com os dados do estudo, calcula-se que houve uma morte violenta de uma pessoa da comunidade a cada 30 horas no país. Das 291 vítimas, 165 eram gays, 96 travestis e/ou mulheres transgêneros, 11 lésbicas, 7 bissexuais e 6 homens trans. Além disso, houve a notificação nestes números de 6 pessoas heterossexuais, vítimas de homotransfobia ao serem confundidos como pertencentes à comunidade, por defenderem alguma pessoa LGBTQIAPN+, durante um ataque ou por estarem ligados de alguma forma à comunidade.

Sobre a faixa etária das vítimas, o estudo indica que 161 pessoas tinham entre 19 e 45 anos. O mais jovem tinha apenas 12 anos, Luiz Fellipe Darulis, morto pelo padrasto com golpes de ripa de madeira e castigos físicos no Jardim Campos Dourados, no município de Monte Mor, em São Paulo. A motivação das agressões e dos castigos que Luiz sofria, seria, segundo o autor do crime, ‘corretivo por uma atitude de desrespeito’. Testemunhas relataram que a vítima dizia com frequência ter medo do padrasto, pois este não gostava que ele brincasse com bonecas.

Entre as profissões, a de professor é a que mais aparece, com 11 registros, na distribuição dos dados por regiões, o Sudeste e o Nordeste aparecem com 99 casos cada, seguidos do Centro-Oeste com 44, Norte com 34 e Sul com 15. Ao analisar a lista de estados, com 53 registros, contata-se que São Paulo é o mais violento. O termo LGBTfobia ainda é pouco utilizado nos debates sobre essa problemática, uma vez que parte da população usa a homofobia como um sinônimo para denominar o ódio à população LGBTQIAPN+. Em sua definição inicial ou literal, o termo homofobia subentende a “forma de discriminação que conduz à subalternização, marginalização e exclusão de pessoas ou grupos com base no seu sexo, como contra os de orientação sexual homossexual” (KOEHLER, 2013), isto é, a discriminação de homossexuais, entendidos como lésbicas e gays.

Apesar disso, a utilização do termo se popularizou e, hoje, passou a ser considerado uma forma correta de definir o ódio a outros grupos, especialmente quando se trata do enquadramento jurídico da discriminação que foi criminalizada em 2019, ao ser incluída na Lei de Racismo (7716/89), que hoje prevê crimes de discriminação ou preconceito por “raça, cor, etnia, religião e procedência nacional”. Desta forma, a lei também contempla atos de “discriminação por orientação sexual e identidade de gênero”. Portanto, ainda que se utilize o termo homofobia para definir essa lei, todas as outras pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ também são contempladas. De acordo com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), cerca de 20 milhões de brasileiras e brasileiros, o equivalente a cerca de 10% da população, identificam-se como pessoas LGBTQIAPN+. O que ressalta a urgência de se ampliar o debate acerca das condições sociais a que este grupo é submetido durante toda a sua vida.

O ambiente escolar, enquanto uma extensão da sociedade, possui, pelo menos em tese, a capacidade de transformar positivamente essa realidade, no entanto, a realidade é justamente o oposto, a lgbtfobia também se manifesta neste espaço de diferentes formas, momentos e contextos. De acordo com a edição mais recente da Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil publicada, em 2016, 76% dos estudantes LGBTQIAPN+ sofreram agressões verbais, enquanto 36% relatam terem sido agredidos fisicamente. As consequências também se manifestam de diferentes formas: evasão escolar, faltas constantes, ideação suicida, ansiedade, depressão e até agressividade, além de evidenciar problemas como a falta de preparação dos professores para lidar com esse tipo de situação dentro das unidades de ensino.

A LGBTfobia tem suas raízes em uma longa história construída a partir da norma da heteronormatividade, propagada por instituições sociais como a família, a religião e a escola, que marginaliza e inferioriza indivíduos que não se conformam à heterossexualidade. O Brasil, historicamente, construiu-se sob essas narrativas, fortificando um sistema que impõe a heterossexualidade como única forma legítima de orientação sexual e identidade de gênero. Sistema este que estruturou diversas esferas da vida social, incluindo a educação.

Por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (FOSTER, 2001, p. 19).

A partir da segunda metade do século XX, a comunidade LGBTQIAPN+ começou a ganhar visibilidade e a reivindicar direitos, desafiando a ordem heteronormativa vigente. No

contexto escolar, a heteronormatividade se manifestava, e ainda se apresenta até os dias atuais, através de várias nuances, como nos currículos e materiais didáticos que ignoram a diversidade sexual e de gênero, reforçando a invisibilidade de indivíduos LGBTQIAPN+; no disciplinamento de corpos e comportamentos, com a imposição de normas de gênero rígidas que ditavam como meninos e meninas devem ou deveriam se comportar ou através da ausência de políticas públicas que protegesse esses indivíduos.

A norma não precisa dizer de si, ela é a identidade suposta, presumida; e isso a torna, de algum modo, praticamente invisível [ou óbvia]. Será, pois, a identidade que foge à norma, que se diferencia do padrão, que se torna marcada. Ela escapa ou contraria aquilo que é esperado, ela se desvia do modelo (LOURO apud SANTOS, 2007, p. 68).

Além disso, a LGBTfobia se manifesta dentro do ambiente escolar também entre os próprios alunos, vítimas da cultura que os cercam, manifestando-se como violência física, verbal, psicológica, ou até mesmo, sexual, conforme mencionado anteriormente. Inegavelmente, essas experiências traumáticas têm impactos sérios na vida desses estudantes, afetando sua saúde mental, bem-estar e desempenho acadêmico. Estes estudantes quando expostos a um ambiente hostil e preconceituoso, podem internalizar a homofobia, desenvolvendo sentimentos de auto aversão, vergonha e culpa. Este tipo de discriminação traz comprovadamente um fator de risco para o desenvolvimento de problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático e ideação suicida.

Destaca-se ainda a evasão escolar como uma problemática iminente que envolve diretamente essa questão. O medo da violência, a falta de apoio e a sensação de não pertencimento podem levar estudantes LGBTQIAPN+ a abandonar a escola, comprometendo a formação educacional. Partindo desta realidade, este presente trabalho se desenvolveu a partir da escolha do formato de livro-reportagem para sua posterior veiculação, onde se narra quatro histórias distintas de pessoas que foram vítimas de discriminações lgbtfóbicas durante suas formações escolares, além do relato pessoal do próprio autor e de uma construção introdutória da temática por meio de dados e registros históricos. Para se obter o resultado esperado, optou-se pelo desenvolvimento a partir da realização de pesquisas, em formato exploratório, bibliográficas, levantamentos, entrevistas e estudos de campo que revelaram a ineficácia das instituições de ensino em promover e assegurar um ambiente inclusivo, diverso e sociável para todos os alunos e profissionais.

A legislação brasileira prevê direitos inclusivos que tratam todos os cidadãos como iguais e determina que estes tenham suas diferenças pessoais respeitadas. A Lei Federal 13.005/2014, que trata do Plano Nacional de Educação (PNE), é clara em seu inciso terceiro do

artigo 2º, quando decreta que todas as desigualdades educacionais, especialmente na oferta de cidadania e no combate de todas as formas de discriminação é um dos exemplos que podem ser compreendidas como iniciativas que contemplam a realidade denunciada neste trabalho. Apesar disso, a Lei não especifica as formas de discriminação e deixa uma lacuna de interpretação aberta.

Em setembro de 2024, o Supremo Tribunal Federal (STF), decidiu favoravelmente uma ação movida pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), contra o inciso III da lei de 2014 e reconheceu a obrigação, por parte das escolas públicas e particulares, de coibir as discriminações por gênero, orientação sexual, coibindo também o bullying e as discriminações em geral de cunho machista — contra meninas cisgêneras e transgêneras —, e homotransfóbicas — contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

Na mesma perspectiva, a Lei 14.811 de 2024 instituiu medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares e estabeleceu a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e, que além de ter feito alterações significativas no Código Penal, na Lei dos Crimes Hediondos e no Estatuto da Criança e do Adolescente, criminalizou as práticas de bullying e cyberbullying.

Um avanço significativo nas políticas voltadas à temática, mas ainda assim muito tímido se comparado à realidade. Na nova Lei tipifica-se duas práticas no Código Penal. Bullying, compreendido como uma intimidação reiterada, definido como “intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação, ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais”, o que pode, neste contexto, englobar discriminações motivadas por questões de gênero e sexualidade. A pena prevista é multa, se a conduta não constituir crime mais grave.

Por outro lado, o cyberbullying é compreendido como intimidação sistemática no ambiente virtual. Ou seja, se as práticas especificadas na definição do bullying forem realizadas na internet, rede social, aplicativos, jogos on-line ou transmitida em tempo real, sob o qual a pena será de reclusão de dois a quatro anos, e multa, se a conduta não constituir crime mais grave. Anterior a essa iniciativa de 2024, a Lei 13.185, de 2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, já prevê a figura do bullying, no entanto, não estabelecia punição específica para esse tipo de prática, apenas determinava que escolas, clubes e

agregações recreativas deveriam assegurar e promover medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática.

## 2. JUSTIFICATIVA

Desta forma, estudar e compreender a LGBTfobia no ambiente escolar é crucial para garantir o direito à educação de todos os estudantes, promover a saúde mental e o bem-estar, combater a discriminação e a violência, e construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Relatar e registrar a realidade da lgbtfobia no ambiente escolar também se faz importante para sensibilizar a comunidade escolar, promover a empatia e o respeito à diversidade, fortalecer a cidadania, os direitos humanos, e embasar a formulação de políticas públicas eficazes de combate à discriminação.

## 3. OBJETIVO

Este trabalho também se propõe a abordar a forma como a lgbtfobia impacta a saúde mental de indivíduos LGBTQIAPN+. O modelo do Estresse de Minoria (EM) proposto pelo psiquiatra Ilan Meyer (1995) sugere que há fatores de estresses específicos que levam pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ à posição de maior vulnerabilidade social, além de descrever como a vivência em um ambiente hostil e discriminatório pode levar ao desenvolvimento de problemas de saúde mental como ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático ou até mesmo, ideação suicida. Na mesma perspectiva, a pesquisa "O impacto da homofobia na saúde do adolescente" de Natarelli, Braga, Oliveira e Silva com adolescentes homossexuais, no interior de São Paulo, revela como a homofobia impacta negativamente a saúde física e mental desses jovens, levando a percepções negativas sobre si mesmo, adoção de hábitos de vida não saudáveis e também ideias suicidas.

Isso revela um dos efeitos perversos da homofobia que é o processo de internalização da violência. Experiências dessa natureza afetam as ações e a maneira de pensar de quem a sofre, além de interferirem na adoção de hábitos de vida saudáveis e no autocuidado, como por exemplo, alimentação, atividade física e padrão de sono, inadequados, causando sinais e sintomas somáticos como dores na cabeça, no estômago e no corpo, vômito e desmaios, dentre outros relatados pelos adolescentes (NATARELLI, T. R. P, 2015, p. 669)

Os adolescentes e a comunidade LGBTQIAPN+ encontram-se em situação de constante vulnerabilidade e são expostos a diferentes tipos de violência em diferentes contextos e momentos de suas vidas, mas especialmente durante sua formação escolar. A integridade física, a saúde e os direitos básicos assegurados por lei dessa população são afetados pela homofobia.

### 3.1 OBJETIVOS GERAIS

Este trabalho tem como objetivo geral ressaltar e retratar a existência de pessoas LGBTQIAPN+ no ambiente escolar, além disso, também abre um espaço de escuta dos relatos pessoais, para que pessoas LGBTQIAPN+ manifestem suas emoções e histórias de vidas, além de investigar como a LGBTfobia se expressa no ambiente escolar, bem como analisar de que maneira essa discriminação impacta a saúde mental, o desempenho acadêmico e as relações interpessoais. A pesquisa busca compreender as dinâmicas sociais e emocionais que envolvem essas pessoas diante de atitudes preconceituosas, com ênfase na identificação de padrões de comportamento que perpetuam a exclusão e o bullying.

### 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Acerca dos objetivos específicos, destaca-se o interesse em investigar e compreender os efeitos da lgbtfobia no ambiente escolar, por meio de uma entrevista parcialmente estruturada (GIL, 2002) de alunos e professores que vivenciam ou presenciam a LGBTfobia, buscando identificar as formas de manifestação dessa discriminação e as consequências psicológicas e sociais. A partir das informações coletadas, o trabalho pretende instigar o debate acerca da construção de um ambiente escolar inclusivo e seguro, em consonância com a ideia proposta em 2001 pelo educador e psicanalista brasileiro, Rubem Alves, de que as escolas deveriam ser asas e não gaiolas; isto é, não limitar a capacidade de viver e pensar de seus alunos, mas sim, fortalecê-los para o voo da vida. Através deste estudo, espera-se contribuir para o fortalecimento do debate sobre a diversidade de sexualidade e gênero, para além de denunciar uma realidade.

## 4.METODOLOGIA

Tendo em vista os objetivos apresentados e o tema proposto, optou-se pelo desenvolvimento deste estudo seguindo o modelo de pesquisa exploratória, partindo do pressuposto de que este tipo de pesquisa possibilita maior contato com o universo do objeto de estudo. Este permite também a livre escolha das técnicas de pesquisas e quais os pontos a serem aprofundados. A pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema e pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado (GIL, 2008), o que reforça a escolha para este trabalho jornalístico.

Mais adiante, acerca dos procedimentos técnicos adotados, o estudo se desenvolveu com pesquisas bibliográficas, levantamentos, entrevistas e estudos de campo. A pesquisa bibliográfica e as entrevistas se apresentam como pilares de sustentação da pesquisa, especialmente para a introdução de conceitos e apresentação de dados.

Os levantamentos, conforme explicação teórica de Gil (2008), para a interrogação direta das pessoas cuja realidade se deseja conhecer. Os estudos de campo para aprofundamento da realidade específica, angulando a pesquisa para o contexto do entrevistado. Portanto, compreende-se que estes são métodos de pesquisa qualitativos, essenciais para uma análise mais detalhada e flexível do tema proposto.

A pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador a oportunidade de explorar uma realidade que pode não ter sido vivenciada por ele, permitindo a produção de um objeto de estudo interpretativo. Nesse tipo de abordagem, o pesquisador tem a capacidade de interpretar e compreender a perspectiva dos participantes e as nuances da realidade estudada, mesmo sem ter vivenciado essa realidade em primeira mão. Essa abordagem pode levar a uma compreensão mais profunda e completa do objeto de estudo, permitindo a realização de uma análise mais detalhada e significativa (LÖSCH; RAMBO; FERREIRA, 2023, p. 7).

A respeito dos formatos de interrogação, as entrevistas são as que apresentam maior flexibilidade para realização (GIL, 2002). Dentre os modelos de entrevistas, dado o objetivo e formato do trabalho, a entrevista parcialmente estruturada se apresenta como a melhor opção. “Pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (GIL, 2002, p.117).

## **5.DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO**

### **5.1 O LIVRO-REPORTAGEM**

O livro-reportagem é um produto midiático utilizado no jornalismo para contemplar pautas aprofundadas e mais detalhadas que não conquistaram espaço na mídia convencional, que na maior parte das vezes, trabalha com um espaço pré-determinado e limitado, ou que se desmembraram de matérias publicadas em série que renderam muito na hora da apuração, como grandes casos de repercussão nacional. O primeiro livro não-ficcional escrito no âmbito internacional foi “Hiroshima” de John Hersey publicado no The New Yorker como uma reportagem em 1946 e posteriormente como livro-reportagem. Na obra, o autor retrata a história de seis sobreviventes da bomba atômica lançada na cidade de Hiroshima, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial.

No Brasil, os precursores das grandes reportagens foram Euclides da Cunha e João do Rio, ambos após reunirem seus trabalhos pessoais produzidos em jornais no formato de série. João do Rio escreveu uma série sobre os aspectos cotidianos do Rio de Janeiro, já Euclides da Cunha, publicou uma série sobre a guerra de Canudos. A publicação mais expressiva de livros-reportagens se iniciou no Brasil na década de 1980.

Eduardo Belo, em sua obra “Livro-reportagem”, destaca que o livro ocupa o espaço deixado pela cobertura superficial feita pelos veículos da grande imprensa (BELO, 2006). Edvaldo Pereira Lima no livro *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, defende que as características do livro-reportagem são diferenciadas de outros produtos jornalísticos como, por exemplo, produtos em audiovisual. “O livro-reportagem obedece, em linhas gerais, às particularidades específicas à linguagem jornalística, facilmente identificáveis na mensagem que veicula, mas naturalmente oferece maior maleabilidade de tratamento [...]” (LIMA, 2009, p.28). Isto ocorre, especialmente porque nos livros, como existe um espaço maior para o aprofundamento do assunto, não há necessidade de seguir a lógica dos leads.

O livro-reportagem possibilita uma escrita diferente da utilizada no jornalismo diário, uma vez que se caracteriza por uma linguagem mais literária, desprendida da impessoalidade, mais próximo das emoções do autor e da imersão na história narrada. É o que Edvaldo Pereira Lima chama de “maior elasticidade do que se aplica às publicações periódicas”. Existem diferentes formatos de livros-reportagens, com diversos temas e distintas funções.

Lima classifica e subdivide algumas funções de livros-reportagens. O livro informativo arredondado surgiria, segundo o autor, do resultado de uma matéria jornalística que necessitava de mais espaço no jornalismo diário, mas não alcançou e com isso foi transformada em livro-reportagem. Lima ainda aponta a existência de livros-reportagens opinativos e os interpretativos que são aqueles que buscam vários ângulos do assunto e o jornalismo investigativo e diversional (LIMA, 2009).

O conteúdo deste formato de livro, segundo o escritor, corresponde ao real e factual. A atualidade para Lima é um fator importante já que se trata de um produto jornalístico. Aqui, a atualidade pode ser compreendida como um fato atual que está repercutindo na mídia ou temas que estão distantes, mas que podem trazer novos desdobramentos ou fazer uma ligação com a atualidade. Em se tratando de um trabalho jornalístico, a veracidade e a verossimilhança também são fundamentais (LIMA, 2009). De modo geral, as diferenças entre o livro-reportagem e outros produtos jornalísticos ocorrem apenas no formato.

Empiricamente, todos os formatos contemplam os processos jornalísticos de checagem, apresentação de fontes, pesquisa documental e entrevistas. Sobre a função do livro-reportagem, Lima acredita que é trabalho do repórter auxiliar o leitor com tantas camadas do fato abordado que forem possíveis e necessárias para que ele compreenda o alcance do tema (LIMA, 2009). Nesta perspectiva, a identificação das funções do livro-reportagem é de suma importância a este trabalho na medida em que as funções primordiais do livro-reportagem são informar e orientar. Observa-se que o aprofundamento no tema do livro-reportagem é uma característica que norteia o trabalho, o leitor do produto necessita de um conteúdo que não encontraria em um produto jornalístico diário, seja por falta de espaço ou por rapidez de consumo.

## 5.2 ESCOLHA DO PRODUTO

A escolha do livro-reportagem para abordagem e realização deste trabalho ocorre devido à possibilidade de aprofundamento do tema. Uma vez que por mais que se pareça um assunto já muito explorado, pouquíssimas vezes surge com as características apresentadas no objetivo deste presente estudo, apresentar as origens da lgbtfobia na sociedade, trazer para o debate essa problemática dentro do contexto escolar e, para além disso, abordar a forma com essa realidade afeta e se apresenta durante a formação escolar e, por fim, trazer relatos de vítimas desta forma de discriminação.

O livro, elaborado a partir de técnicas do jornalismo literário, permite que os relatos dos entrevistados sejam mais explorados, extensos, profundos, capazes de trazer detalhes da forma com que essas discriminações aconteceram, a fim de que isso sensibilize o leitor. É preciso que para a consolidação do trabalho, haja um espaço que comporte a dimensão desta denúncia.

Além disso, o jornalismo literário possui um estilo de escrita que combina a meticulosidade e a fidelidade aos fatos do jornalismo factual com as técnicas de narrativas e estilísticas da literatura. Contribuindo para que se consiga explorar o tema, que se apresenta como complexo e narrar as histórias dos personagens com maior liberdade criativa do que outros modelos de veiculação jornalística possibilitaria.

## 5.3 DELINEAMENTO DO PRODUTO

O produto foi desenvolvido inicialmente a partir de um referencial teórico a ser construído por meio de leituras de livros e artigos científicos sobre a temática e temas correlatos.

Para aproximação do tema e imersão na escrita, foram realizadas entrevistas com vítimas das violências abordadas que trataram dos casos e experiências pessoais com a lgbtfobia no ambiente escolar. Uma pesquisa documental em casos registrados no passado também serviu como base de sustentação da escrita.

#### 5.4 LINGUAGEM

É imprescindível que apesar do livro-reportagem ser um produto mais flexível no que tange ao formato e ordem dos fatores que o constitui, a linguagem jornalística continue sendo utilizada e empregada. No entanto, devido a forma com que se construiu a narrativa e o intuito de se atingir diferentes grupos de leitores, houve também uma adaptação da escrita para algo mais acessível para diferentes grupos sociais. Isto ocorreu a partir da preocupação de se evitar a utilização de uma linguagem muito rebuscada, marcada pelo uso de termos técnicos ou palavras de difícil compreensão, o que tornou necessário, em casos da não possibilidade de alteração dos termos, que se explicasse o que eles são, a fim de enriquecer o conhecimento e facilitar o entendimento de quem posteriormente consumirá o produto.

#### 5.5 PÚBLICO-ALVO

O público-alvo deste livro-reportagem são pessoas com idade acima de 14 anos, preocupados em se conectarem com histórias reais de pessoas que foram vítimas de discriminação e violência no ambiente escolar motivadas por questões relacionadas às suas sexualidades ou identidade de gênero. Além de possíveis vítimas que buscam referências de existências e realidades semelhantes às suas, de onde poderão, por meio dos relatos narrados, ressignificarem suas interpretações da realidade ou compreender e formar uma opinião acerca do tema. Em suma, o público-alvo preferencial podem ser professores, estudantes, profissionais ligados à educação, mas também um público que se interesse pelo tema da discriminação.

#### 5.6 PROCESSO

As gravações das entrevistas ocorreram em diferentes formatos e localidades, variando conforme localização e disponibilidade do entrevistado. O produto possibilitou a flexibilização da forma que essas entrevistas foram realizadas, uma vez que o que importava realmente, era o

relato do personagem. O referencial teórico teve como base pesquisas na internet e leitura de livros físicos.

Quanto às fotos, a capa foi produzida com técnicas de design gráfico digital e as demais fotografias que estão na parte dedicada à memória das vítimas da LGBTfobia foram retiradas de arquivos pessoais ou materiais jornalísticos.

## 5.7 ENTREVISTADOS

Este livro-reportagem entrevistou quatro pessoas que moram na região de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, que foram em algum ou em vários momentos de suas formações escolares, vítimas de diferentes formas de violência motivadas por questões relacionadas às suas sexualidades e/ou identidades de gênero. Além delas, o livro conta com um relato pessoal do autor.

A primeira, Alessandra Santana Mota, que se apresenta como uma mulher lésbica, passou toda a infância em uma periferia de Salvador, capital do Estado da Bahia. Da rotina humilde e das brincadeiras nas ruas, as lembranças que se sobrassem mais de 40 anos depois são os casos de discriminação e comentários negativos dos colegas de escola.

Lucas Monteiro Pinto, 30 anos, fisioterapeuta, apresentado no livro pelo nome fictício de Leonardo, nasceu e cresceu no interior de São Paulo, especificamente em São Joaquim da Barra, homem cis gay, também relata com detalhes, diferentes episódios de violências verbais e até físicas sofridas dentro de unidades escolares.

Maria Fernanda Izidoro, mulher trans, também moradora de São Joaquim da Barra, narra como a violência se apresentava veladamente no seu dia-a-dia no ambiente escolar, mas aponta o apoio familiar como ponto fundamental na superação dos desafios e na sua descoberta pessoal.

Rubens Donizeti Santiago Júnior, homem gay que durante a infância enfrentou o bullying no ambiente escolar e em casa a truculência do pai conservador. Já adulto, fez do amor pela dança, arte e ensino, combustíveis para a formação no ensino superior, tornando-se professor e, neste ambiente, atuando pela construção de um ambiente minimamente saudável e acolhedor para todas as formas de existências.

## **6. DETALHAMENTO TÉCNICO**

O livro-reportagem foi produzido com medida de 14,85X21 cm, com margens superior e inferior de 1,4 cm; esquerda 1,6 cm e direita de 1,4 cm; sangria de 0.5 cm. A diagramação gráfica do livro possui fonte Minion com espessura bold nos títulos, médium nas descrições/subtítulo e regular no corpo do texto. A capa do livro foi elaborada com ajuda de uma designer gráfica, com a intenção de fazer uma alusão aos armários escolares e, ao mesmo tempo, ao imaginário popular do “armário da sexualidade”. As cores mais fechadas remetem à complexidade do tema e a bandeira LGBTQIAPN+ na única porta aberta dos armários provoca uma rápida associação ao tema principal do livro, a comunidade LGBTQIAPN+. Já o título “Quem Ninguém Ouve”, antecipa uma provocação proposta no decorrer do texto, a de que as pessoas vítimas da LGBTfobia não têm suas dores ouvidas e realidades assistidas.

O livro conta com três exemplares, impressos em papel pólen, com acabamento em estilo brochura, com a lombada quadrada. As edições impressas serão entregues à banca avaliadora.

## **7. SINOPSE**

Sandra, Leonardo, Rubinho e Maria, quatro pessoas com realidades, idades, localizações físicas e temporais diferentes, mas unidas por uma fatídica realidade vivenciada por milhões de brasileiros: a violência contra pessoas LGBTQIAPN+ no ambiente escolar. Neste livro-reportagem, as histórias dessas pessoas se cruzam com dados e relatos do próprio autor, para denunciar uma realidade que resiste ao tempo e faz vítimas em diferentes localidades do país. A LGBTfobia marca a vida de suas vítimas, causando dores que por vezes são ignoradas, mas que permanecem latentes no peito de quem as sente.

## **8. ROTEIRO**

O livro contém nove capítulos.

### **CAPÍTULO 1**

Neste capítulo, contextualizo o tema principal por meio da apresentação de dados e informações levantadas a partir de pesquisas realizadas com auxílio de artigos e livros, além de traçar uma breve linha histórica do movimento LGBTQIAPN+, passando pelos primeiros registros de relações e existências que confrontam a norma da heterossexualidade. Ainda neste capítulo, ângulo o tema para o Brasil e reúno dados que elucidam a urgência de analisar a lgbtfobia e suas consequências nos diferentes âmbitos sociais.

## **CAPÍTULO 2**

No primeiro capítulo em que começo a narrar as histórias dos personagens do livro, início com a trajetória de Alessandra Santana Mota, a Sandra, baiana natural de Salvador, conecto seu crescimento na Bahia, um Estado marcado pelos altos índices de violência contra mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, às suas experiências pessoas de discriminação no ambiente escolar, percorrendo suas memórias até o início de sua carreira profissional no futebol.

Vítima de recorrentes agressões verbais e físicas motivada por sua sexualidade e expressão de gênero durante a infância e a adolescência, Sandra desenvolveu uma postura reativa e defensiva, chegando a momentos extremos de embate.

## **CAPÍTULO 3**

Narro a história do Lucas, cuidadosamente chamado de Leonardo neste livro. Aqui, narro sobretudo a forma com que a realidade de Lucas reflete a realidade sob a qual a comunidade LGBTQIAPN+ está inserida. Para além do relato de vida do jovem, busco embasamento no pensamento de Michel Foucault que demonstra como as normas sociais atuam como dispositivos de poder que disciplinam e punem corpos que destoam da norma dominante. reflito sobre microagressões, a importância da intervenção de instituições sociais como escolas e família, além de, por fim, trazer a forma com que essas violações impactam, sobretudo, a saúde mental de suas vítimas, causando ansiedade, exclusão, vergonha e dificuldade de acesso e socialização, que se estendem até a vida adulta.

## **CAPÍTULO 4**

Narro a história de Rubens Santiago Júnior, homem gay que durante a infância enfrentou o bullying no ambiente escolar e em casa a truculência do pai conservador. Já adulto, fez do amor pela dança, arte e ensino, combustíveis para a formação no ensino superior, tornando-se professor e, neste ambiente, atuando pela construção de um ambiente minimamente saudável e acolhedor para todas as formas de existências.

## **CAPÍTULO 5**

Este capítulo apresenta a história de Maria Fernanda dos Reis Isidoro, uma mulher transexual moradora de São Joaquim da Barra (SP), que enfrenta e resiste às diferentes formas de discriminação e violência que está exposta. Ainda traz um comparativo elaborado pela personagem da diferença entre a realidade vivenciada na escola particular e na escola de ensino

público, por fim, perpasso brevemente sobre sua trajetória no mundo profissional, especialmente nos concursos de beleza.

## **CAPÍTULO 6**

Escrevo sobre a minha experiência pessoal, perpassando por diferentes acontecimentos que me colocaram em diversos momentos da minha formação escolar, de frente com a lgbtfobia. Me senti excluído, negado e anormal durante boa parte da minha vida até aqui, essa experiência foi o que me motivou a escrever sobre o tema e lutar para que este livro seja para além de um trabalho de conclusão de curso, uma denúncia desta realidade vivenciada por inúmeras crianças e adolescentes do Brasil.

## **CAPÍTULO 7**

Neste capítulo, apresento minhas conclusões acerca do trabalho ressaltando que apesar da organização histórica do movimento, as realidades e formas de existências da população LGBTQIAPN+ ainda seguem sendo ignoradas, marginalizadas, apagadas e negligenciadas.

## **CAPÍTULO 8**

Abordo a função do jornalismo diante da violência social, que frequentemente passa a ser naturalizada e reduzida aos números de estudos e estatísticas. Defendo que a forma com que o jornalista apresenta e narra a realidade, impacta diretamente o futuro da sociedade, o que passa a exigir desses profissionais um esforço para humanizar as vítimas do ódio social. Finalizo com uma sessão de fotos e breve contextualização em memória das vítimas da lgbtfobia no Brasil.

## **CAPÍTULO 9**

Finalizo o livro externalizando minhas emoções revisitadas durante a produção, ainda concluo tratando brevemente sobre a interconexão dos relatos e das formas de existência da comunidade, de que nenhuma experimentação social é inteiramente individual, especialmente dentro da comunidade LGBTQIAPN+. Por fim, sugiro que todas as pessoas possuem histórias a serem contadas e, por que não, narradas.

### **9. RELATO DE PRODUÇÃO**

Recordo-me de que, na primeira semana do curso de Jornalismo, estava ao lado dos colegas de turma, todos sentados no laboratório de computadores — o Lecograf —, na sala 3

do Bloco H do campus de Ribeirão Preto da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp). Foi então que o Prof. Me. Murilo Pinheiro — que, por obra do destino, ao final da graduação aceitou ser meu orientador neste trabalho de conclusão — realizou uma dinâmica que, acredito, tinha como proposta nos conhecer, assim como permitir que nós, ingressantes do curso, apresentássemos nossas visões iniciais e os motivos que nos haviam levado até ali.

Quando chegou a minha vez de falar, lembro-me de que apresentei meu nome, idade, cidade de origem e, ao mencionar o que havia me motivado a cursar jornalismo, afirmei que era a vontade de transformar o mundo por meio do conhecimento, de narrar histórias de pessoas excluídas e contribuir para a disseminação de saber por meio da informação. Acredito que, de alguma forma, tenho cumprido esse propósito.

No desenvolvimento deste trabalho foram muitos os percalços, apesar da vontade de produzir um livro-reportagem e da temática já estar definida no meu subconsciente desde o início da graduação, na prática, o desenvolvimento não se deu de maneira tão clara e prática. Desde as primeiras pesquisas bibliográficas os desafios já apareceram, a ausência de dados atualizados e concretos se apresentou como uma barreira para o levantamento de informações acerca da realidade desta população, o que denuncia também uma negligência do Estado em acompanhar esses números e promover políticas públicas.

Na busca pelos personagens, a dificuldade se deu para encontrar pessoas que reconhecem terem sido vítimas de violência no ambiente escolar e mais do que isso, que topassem cederem seu espaço de tempo para dividirem comigo suas experiências. Visto daqui, já no final da graduação e na finalização deste trabalho, compreendo que aquela visão de transformar o mundo parece uma utopia inalcançável; ainda assim, essa vontade persiste em meu subconsciente. Talvez, agora, o “mundo” assume outra dimensão, ganhe contornos de uma pauta jornalística voltada a um lugar específico, a um contexto, a uma região ou até mesmo a um indivíduo. Se, de alguma forma, eu conseguir realizar alguma transformação ou fomentar o desejo de mudança em uma única pessoa, já terei alcançado meu objetivo.

A educação transformou a minha vida; no jornalismo, materializo meus sonhos e minhas visões de mundo. A produção deste livro me mergulhou em um mar de emoções, revisitei antigas sensações e experimentei outras, todas as quais me trouxeram até aqui.

## **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O jornalismo, atento aos fatos e testemunha ocular da história, se vê diante de uma realidade que resiste ao tempo. A sociedade parece naturalizar os acontecimentos que passam

a ser interpretados nos noticiários como dados e estes, como números. Parafraseando o jornalista brasileiro Caco Barcellos, o jornalista exerce papel único na construção do futuro ao relatar o presente. A forma com que o jornalista encara os acontecimentos e os narra, impacta a sua produção e, por consequência, o futuro da sociedade. Assim, tentar humanizar aqueles que foram desumanizados pela barbárie do ódio social, perpassa pelos esforços que o jornalismo deve se submeter em sua produção.

A violência é a manifestação do ódio no momento em que o diálogo falha, a partir da suspensão do uso das palavras nas tentativas de se encontrar a ordem e o bem-estar social. Sobre o discurso de ódio, especialmente no contexto de uma sociedade hiperconectada como a contemporânea, o sociólogo e jornalista Marcos Rolim, durante a conferência de abertura do Salão Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) de 2015, ao analisar o tema, tratou a intolerância como uma indisposição diante do diferente. Nesta perspectiva, a intolerância provocaria a separação, o isolamento social e o desprezo. O ódio seria quase que uma consequência.

Portanto, o ódio e a intolerância não se manifestam na singularidade, ou seja, apenas contra um único indivíduo. Quando o agressor destila sua aversão ao outro contra um jovem gay, por exemplo, ele expõe seu ódio à comunidade à qual a vítima pertence. Assim, o indivíduo lida com estereótipos e não com uma pessoa em especial, conforme explicou Rolim: “Os que odeiam fazem no plural. No ódio, trata-se de desconhecer a humanidade do outro. Não se sustenta tal pretensão diante de uma pessoa concreta, com nome e olhos. É preciso, antes, transformá-lo em um ajuntamento, em um coletivo repugnante, em uma manada. Não por acaso, os nazistas raspavam as cabeças dos judeus e lhes retiravam todos os pertences e as roupas antes de encaminhá-los às câmaras de gás, em grupos”.

Deste modo, torna-se urgente que os dados e os números que normalmente são noticiados nos grandes jornais do país a cada divulgação de levantamentos feitos por entidades não-governamentais ou até pelo próprio poder público, tenham suas verdadeiras identidades divulgadas, mais uma vez em uma tentativa de subverter a lógica e as normas. Quando o discurso se materializa em ódio, invade as unidades de ensino se transformando nas mais violentas formas de desumanização dentro e fora do ambiente escolar, o que se vê é a banalização de crimes e vidas. Assim, este livro também se propõe a memorizar algumas das vítimas da intolerância. Para que não se esqueçam e não se repitam.

## 11. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Atividades	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
<b>Pesquisa bibliográfica</b>	X	X								
<b>Entrevistas</b>		X	X	X	X					
<b>Coleta de dados</b>	X	X								
<b>Escrita do texto e elaboração do relatório</b>			X	X	X	X	X	X		
<b>Publicação do produto</b>									X	
<b>Edição</b>							X	X	X	
<b>Banca examinadora</b>										X

## 12. REFERÊNCIAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. Editora Contexto, 2006.

FOSTER, David W. **Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana**. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.

GIL, A. CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. **Homofobia, cultura e violências: a desinformação social.** Revista Interações, v. 9, n. 26, 2013. KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. Revista Interações, v. 9, n. 26, 2013.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** . Barueri: Manole, 2009

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2001.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. **A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação.** Revista IberoAmericana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v18i00.17958>

NATARELLI, T. R. P. et al.. **O impacto da homofobia na saúde do adolescente.** Escola Anna Nery, v. 19, n. 4, p. 664–670, out. 2015.

PEDRO, Joana Maria; VERAS, Elias Ferreira. **Os silêncios de Clio: escrita da história e (in) visibilidade das homossexualidades no Brasil.** Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90–109, 2015. DOI: 10.5965/2175180306132014090. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306132014090>. Acesso em: 19 out. 2025.

PRATA, Maria Regina dos Santos. **A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 28, p. 108-115, jan./abr. 2005.

SANTOS, Luiz Henrique. **Heteronormatividade & Educação.** Brasília: Secretaria especial de políticas para mulheres - MEC, 2007

SOUTO MAIOR, Paulo; QUINALHA, Renan (Org.). **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil.** São Paulo: Elefante, 2023.

Vários autores. **O livro da história LGBTQIAPN+.** Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.

## ANEXOS

AUTORIZAÇÃO

Maria Fernanda dos Reis Izidoro

Pelo presente instrumento, eu \_\_\_\_\_, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Guilherme da Silva Carvalho, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: “Quem Ninguém Ouve: Subjetividades da existência LGBTQIAPN+ no ambiente escolar” e está sendo orientado pelo(a) Prof. Me. Murilo Silva Pinheiro.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD (“compact disc”), CD ROM, CD-I (“compact-disc” interativo), “home video”, DAT (“digital audio tape”), DVD (“digital video disc”), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 20 de novembro de 2025.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Handwritten signature of Maria Fernanda dos Reis Izidoro in black ink, written over a horizontal line.



### AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Alessandra Santana Mota, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Guilherme da Silva Carvalho, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: “Quem Ninguém Ouve: Subjetividades da existência LGBTQIAPN+ no ambiente escolar” e está sendo orientado pelo(a) Prof. Me. Murilo Silva Pinheiro.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD (“compact disc”), CD ROM, CD-I (“compact-disc” interativo), “home video”, DAT (“digital audio tape”), DVD (“digital video disc”), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 20 de novembro de 2025.

Assinatura: Alessandra Santana Mota



### AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu \_\_\_\_\_, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Guilherme da Silva Carvalho, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: “Quem Ninguém Ouve: Subjetividades da existência LGBTQIAPN+ no ambiente escolar” e está sendo orientado pelo(a) Prof. Me. Murilo Silva Pinheiro.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD (“compact disc”), CD ROM, CD-I (“compact-disc” interativo), “home video”, DAT (“digital audio tape”), DVD (“digital video disc”), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 20 de novembro de 2025.

Assinatura: Rubem Donizete Santiago Lima

## APÊNDICE

### Entrevista Lucas, o Leornado:

Speaker1: [00:00:01.20] Ai vou deixar assim, vou deixar assim porque senão você vai ficar

Speaker2: [00:00:04.56] Olhando ali. É, você ficar nervosa. Amigo. Ah eu acho que a maior parte amigo que aconteceu comigo foi mais apelido mesmo né? E como? Apelido algumas situações bem desagradáveis né?

Speaker1: [00:00:17.02] Como era esses apelidos?

Speaker2: [00:00:18.50] Estou relacionado a homossexual mesmo. Tipo, olha o primeiro apelido que eu ganhei na escola, quando estava no Renovivava, eu acho que estava na quinta série mais ou menos, era Bambi. Fiquei noção.

Speaker1: [00:00:30.35] Nossa eu também, está vendo? Rebedei pão passado, eu não odiava disso.

Speaker2: [00:00:34.67] É, e me colocaram esse apelido, acredita? E eu odiava isso, porque tipo, naquela época nem eu estava, processava certinho né? Se eu era mesmo gay ou e tal. Na verdade a gente até sentia né? Só que era 1 coisa que você queria evitar né? Você queria tentar mudar e tal. E o pessoal xingando assim acho que piorava ainda mais a situação. E, e aí eu tinha medo dos meus familiares escutar, alguma coisa assim, chegava pra minha família, sabe? É, nossa, era horrível.

Speaker1: [00:01:03.08] É muito terrível, né? E

Speaker2: [00:01:04.68] Aí, na

Speaker1: [00:01:06.44] Quinta série semana que foi as primeiras vezes que isso foi 1 questão? Ou você acha que antes já tinha, já tinha acontecido

Speaker2: [00:01:12.42] Acho que foi mais por aí mesmo amigo.

Speaker1: [00:01:14.74] Nunca sabe?

Speaker2: [00:01:15.22] Antigamente eu acho que não, acho que era mais tranquilo. Que antigamente eu estudei no Pedro Amauri né, de primeira quarta, lá eu não lembro de nada que relacionava, a essa parte não.

Speaker1: [00:01:26.10] E se tinha amizade com meninas?

Speaker2: [00:01:28.53] Sempre feito, tive mais amizade com meninos.

Speaker1: [00:01:30.69] Meninas?

Speaker2: [00:01:31.25] Meninas é.

Speaker1: [00:01:32.13] Meninos não. Bem que Esses xingamentos vieram mais de meninos ou de meninas? Ou de ambos?

Speaker2: [00:01:37.01] Ah não, dos meninos né? Com certeza, sempre foi.

Speaker1: [00:01:39.81] Mas aconteceu com as meninas também?

Speaker2: [00:01:41.33] Pelas xingaria. Não, não, é muito difícil. Era mais com os meninos mesmo. E a Você

Speaker1: [00:01:46.63] Lembra que tipo, como isso se manifestava assim? Se era em algum momento, se era quando você falava, se era quando você passava por eles? Hum. Se era quando você ia ao banheiro? Ah

Speaker2: [00:01:59.34] Amiga, deu todo o tempo assim, antes fosse referir a mim era esse apelido que eles usavam né? Ah não sei o que, foi amigo levando. E aí sempre por eu ser mais fraquinho, provavelmente por eu ser também ter jeito de gay né? Então os meninos sempre vinha de menina eu apanhei na escola.

Speaker1: [00:02:19.70] Você agredida? Você apanhou? Como foi isso?

Speaker2: [00:02:22.02] Ah a gente teve 1 briga na sala de aula, e a menina me bateu. Aí tinha 1 outra também que era, ela era da secadeléia, acabou assim. E ela sempre me batia também. Aonde ela me via, ela ia me bater do nada.

Speaker1: [00:02:34.24] Que que ela fazer?

Speaker2: [00:02:35.12] Ah, me chutar, me dar soco.

Speaker1: [00:02:38.24] Fala por

Speaker2: [00:02:38.64] Quê? Não sei, acho que é minutinho de água assim, não sei, é muito estranho isso. E você fazer Você é

Speaker1: [00:02:44.36] Boa isso? Ai

Speaker2: [00:02:45.92] Miguel horrível, eu ficava muito mal né? Mas você nunca Porque eu nunca fui assim de, nunca tive esse negócio agressivo né? É você não tinha 1

Speaker1: [00:02:53.44] Reação Isso. Você só estava constrangido?

Speaker2: [00:02:56.61] Só ficava constrangido também né? E aí depois, aí depois rodou meu apelido né? Isso aí você vai rir. Depois meu apelido foi tinta. Casa da tinta do postinho, na Aí começou a chamar tinta.

Speaker1: [00:03:13.57] É muito lindo. Quando as pessoas elas têm algo né? Pra personificar a gente. Sabe quando lembra que não é comum? Uhum. Lembra que ela, acho que era a Avenida Brasil que

Speaker2: [00:03:23.81] Tinha Lembra, acho que ela era a vida, não é? Não

Speaker1: [00:03:30.40] Assistia, não assistia essa novela, não sabia nada. Só eu sabia que essa novela era sucesso, eu acho que até amanhã assistia eu acho na época, E tinha o favor de escutar sobre essa novela. Porque os meninos chamavam de Félix.

Speaker2: [00:03:43.52] Ai que ódio.

Speaker1: [00:03:45.19] E aí eu acho que ele, esse personagem, eu não sei. Ele falava, ele gritava alguma coisa como se fosse, olha o hot dog do Félix.

Speaker2: [00:03:53.22] Ah eu acho que ele Vendeu. 1 época que ele Você

Speaker1: [00:03:56.50] Tem que ter esse hot dog. E aí ele gritava isso, olha o hot dog do Félix. E aí eu lembro que eu passava pelas meninas e ele gritava.

Speaker2: [00:04:03.78] Ai que ódio. Doía juntos. A vergonha né? Você está falando. É constrangimento. Mas

Speaker1: [00:04:10.33] Perdi isso. E você

Speaker2: [00:04:11.13] Tinha quantos anos?

Speaker1: [00:04:12.89] Então, acho que eu também estava no Robas também. Robas é 1 escola de 1 rua. Então, estava tipo, sei lá, na sétima série, oitava série, eu deveria ter 12 13 anos.

Speaker2: [00:04:22.60] Uhum. Está bom.

Speaker1: [00:04:25.48] Até assim, na porta de casa, sabe? Se não passava e gritava sabe? Só que se meus pais tivessem em casa, não, e está bem o horário que meus pais chegaram, os meus pais chegavam juntos, 2 horas da tarde. Então depois das 2 nada, acabou. Só que antes das 2, passava lá toda hora tinha enganado, cortava com o pai gritava. E sempre se levantava assim, né? Porque saía do muro das escolas, né? Também. Imagina. Ridículo.

Speaker2: [00:04:49.50] Aí tinha garoto também que me odiava, também chamei o batia.

Speaker1: [00:04:53.66] Como que ele,

Speaker2: [00:04:54.38] O que

Speaker1: [00:04:54.62] Ele fazia?

Speaker2: [00:04:55.10] Ele ia chamar, como ele chama?

Speaker1: [00:04:56.54] Não, como ele como ele te batia quando ele tinha amigo?

Speaker2: [00:04:59.34] Ah amigo, chegava dando chute. Assim ele não podia me ver que ele ia me fazer alguma coisa sabe? Tipo, sei lá, alguma coisa de agressão mesmo, tipo dar tapa, dar chute, dar suco, essas coisas.

Speaker1: [00:05:09.26] Falava o quê?

Speaker2: [00:05:10.06] Do nada, assim. Eu acho que era

Speaker1: [00:05:12.22] Muito

Speaker2: [00:05:12.46] Gratuito, assim, sabe? Poderia estar relacionado a isso também, sabe? Eu não tinha explicação.

Speaker1: [00:05:17.85] E aí ninguém manifestava? Isso.

Speaker2: [00:05:19.69] Ah ninguém dava bola não.

Speaker1: [00:05:22.01] Nem seus amigos, nem em funcionária da história.

Speaker2: [00:05:24.41] Até porque eu andava muito com sondar com meninas né? Então não tinha nenhum garoto ali pra pra debater pra tentar defender alguma coisa assim né? Era só eu sondar com meninas.

Speaker1: [00:05:33.84] E na escola os funcionários viram essas questões?

Speaker2: [00:05:36.72] Ah 1 outra já deve ter isso né?

Speaker1: [00:05:38.56] E nunca fizeram nada.

Speaker2: [00:05:39.68] Nunca fizeram nada. Então tipo assim, a minha vida era ficar com medo né sentir medo de ser medo em qualquer momento, aí tinha essa parte de da vergonha pelos apelidos, tinha muito medo de sei lá às vezes alguma algum evento que algum familiar fosse na escola, que alguém me xingasse de ir esperto sabe? E e trouxesse esse problema. Pra casa do Eu

Speaker1: [00:05:59.55] Tinha a mesma coisa mesmo. Tanto que às vezes tinha apresentação da escola nem falava né pai? De

Speaker2: [00:06:04.51] Me entrevistar Sempre foi assim. Aí do, aí teve o negócio dos trabalhos também quando eu ia apresentar começava o pessoal começava a rir né. Amigo teve dia que a sala inteira começou a rir, pensa foi horrível olha.

Speaker1: [00:06:19.68] Você lembra como foi esse trabalho o que que era esse trabalho?

Speaker2: [00:06:22.00] Era de geografia. E aí no nessa época a gente estava sozinho, nesse caso foi sozinho, né? Também foi papo seu. E aí eu fui apresentar, aí minha voz começou a oscilar, né? Era daquele jeito, isso e 1 voz afeminada, e a sala inteira começou a rir de aí. E a professora? Aí ela ela tipo assim tomou as dor, sabe? Pegou e ficou bem brava, pegou assim que queria que, que todo mundo lá tivesse a capacidade que eu tinha chegava na época de ir pra trabalho mas Você não queria? Não queria, dava 1 ansiedade horrível, eu já comia do pessoal rir e, nossa, era bem.

Speaker1: [00:07:02.31] E era recorrente?

Speaker2: [00:07:04.31] Aconteceu umas 2 vezes. Aí depois que eu acho que a professora pegou bem no pé deles, aí eles pararam sabe? Mas, a vergonha continuava sabe? Porque eu sei, eu ia apresentar, eu vi a pessoa segurando o riso, que queria rir sabe? É bem, está bem triste.

Speaker1: [00:07:17.48] Do dia todo. Uhum.

Speaker2: [00:07:19.96] Bem ruim mesmo. E, e eu acho que era isso né, mas a culpa parte também que eu sempre ficava afastado dos meninos né, porque eu sempre trabalhava com as meninas, então eu não jogava futebol e jogava só vôlei, né?

Speaker1: [00:07:34.21] E como era isso a atividade tipo, a aula de fazer física. Nossa,

Speaker2: [00:07:39.18] Eu estou do meu cachorro na minha rua. Como era? Como que era a azalão física? Que pra mim era terror.

Speaker1: [00:07:46.54] Era pra mim era teor. Era

Speaker2: [00:07:48.32] Teórica? Não, o terror? É terror. Ah amigo, nessa parte até que assim, porque eu não tinha interesse jogar futebol né? Eu até gostava quando

Speaker1: [00:07:58.00] Mas você não achava que se você jogasse futebol você seria incluso? Eu queria fazer isso não porque eu queria jogar futebol, queria porque

Speaker2: [00:08:04.77] Eu queria muito Eu queria, aham, entendi. Ah. Até assim, teve 1 teve 1 época que sim, teve 1 época que eu queria tentar mudar gigante né? Pra parecer menos gay e eu queria reforçar que eu fosse hétero e tal, mudar pra gente falar comportamento de se expressar. E tal como a caminho dos meninos, né? Do jeito deles deles agir, entendeu?

Speaker1: [00:08:38.61] Eu ficava com isso, eu tinha essa pílula até de, opa, de como eu queria me vestir. O que os meninos estavam vestindo eu queria vestir.

Speaker2: [00:08:44.43] Queria colocar.

Speaker1: [00:08:45.15] Lembra que, dei 1 época todo mundo dava Hollister, e eu queria usar roupa Hollister, eu odiava roupa Hollister.

Speaker2: [00:08:52.67] Mas você queria só pra pá inclusive.

Speaker1: [00:08:54.11] Só porque os meninos usavam roupa da Rosa. Então eu lembro que tipo assim, meus pais sempre compraram as coisas pra mim. Então às vezes tipo, nessa época da Holliser por exemplo, ela me comprou monte de roupa da Holliser pra mim. E aí tipo eu ia vários dias com várias roupas diferentes da Holliser. E aí nessa nesse momento os meninos se aproximavam em mim. Ele queria conversar sobre a roupa só tipo tirando isso dela e aí ao mesmo tempo quando aconteceu as coisas eu achava nossa agora eu fui exame Poderia porque qualquer coisa que eu fizesse pronto já era muito útil e tinha volta né? Uhum.

Speaker2: [00:09:31.43] Não e quando teve quando teve a primeira a primeira paixõzinha assim né, de menino na aí na escola. Aí eu peguei e esse menino que envia que estava, assim dava a impressão que iria me ajudar, só que ele ia lá e ficava zoando o menino, chegava na sala de aula, a gente não era da mesma sala, sabe? Chegava lá na sala ficava falando pra todo mundo, aí, o povo usava tanto eu quanto o menino, sabe? Ia com com ódio mortal de mim. Ficou muito puto comigo. E aí foi bem chato, né? Teve dia que eu comentei ele, aí ele pegou virou as foto pra mim e mostrou o dedo do meio,

Speaker1: [00:10:12.40] Ficou muito puto comigo.

Speaker2: [00:10:13.84] Mas assim, eu entendo, porque tipo, o povo estava zoando ele pra minha causa, né, em casa.

Speaker1: [00:10:19.24] É, comigo era por exemplo assim, os meninos eu não tinha amizade. Então, pouco dos meninos que se aproximavam de mim minimamente de mim, os outros meninos já gostavam usar essa outra desse outro menino

Speaker2: [00:10:29.96] Que se aproxima de mim.

Speaker1: [00:10:31.32] Por isso que afastavam os outros meninos. Meninos.

Speaker2: [00:10:34.87] Uhum. Eu te passei com ele, então você está, é namoradinha. Não sei

Speaker1: [00:10:37.71] O que.

Speaker2: [00:10:38.15] O que aconteceu comigo também?

Speaker1: [00:10:39.67] Não é? Já aconteceu com vocês também? Já aconteceu.

Speaker2: [00:10:42.19] Acho que é por isso que afastava os outros meio. Não tinha amizade de masculina. Por que eu acho

Speaker1: [00:10:47.67] Que na concepção também de cara adolescente, de 1 criança, é isso né, de tipo, eu não vou aproximar dele, porque senão eu também sofri o que ele dá sofrendo.

Speaker2: [00:10:55.36] O que que

Speaker1: [00:10:55.52] As pessoas percebem?

Speaker2: [00:10:56.64] E os outros amigos, os próprios pais às vezes fala isso, né? Não estou falando não, porque os outros é falar de você e tal. É, isso acontece muito, né?

Speaker1: [00:11:04.58] É também acho assim. É porque eu acho que vem muito de casa, né?

Speaker2: [00:11:09.21] É, eu acho que.

Speaker1: [00:11:10.01] Esse esse comportamento, né? Acho que integralmente, assim, porque criança ela não tem convívio social além da escola, sabe? Tipo, além da família, que eu acho que é amigo, e esses amigos dela, ou são vizinhos, ou são da escola. Aham. Então, tipo, esse comportamento, essa essa discriminação ela vem inteiramente da da família, do do ambiente social? Não. Aham. Que durante a sua formação enquanto indivíduo é a família, basicamente.

Speaker2: [00:11:33.57] E você conseguiu falar com alguém que pede, que traz, além da escola, 1 vivência assim que às vezes sofreu na igreja ou alguma coisa assim amigo?

Speaker1: [00:11:41.35] Não, porque o impacto dele tinha isso.

Speaker2: [00:11:42.95] Ah você pouco só na na escola, na escola. Não, ela

Speaker1: [00:11:45.03] Fica muito vago sabe?

Speaker2: [00:11:46.39] É, aí abri muito né?

Speaker1: [00:11:48.31] É porque senão eu queria atingir tudo

Speaker2: [00:11:50.55] E aí

Speaker1: [00:11:50.95] Não vou atingir nada.

Speaker2: [00:11:51.83] Ah melhor, você direcionou.

Speaker1: [00:11:53.42] Fica assim, ah eu consigo aprofundar mais sabe? Uhum. Aí eu consigo aprofundar mais esse olhar, e aí mais, mas por conta de do que eu quero provar sobre mim sabe o que eu quero falar sobre mim então, acho que com dentro escolar ele

Speaker2: [00:12:06.49] Vai suprir o

Speaker1: [00:12:07.43] Que eu quero escrever sobre mim. Eu espero que

Speaker2: [00:12:10.24] Dê certo assim, certo? Tomara. Vai dar certo sim, você é esforçado.

Vai dar certo com

Speaker1: [00:12:15.24] Deus que você Ô amigo então,

Speaker2: [00:12:17.12] Aí eu estou tentando puxar na memória aqui mais coisas sabe? Mas foi bom, a gente bater papo aqui já vai vai aparecer isso

Speaker1: [00:12:25.26] Aí foi o que você falou do bambe já não lembrava disso e eu lembro que eu tinha essa dúvida até eles assimilavam muito porque eu percebo São Paulo.

Speaker2: [00:12:33.18] Ah, bicho amigo aí.

Speaker1: [00:12:34.46] E aí o São Paulo é bambe né?

Speaker2: [00:12:36.54] Uhum. E

Speaker1: [00:12:37.22] Aí pronto aí, aí eu e o certificado de piada né? Uhum.

Speaker2: [00:12:43.62] Amigo e também era acho que era parte assim, que a gente querendo arriscar alguns gostos, não sei você, só pra mim né? Eu tinha uns gostos mais femininos né toda escola né? Então eu queria 1 caneta colorida, eu queria caderno e não sei o que. E tipo, se você se você adquiria, você sofria mais bullying ainda né? E às vezes até em casa também os pais ficavam bravos. Que você comprou 1 coisa mais feminina na minha mãe acabava comigo né, e meu pai também. E se você não comprasse, você estava tipo negando alguma coisa né, que você tinha vontade de ter. Então é 1 situação bem complicada né também.

Speaker1: [00:13:17.51] É, eu também vivia isso de, ah eu sempre digo,

Speaker2: [00:13:34.61] Né? Porque tem uns pais que acha que fica bravo ainda né tipo ah porque é coisa de mim. É por

Speaker1: [00:13:39.41] Conta que eu comprava que eu tinha com a minha irmã, então acho que a gente sempre ia todo com a galera num evento

Speaker2: [00:13:44.21] Né? Aham.

Speaker1: [00:13:44.77] Comprar materiais escolar. E aí, a gente tinha que comprar, minha minha irmã queria, só isso comprava pra mim também sabe? Aham. Então sempre foi isso. E aí eles nunca ligaram com isso. Só que tipo assim claro que, não tinha desenho na canetinha de gel. Uhum. Da minha irmã era tipo da Moranguinho.

Speaker2: [00:14:01.03] Ai ia ser demais aquilo. É, a

Speaker1: [00:14:03.03] Minha era só canetinha. Uhum. Mas enfim.

Speaker2: [00:14:06.79] Mas é bem isso né amiga.

Speaker1: [00:14:08.55] Nossa amiga, e é muito triste né que nós estamos falando assim, porque é isso da inocência da criança, tanto de quem está sofrendo, como eu te falei, tanto de quem

está sofrendo, de quem está sendo o receptor dessa Uhum. Dessa discriminação, mas pra quem também está sendo emissor nessa agressão de

Speaker2: [00:14:24.40] Sabe? Aham.

Speaker1: [00:14:25.61] Porque é porque assim ela não tem consciência, ela não tem 1 formação sabe? Uhum. 1 formação de ideal mesmo, do que ela quer manifestar, de como ela vai se manifestar e do que ela acha certo ou errado. Ela só está sofrendo imposição, tanto da família, do ambiente religioso. Sim. É o que

Speaker2: [00:14:44.06] É passado pra ela e ela é a refletir pra isso, né? É isso, é

Speaker1: [00:14:49.92] Mas assim eu acho que há 1 eleição, notável, dos funcionários da escola.

Speaker2: [00:15:02.19] Deixa acontecer isso eu acho que tinha que mudar. Perfeito mas, terrível. Aí de agressão também teve dia que, eu tinha desavença com garoto, acho que é na na sétima série, vou te falar isso né? Que aí foi na hora do recreio e todo mundo ficou fomentando a briga. Aí tá

Speaker1: [00:15:21.67] Aí E era pautado em quebra aí?

Speaker2: [00:15:24.47] Ah eu não sei amiga a gente sempre nunca se deu bem aí

Speaker1: [00:15:26.95] Mas ele também praticava esses atos de experimentações que você fala.

Speaker2: [00:15:30.31] Dessa? Deixa eu dessa. Estou lenta lembrar. Ah eu acho que sim né, ele chamava de gay essas coisas. Mas assim, eu acho que não era nem isso assim o foco, mas a gente não a gente não se dava bem. E aí a gente dia foi brigar, e aí eu acho que os meninos meio que fez 1 armadilha né? Falou que ia que eu ia brigar e aí a hora que bateu sinal, o pessoal saiu da sala, e aí ela foi começar a briga e eu fui fechar a porta da sala e eu apanhei de todos vocês, acredita? Aham. Você põe de todos eles.

Speaker1: [00:15:59.26] Será quantos meninos eram? Mais ou menos.

Speaker2: [00:16:00.93] 7

Speaker1: [00:16:13.51] É 13 ou 12 anos. É.

Speaker2: [00:16:15.51] E aí amigo, ainda bem assim graças a Deus não, não foram não foi assim, muito grave né tu imagina 7 você conseguiu muita gravidade Mas eu não tinha machucado tudo.

Speaker1: [00:16:24.95] Nessas situação assim que você consegue, revisitar como isso formou, tipo, quem fechou a porta, como que foi? Tipo, fechou a porta e aí falaram alguma coisa pra você?

Speaker2: [00:16:35.73] Foi tumulto assim. Tipo, aproveitaram que ele estava, que eu ia estava brigando.

Speaker1: [00:16:40.14] Ah tá, vocês estavam discutindo, não sei?

Speaker2: [00:16:41.98] Isso. E aí Porque ultimamente? Não, assim, como que eu ia explicar? Sabe quando, ai que os meninos falar, hoje você vai brigar, que briga está boa.

Speaker1: [00:16:50.94] Ai, bacana.

Speaker2: [00:16:51.58] Aí ia me defender na saída. Isso, aí ia me defender, né? Só que na minha cabeça era só eu e ele, só que aí as meninas veio tudo. Isso imagina tudo.

Speaker1: [00:16:58.94] Então, mas aí algum dos meninos fecha 1 porta? Isso. Da sala

Speaker2: [00:17:02.22] De aula?

Speaker1: [00:17:03.02] A prefeitura já tinha saído?

Speaker2: [00:17:04.30] Já tinha saído. O pessoal tinha tinha tudo de por recreio, né? Ah era recreio. Era recreio, não sei. E aí eles fecharam pra me bater, e aí eu apanhei lá dentro.

Speaker1: [00:17:12.48] E aí deram o que que eles precisavam?

Speaker2: [00:17:13.91] Ah, era Acho que eles descansado né? Tá bom,

Speaker1: [00:17:39.52] Tá bom. E aí

Speaker2: [00:17:40.32] Foi, isso, aí foram embora, e aí eu lembro que eu fiquei bem triste, bem chateado. E aí

Speaker1: [00:17:44.96] Você sai da sala?

Speaker2: [00:17:46.72] E aí depois eu saio, eu fiquei lá, acho que eu fiquei lá dentro, não saí. Que imagina que está com vergonha, né? Eu acho que eu segurei o o choro só pra não Não piorar, não sei se

Speaker1: [00:17:59.38] Não Não

Speaker2: [00:18:05.55] Conteí nada com meus pais também.

Speaker1: [00:18:06.83] Mas nem nessas não houve intervenção dos profissionais da escola?

Speaker2: [00:18:10.27] É porque eles não viram né está a porta fechada, e eu estava lá dentro da sala.

Speaker1: [00:18:14.99] E aí você também não falou pra professora não falou pra ninguém?

Speaker2: [00:18:17.23] Não falei pra ninguém. Mantive porque eu achei que você ia piorar né amigo? Se eu falasse, que ia prorrogar isso ou que eles depois iam me bater mais, a gente tem esse medo, né?

Speaker1: [00:18:26.15] Ah sim. A gente

Speaker2: [00:18:26.95] Passa falar pro professor ou falar

Speaker1: [00:18:28.39] E sair pra fora da escola também, né?

Speaker2: [00:18:30.23] É, depois eles me bater mais. E aí ficou por isso mesmo, sabe?

Speaker1: [00:18:33.67] E aí, nem nunca soube, morreu. Apanhou.

Speaker2: [00:18:37.33] Aham. O engraçado é que depois, tipo, eu não fiquei com raiva dele, sabe? Continuei conversando normal depois, querido? Vamos fazer idiota, né? Como a gente é idiota, cara.

Speaker1: [00:18:47.01] Mas eu acho que é muito isso de inocente mesmo mesmo.

Speaker2: [00:18:50.41] Aham. Você não pensa tipo, aquela pessoa fez mal né sei lá a gente

Speaker1: [00:18:56.97] Você imagina 7 pessoas juntando você pro papel ela tem

Speaker2: [00:19:00.09] Preço de te

Speaker1: [00:19:01.14] Violentar mesmo. Sabe?

Speaker2: [00:19:03.63] E tipo às vezes elas se acham inferior né, no sentido de caça, é mais apanhar, se é inferior, você não, sei lá, você é Você

Speaker1: [00:19:10.18] Me laguinho. Tipo assim, a gente não quer você aqui.

Speaker2: [00:19:14.13] É essa a sensação que

Speaker1: [00:19:14.26] Fica né? Você lembra de algum momento de algum outro xingamento ou de algum outro termo que eles utilizavam pra se referir a você? Tipo além de bambi e bom.

Speaker2: [00:19:38.09] Existe dieta.

Speaker1: [00:19:38.73] Existe dieta, que você falou?

Speaker2: [00:19:40.33] Não, no restante era normal, né amigo? Gay, gayzinho, enviado, essas Bichinho né?

Speaker1: [00:19:58.89] Nossa que horror. Bichinho.

Speaker2: [00:20:13.17] Aquela que me batia, que ela me chamou de bambi também.

Speaker1: [00:20:16.85] A menina que te batia?

Speaker2: [00:20:18.29] E o que ela falava? Me chamou de bambi.

Speaker1: [00:20:21.17] E te batia. Mas

Speaker2: [00:20:23.73] Aí os meninos também eu acho que eles fomentava isso dela me bater, sabe? Ela é

Speaker1: [00:20:26.76] Lésbica. Ela é lésbica. Você sabe, você sabia ela hoje?

Speaker2: [00:20:30.67] Sei, e a gente virou amigo depois. Quem? Ela chama Simone. É que agora mudou o nome, ela chama Simon, né? Mas ela, ela se chama Simone.

Speaker1: [00:20:39.16] Ah, é trans?

Speaker2: [00:20:41.82] Aham. Ela sempre, assim, nessa época ela era vestida de mulher ainda. Ela usava umas trancinha, mas aí depois quando eu conheci ela de novo ela já era mais menininha. Aí já estava o cabelo curto, estava roupa de masculina.

Speaker1: [00:20:53.12] Está vendo? Acho que isso pode estar atrelado também a não aceitação dela.

Speaker2: [00:20:56.74] Sim. Provavelmente.

Speaker1: [00:20:58.90] Que externalizava ela isso dessa forma.

Speaker2: [00:21:00.98] E a família dela era crente, sabe? Então é 1 situação bem difícil.

Speaker1: [00:21:07.60] E aí batia gratuitamente diariamente nesse

Speaker2: [00:21:10.00] Toque? Uhum. E depois a gente acabou virando amigo sabe? E foi muito engraçado.

Speaker1: [00:21:13.84] Além da dessa vez da da professora de geografia você lembra de algum outro momento em que você, em que aconteceu algum caso de escoado, ou com que a diretoria fez alguma coisa?

Speaker2: [00:21:25.17] Ah teve dia que a menina, eu não sei, eu acho que eu sempre tive essa coisa de de, não vou explicar. De não conseguir me defender sabe? E acho que o pessoal aproveitava muito disso. Aí teve aí teve dia eu lembro com 1 menina, é maloqueira né, estava bem, e aí ela pegou e estava tratando de ela que estava, ela estava inflamada 1 coisa assim.

Speaker1: [00:21:53.67] Você lembra quantos anos? 7 anos? Também

Speaker2: [00:21:56.15] Era na sétima série. Acho que dos pior ano da minha vida naquela sétima série. E aí, ela pegou e estava passando na de cronograma no no negocinho do piercing dela, ela acabou e passou na minha boca. A de cronograma? Aham. E aí eu acho que foi sentimento assim

Speaker1: [00:22:15.35] Mas você era no banheiro?

Speaker2: [00:22:16.54] Na sala de aula. Acho que sentimento tão assim de, cara, vai acabar fazendo comigo mano. E aí eu fiquei muito mal aquele dia sabe? Aí foi onde eu levei

Speaker1: [00:22:25.18] De Humilhação né?

Speaker2: [00:22:25.90] É, de Humilhação, aí foi onde eu levei professor. Não pensei, eu acho que eu fiquei tão mal que aí depois até ela começou, eu fico com medo de dar a minha bateria e depois saindo, que ela era briguenta. E pelo menos ela não me bateu não, eu só fico falando depois de Fomes o ano, acho que o resto do ano, falando que eu tinha ficado em choque por causa da Dipirona.

Speaker1: [00:22:43.99] Em choque né? Sei lá você precisa.

Speaker2: [00:22:45.83] Aham, você não está em choque e não sei o que. Mas eu acho que foi o sentimento mesmo de humilhação né? Que eu fiquei tão mal. Aí eu falei professor, aí ele foi lá me, perguntou eu queria ir lá na diretoria e tal. E esse dia ele me ele me acolheu também

professor, me acolheu bem. Só que tipo, foi muito ruim sabe? Ia ter com medo depois dela fazer alguma coisa comigo depois também.

Speaker1: [00:23:05.89] E sabe aquela outra coisa que marca, esses professores que ajudaram, sabe? Marca bastante, não marca?

Speaker2: [00:23:10.19] Marca mesmo.

Speaker1: [00:23:11.71] Eu também lembro, sabe? Tipo, exatamente de, os pouquíssimos funcionários que me emprestaram apoio, sabe? Durante esses momentos de fragilidade.

Speaker2: [00:23:18.51] Ah, você se sente abraçado, né amiga? Isso é muito bom. Né? É 1 coisa assim inesquecível, você jamais esquece né? A outra coisa que eu lembrei agora, ninguém quer dizer, não sei se você já se você cresceu com esse negócio, tipo assim ah você está em algum lugar, aí tem a você sempre acha que é de você sabe? Sim é Você cresceu com esse negócio? Eu acho

Speaker1: [00:23:36.23] Que está atrelado a isso que a gente aconteceu

Speaker2: [00:23:37.91] Na escola. Sim. Até hoje eu sinto pouco, mas eu senti mais, até hoje eu sinto pouco disso. E achar que as pessoas estão rindo de mim, eu vou começar a dançar?

Speaker1: [00:23:46.13] É, eu acho que, a partir do momento que a gente começa esse processo de auto aceitação, eu acho que já começa a gente já começa a se libertar pouco né? Dessa desse seria da preocupação assim do estereótipo pras pessoas sobre a gente. Mas até hoje eu acho inclusive eu acho que esse lance da aceitação também até hoje assim é processo de se tratar sabe?

Speaker2: [00:24:06.13] Sim. Porque

Speaker1: [00:24:06.53] Às vezes eu entro em em em confronto comigo mesmo sabe, em algum confronto interno de tipo, meu Deus será que tipo não tem como mudar mesmo? Eu não sei se você faz, se tem algum momento que você vive isso sabe disso?

Speaker2: [00:24:17.98] Aham, assim hoje em dia eu, me aceitei assim né, gosto, é que às vezes eu tenho, às vezes eu tenho a impressão de alguns problemas que eu tenho, mas eu fico pensando será que seria diferente? Né se eu não se eu fosse será que seria diferente? Será que eu não passaria por isso, sabe? Então acho que, tipo, é nessa parte que ainda pega pouco ainda.

Speaker1: [00:24:37.99] Cara, por exemplo, será que o será que 2 moleque hétero sendo numa mesa pra gente conversar sobre isso?

Speaker2: [00:24:43.91] Com certeza não né? A gente estaria falando das mulheres, a gente vai pegar que pegou vai pegar final de semana aquele. Não é?

Speaker1: [00:24:51.80] 1 coisa que marcou muito, eu estava pelo menos pro Fábio ontem, porque depois que eu me formei acho que foi em 2022, eu me formei em 2022 por aí, eu me assumi em 2020 e antes disso nunca tinha ficado com nenhum menino, nunca nem tinha conversado nada.

Speaker2: [00:25:06.07] Olha aí a Mari.

Speaker1: [00:25:07.27] E aí, em 2022, eu já tinha me sumido, já, acho que eu estava namorando, estava namorando, não via. E aí menino que foi assim dos meninos que mais fez bolo comigo, eu bebi assim, nem sempre pra aumentar.

Speaker2: [00:25:25.42] Ele me

Speaker1: [00:25:25.82] Mandou mensagem no mês seja, me pedindo perdão pelas coisas que fazer comigo na escola.

Speaker2: [00:25:29.34] Nossa amiga legal isso. Isso não é bom muito

Speaker1: [00:25:32.64] Assim sabe tipo, inclusive depois eu tenho que

Speaker2: [00:25:34.88] Eu acredito olha, nossa é 1 coisa assim, bonita de se ver né? Eu imaginei.

Speaker1: [00:25:39.84] É então, isso, mais 1 vez confirma o que eu estou falando sabe eu acho que as pessoas, até para se sentir inclusa, porque elas vão ver grupo de meninas, praticando bullying comigo me discriminando

Speaker2: [00:25:51.65] Também vou

Speaker1: [00:25:52.37] Entrar no grupo dela e discriminando, porque eu não vou ficar do lado que está sendo menos presa

Speaker2: [00:25:55.57] Mesmo, porque

Speaker1: [00:25:57.33] Eu não sei de alta né?

Speaker2: [00:26:05.41] É ué. Sim. E

Speaker1: [00:26:08.22] Aonde que essa omissão dos professores é é algo que eu estava muito, sabe? Tipo, mano, como que eles não

Speaker2: [00:26:14.58] Fizeram nada, sabe? Tipo. Quem deveria estar ali pra pra proteger, né, pra pra intervir nessas situações e deixar acontecer, né?

Speaker1: [00:26:22.18] Lembra tipo, mano, era 1 vez, que eu, estava no intervalo, essa escola onde estava o base, ela era a extensão de 1 outra escola, porque na outra escola onde a gente tinha que estar, então cabia. Eles abriram nessa escola onde funcionava a Secretaria de Educação Municipal, eles abriram 2 salas. Então era tipo 2 salas de 20 e poucos alunos. Então só tinha gente, tipo 40 e poucos alunos da escola. Tinha uns dias. Então todo mundo com a esquerda, então era zoadado por todo mundo pelos 40 e

Speaker2: [00:26:49.57] Poucos alunos. Amigo do céu.

Speaker1: [00:26:51.01] E aí eu lembro 1 vez que eu estava comendo, ela até era galinhada. Uhum. E aí eu fui sentar na mesa e não estava sentado porque eu fui dos últimos a pegar comida. Quando eu fui sentar na mesa que só tinha espaço na mesa, que ali tinha tinha 4 meses de respeitar no médico.

Speaker2: [00:27:04.88] Que era por uns anos.

Speaker1: [00:27:06.78] E aí estavam todas lotadas, fiquei todo mundo comigo. E aí eu fui sentar na mesa de onde tinha espaços. E aí menino, eu lembro que ele chama Vinicius. Uhum.

E mais 1 vez, ele aqui. Só que ele é gay assim tão brincado sabe, igual a gente vê se ficou maloqueiro e tal. Misericórdia. E aí ele faz eu levantar, e eu levanto, levanto segurando o prato, você entendeu o que está acontecendo? Ele me dá 1 rasteira, eu caio, o prato cai, a comida cai.

Speaker2: [00:27:33.77] Que maldade.

Speaker1: [00:27:35.87] Aí eu levo e ainda eu pego o prato, levo lá no coisa e tipo assim nessa hora, todos, você já sabe né aquele nosso, quebrou o prato na escola, o povo começa a gritar e causa. É assim?

Speaker2: [00:27:49.89] Nossa e agora viu?

Speaker1: [00:27:50.01] E aí eu caio, eu caio o prato de comida, o prato de comida cai, a comida cai, eu pego o prato, o prato não quebrou, pega o prato, pega o a colher, e cola, e enquanto isso todo mundo bateu na mesa, e grita. E eu passo o meio de todo mundo e vou pra sala, volto pra sala. E tipo nisso? Os 2 inspetores as funcionários do Brasil.

Speaker2: [00:28:12.11] Não fizeram nada.

Speaker1: [00:28:16.51] Não sei como fizeram o cavalo.

Speaker2: [00:28:19.17] Eles fizeram se pegar ou?

Speaker1: [00:28:20.77] Não, fizeram.

Speaker2: [00:28:21.21] Ah tá.

Speaker1: [00:28:23.49] Sabe tipo, não foi isso, não foi a única vez, sabe? Sempre eles fizeram isso? Eles prenderam, eles desamarravam a mochila, sabe? Na cadeira. Foi 1 vez colocaram cadeado na alça da mochila.

Speaker2: [00:28:34.96] Gente do sol.

Speaker1: [00:28:36.24] Não sei se era cadeado de bicicleta, sei lá, o que quiser.

Speaker2: [00:28:39.92] De quem, não tentava te empurrar a pupila pro feminino não, né? Fica tentado. Fazer esse cabelo.

Speaker1: [00:28:44.40] Não, não, esse é então assim, pô. Questão de banheiro, eu nunca fui no banheiro nesse carro,

Speaker2: [00:28:49.67] Nunca. Nossa amiga. Por

Speaker1: [00:28:53.35] Exemplo, aqui no geral, eu cheguei assim, morri de medo. Inclusive eu vim de Morrogudo por conta do bullying nesse cara. Que vocês descobriram e tal. E aí nesse momento, porque no ensino médio foi assim o pior ano. Que eu fui pra escola técnica, não sei se conhece não. Escola de comércio. E aí piora muito assim, de tipo, ah, dia eu levava. E aí tipo, eu estou com 15 anos. Uhum. Eu estou com 15 anos e aí eu não tinha amizade com ninguém, ia primeiro todos os dias, eu enforcavam quase todos os dias.

Speaker2: [00:29:21.85] Você não queria parar naquele ambiente de ir lá.

Speaker1: [00:29:24.25] Não, eu pegava, os cantos eu ia andar no meio das cano. Olha a perigo do Perigo. E aí ficava andando por aí. Eu tinha medo de eu ir pro cemitério e ficar sentado no supermercado. Porque assim onde o guardião

Speaker2: [00:29:36.96] Não vai

Speaker1: [00:29:37.12] Me ver na cidade? Porque lá tem guardinha sabe na cidade.

Speaker2: [00:29:40.32] Então onde que o guarda Ele sabe de onde você estava.

Speaker1: [00:29:42.08] Porque se o guarda

Speaker2: [00:29:45.86] Porque eu tinha que

Speaker1: [00:29:46.34] Ir de uniforme. Se eu tiver de uniforme sem com mochila, eles me enviam pro conselho tutelar e manda pra escola. Nossa. Então tipo aí não descobriria então não

tinha como. Então eu ficava, e aí eu desenvolvo muita crise de ansiedade, desenvolvo depressão e aí eu fico muito terrível.

**Entrevista Sandra:**

A minha vida não foi fácil, me descobrindo homossexual. Não tive nenhuma aceitação em casa em relação a minha mãe, que é de ser mãe de avó, os dogmas da religião. E meu pai sempre soube, sempre me apoiou de uma forma discreta, vou colocar assim. E na escola, muito preconceito, me chamavam de macho e fêmea, um monte de coisa, né? daquelas sapatão, aquelas coisas bem pejorativas. Mas eu sempre tive uma coisa comigo que eu era eu e foda-se. Então, quando alguém fazia isso comigo, eu metia o couro mesmo, batia as pessoas, era muito agressiva mesmo, porque eu não aceitava a forma que me tratavam. E com o tempo, eu fui mudando isso porque as pessoas não conseguiam me ofender mais. Então elas pararam e viraram até amigos meus. Porque eu mostrei quem eu era. Mas foi muito difícil, né? O choque é a primeira coisa. Você fica, porra, eu sou estranha, né? Porque na época eu tenho 51 anos. Na minha época foi muito difícil. preocupados, né? Não sei se é pelas leis que existem hoje no Brasil e no mundo, em tratar a gente melhor. Mas na minha época até cuspiam assim no chão quando eu passava, tipo, ai que nojenta, chupa perereca, sabe? Coisas assim. E isso na época de escola? Na época de escola. Você lembra quantos anos mais ou menos? Ah, eu tinha uns 10 anos, uns 10, não, na quinta série, é 10 anos, eu entrei na quinta série, 10 anos. Eu já sabia que não era. Eu gosto da quinta série que começou isso mais. Sim, sim, na quinta série. Em que cidade é isso? Salvador. Você morava em Salvador? Morava em Salvador. Você lembra o bairro que você morava lá? Paripe. Paripe. Paripe. Subúrbio de Salvador. Perfeito. E era complicado, porque eu mesmo não me entendia. Eu só tinha tendências assim, eu gostava de jogar bola, peão, nada de mulher, nada de vestido, nada de saia e tal. Então era muito tendencioso. É só gostar de coisa de moleque mesmo. E eu sofria muito por isso. Tanto dentro de casa, né? Com a minha mãe, que de jeito nenhum, que você é mulher, você tem que usar isso, tem que usar aquilo. E eu sempre era o contrário. Mas assim, de sofrer, de alguém me machucar, bater alguma coisa, não. Com palavras assim. Bater, não. Porque talvez que batia, ou batia pior, né? Mas aconteceu de você apanhar, de alguma coisa do tipo? Não. Nunca aconteceu? Não, nunca, porque eu nunca deixei, né? E essa discriminação verbal, ela vinha mais dos meninos ou das meninas? Ou de ambos? Ambos, ambos. E aconteceu alguma coisa com o professor, alguma coisa do tipo? Não, o professor não. Sempre me entenderam, não sei. Graças a Deus, tive essa sorte. E quando isso acontecia, por exemplo, dentro da escola, se os professores viam, eles faziam alguma coisa? Sim, sim. A professora Vladimir, olha o nome dela. Vladimir. Porque

tanto mulher como homem, né? Sim. E ela é professora de matemática. Um dia alguém falou alguma merda lá, ela me defendia, entendeu? E isso naquela é poca, né? Naquela época. Se hoje já não se fala muito, né? Imagina. Então. Quarenta anos atrás. Cinquenta, né, amigo? Cinquenta e um. É, quarenta anos porque é dez anos. Exatamente, tá certo. Então é isso, sabe? Eu usava da minha força, não só física, psicológica também, para mostrar para as pessoas que eu era aquilo, mas eu não era nenhum bicho, eu não era nada de anormal. E nessa época você já se descobriu e você já se aceita? Sim. É um processo? Tranquilo, tranquilo. Para você, você conseguiu compreender isso em você? Sim. E aí, por exemplo, você sempre teve características físicas, por exemplo, mais fortes do que as outras meninas da sua sala? Sim, sim. E aí por isso que você ia no braço com o pessoal? Baixava o couro. Sempre gostou de futebol na escola também? Sempre, desde quando nasci, assim, eu lembro que meu primeiro presente foi uma bola, chuveirinho, que era a cara dos ricos, assim, ó, meu pai que me deu. Por isso que eu te falo, meu pai já sabia, tipo, ó, é um molequinho mesmo. Sempre, sempre, sempre, sempre. E na escola, por exemplo, você tinha abertura para a prática desses partos? Sim, sim, total. Eu era capitão do time, né? Sim, aquele episódio que você tinha falado, que uma vez você tinha levado alguma coisa, não lembro o que era, que você tinha levado para a escola, que você tinha marcado o brinco, alguma coisa assim. Ah, o revolver, o revolver do meu pai. Ele tinha um revolver? Tinha, um 38, tal, cinco tiros, cano curto. E aí o moleque falou que ia me pegar, que ia me bater. Eu falei, é? Então tá bom. Amanhã eu vou te pegar na porta da escola. Eu falei, beleza. E você tinha quantos anos? Tinha 13. Aí eu falei, então beleza. Enchi, carreguei, pá. Eu já sabia tirar que meu pai tinha me ensinado. Aí eu falei, eu vim na escola. Aí eles vieram. Eu falei, pode vir, gente. E você era quantos anos? Você lembra? Eu tinha 13. 86. Não, mas tipo, quantos meninos tinham mais ou menos? Que queriam te pegar? Uns 5, uns 5 moleques. E isso motivando? Por discriminação? Discriminação, tipo, ah, você não vai jogar no time, porque eu ganhei deles, no futebol, eles ficaram putos, porque como é uma mulher vagar de mim? Aí eu ganhei deles, aí eles falaram, ah, vou te pegar amanhã, eu falei, então pode vir, gente, fica à vontade. Aí eu peguei o revólver e levei na escola. Com a mochila nas costas, sim, aí eu pus a mochila pra frente, abri o zip, meti a mão no revólver, fiquei dentro da mochila. E eles foram vindo, eu falei, pode vir, gente. Foi vindo, eu pá, pode vir, vocês querem vir mesmo? Ó! Todo mundo correu? Nunca mais, ninguém mexeu comigo. Eu, se me relasse, eu tacava o pau, não tava nem aí. E você não viu alguma briga assim que você bateu no pessoal? Ah, muito aí. Tem uma menina que eu arrastei ela, assim, da escada do, que a gente dava embaixo, no pátio, em cima, assim, eu fui descendo com ela, arrastando pelo cabelo, assim, enrolei e fui pela escada. Porque ela me chamou de sapatão, desgraçado, originário. Falei, é? Então você vai ver que é

ordinária agora. E a impressão é que isso te marca a ponta de voc ê lembrar até hoje, né? Lembro. E isso te afetava, por exemplo, no seu rendimento escolar? Não. Sempre fui inteligente, graças a Deus. Sempre tive boas notas. Isso aí não. E você nunca foi tímida também? Não. Nunca fui retraída. Tem. Por que tem? Ah, tá. Porque geralmente o pessoal que sofre isso tende a desenvolver timidez. Não, nada disso a í. O negócio é na pancada. Tudo eu resolvia na pancada. Falou de mim? Pancada. A gente gravou. Tá gravando? Ah, tá. Era isso, sabe? Nunca foi coitadinha. E como você me lidava com isso? Ah, me batendo, né? Ela te batia? Muito. Porque ela não aceitava? Não. Porque tipo, quando dava na mão era na xilingue, sabe? Badog? Vocês falam aqui? Não dava, eu pá na cabeça, estourava e tinha que pagar remédio. Eu era assim. Vocês xilingavam os meninos? Aham. Que perigo. Tinha apoio da sua avó também, né? Aham. Apoio da sua avó? Não, apoio. Apoio. A minha avó falava pra mim, você tem que ser quem você é, não é que sua mãe que vai determinar quem você é. Você tem que ser o que você é. Sua avó não era religiosa? Não, é católica. Ah, tá. E minha avó falava, se você nasceu assim, filho, algum propósito de Deus você tem. Você é assim e continue assim. Você não vai mudar porque a pessoa acha que é errado, etc. Quem é nós? Quem julga é Deus. Pensou muito bem, né? Opa! A frente do tempo dela. A frente do tempo dela. Minha av ó sempre foi a frente. Muito. visionária, sabe? Minha avó falava umas coisas que hoje eu falo assim, meu Deus, olha o que minha avó falava, o que tá acontecendo? E ela também era de Salvador? Salvador também. Minha avó morreu com 96 anos. E aí quando você vem, você fala do futebol que você jogou, né? E como que funciona isso? Como acontece isso? Acontece que eu jogava bola na rua e tal, aí um cara me viu, aí falou assim, ó, Na rua mesmo? Na rua, com os moleques. Pé descalço e tal. Ou, quer jogar até um time e tal, de meninas e tal. Você quer jogar? Ah, quero. Aí eu tinha que esperar meu pai chegar, porque meu pai trabalhava na Petrobras. Então, 15 dias no mar e 15 dias em terra. Aí meu pai chegou, eu falei, ó, pai, tal, tal, tal. Ele, ó, se não mudar suas notas, tchau. Quer pausar a pele? Pode pausar, tá super bom. Tchau. Tchau, meu amor. E aí foi isso, sabe? Aí eu fui pro primeiro time, aí o cara me viu jogando no time, me chamou, eu também fiz a mesma coisa, o mesmo processo. Até que eu cheguei no Eurosport Campomar, que foi o time que me trouxe pra São Paulo. Por qu ê? Eu fui jogar um campeonato paulista, um amistoso, seleção paulista e seleção brasileira. E o Cadu Corinthians, que era o Ademar Júnior, que já é falecido, ele gostou do meu jogo e me chamou pra jogar no Corinthians. Porque eu fiquei dois anos, depois fui para o Palmeiras, depois joguei no Nacional, Capo Variano, depois joguei em Araraquara na Ferroviária e depois futebol de salão e aposentei. Muito bom. E aí você aposenta com quantos anos de futebol? 36 anos. E como que era a sua infância, por exemplo, na rua? Pensando que você estudava de manhã? É. Quinta e oitava série de manhã.

Sexta e sétima, que na época era isso, à tarde. O seu convívio ali era mais com meninos? Mais com os meninos, sempre. E aí a brincadeira na rua ou futebol? Futebol. Sempre futebol. Soltando pipa, pião, bolinha de gude. E aí você acha que isso contribuía para que as pessoas tivessem esse estereótipo de você? Sim. Inclusive sua mãe. Minha mãe é uma menina diferente. Porque as minhas estavam brincando de bonequinha, de fazer casinha. E eu estava ali com os moleques, jogando bola, soltando pipa, correndo atrás de pipa. Lógico, contribuiu. Mas a maldade que tinham antes, lá na minha época, hoje eles são, não que eles não tenham hoje as pessoas, mas que hoje é mascarado. Você não pode falar. Não é que você não quer falar, é que você não pode. Mas o preconceito continua o mesmo. Nessa merda de sociedade, continua do mesmo jeito. Só que hoje eles não podem, então eles têm uma lei, né? Então eles têm que ficar inibidos. Mas o olhar, você percebe. O olhar discrimina, né? Sim. Sim. E muito. Você sente. Só que você finge demência, né? Eu, pelo menos, fiz de demência. É. Que é uma forma que você desenvolveu pra lidar com isso, né? Sim. Criar uma armadura, né? Pra você poder lidar com a sociedade podre que é a nossa. Sim. Antes, a violência era um caminho, né? É. Hoje, não. Hoje eu não. Essa reação mais...? Mais tranquila. Desde que a pessoa não venha me ofender. Se me ofender, aí é tiro, porrada e bomba. Não tenho problema nenhum com isso. Veio, me ofendeu, eu baixo o couro. Sem pensar duas vezes. Porque eu acho assim, cara, você tem o seu mundinho, eu tenho o meu, cadê o seu? Viva no seu, pá. Tranquilo. Não vem tirar onda com a minha cara que não cola. Eu sou muito de boa, mas se baixar o pano preto, aí o negócio fica feio. Você lembra de mais algum caso na escola? Tipo, essa menina que você falou da escola. Ah, teve o Jailson. Um moleque também, que eu tava jogando bola, e tipo, eu dei um passo, o menino fez o gol, eu fiz, eeh, gol, cara. Ele veio e me deu uma rasteira. Isso por quantos anos, será? Doze. E tinha um tijolo assim, ó, do lado. Aí eu taquei na cabeça dele. Isso na escola? Na escola. Aí teve que chamar minha mãe, meu pai, pra ir lá. E essa escola era no mesmo bairro que você morava? Sim. Chama Barroso. Almirante Barroso. Colégio Almirante Barroso. Aí chamaram minha mãe, tudo. Aí minha mãe foi, né, já sabia que ia apanhar que eu chegasse em casa, tudo. Aí você levou suspensão? Aham. Cinco dias. E o menino? Cheio de ponto na cabeça, fazer o que? E pra você era normal isso? Pra mim era. Não me bateu. Tem uma reação, né? Um astrão tem uma reação. Eu não tava mexendo com ninguém, tava só jogando a minha bola. Vai me bater? Aí eu não ia chorar. Ai, meu Deus! Não. Bateu em mim, eu vou bater em você também. É uma forma de reação, né? Algumas pessoas Não reagem, né? Eu não sou uma pessoa de me vitimizar, assim, tipo, ai meu Deus, porque eu apanhei? Não, eu era sempre assim, reativa, totalmente, totalmente. Me bateu? Podia até não ser no mesmo dia, porque ainda tenho essa coisa, no mesmo dia. Ah, não? Morte, pego. Primeira oportunidade

que eu tinha de fazer. Você calculava, né? Como que era esse processo? Eu tinha muito isso quando era criança, porque eu também passei por processos de bullying, né? E aí eu sempre ficava, mas eu nunca cheguei a agredir ninguém, só que eu sempre ficava pensando assim, sabe? Planejando, qual que eu ia fazer com a pessoa, sabe? Eu planejava e executava o negócio. Meu primo uma vez, eu tava soltando uma pipa, e eu, né, ali, ó, ligada na pipa, não sei o que, ele veio e pá, estourou a pipa e foi. Nossa, que maldade. Velho, velho. Que dia que nervoso eu fiquei nesse dia. Falei, vou te pegar. Ele era maior que eu, mano. Mais velho que eu. O Tildo, o Tildo. Aí eu, tá bom. Aí ele tava indo pra casa do namorado dele, que hoje é a esposa dele. Aí eu peguei o estilingue, ele tava entrando assim, ó. Nas costas dele. Uma bolinha de gude. Pá, ele deu. Nossa senhora. Por causa da minha pipa. E ó, me vazei. Menina. Mas ele me xingava depois. Queria me pegar lá em casa pra me bater. A minha mãe, não, você não vai bater não. Foi o único dia que a minha mãe defendeu disso. Porque eu tinha contato com a mãe. Falei, ô, eu tava ali, na casa da minha avó, não sei o que, não sei o que. Aí minha mãe, e ele fez isso? Aí não pode, você tava na casa da sua avó, você fez isso no meio da rua? Tudo bem, mas tava na sua avó, né? Aí eu dei a mesma, não, você vai entrar aqui e vai bater, não. Mas mandei. Era ruim, bim do céu. Essas coisas eram ruins mesmo. É muito bom pensar que talvez isso possa ser fruto do que as pessoas praticavam com você, né? Sim. Porque tem alimentado isso em você, né? Totalmente. Eu tinha que me defender de alguma forma. Que jeito que eu me defendo? Falando? Se todo mundo era uma pessoa. A sociedade na época, na minha época, era mais triste do que a que é hoje. Era todo mundo, ah, porque ela tá errada. Eu era errada. Eu era o erro. Eu não tinha apoio. Eu tinha apoio, assim, da minha avó, do meu pai que sabia. Mas você não tem, é uma pressão em cima de você. Você faz o quê? Ou você chora ou você reage. Eu preferi reagir. E minha reação era tá agredindo. Você lembra se na escola tinha outras pessoas lésbicas? Tinha, tinha. Tinha um rapaz, o Francisco, que ele era tadinho, sofreu muito bullying. Só que ele não era reativo, entendeu? Aí, tipo, eu às vezes defendia ele, porque os moleques trancavam ele dentro do banheiro. Os moleques, sabe, passavam, é, nossa, muita coisa. Pode falar, pode falar, fala. Tipo, uma vez pegaram ele, levaram o passo de dente, passaram no botão do moleque, baixaram as calças dele, passaram o passo de dente. É, muita coisa. Sabe? Ele sofreu muito, tadinho. É, talvez ele também tenha sofrido, não tenha, porque talvez não se aceitava também. Eu acho que essa reação sua talvez seja porque você também se aceitava. Então talvez era mais fácil de lidar, né? Sim. Porque geralmente quando vem essa descoberta de que a pessoa é uma pessoa homossexual, por exemplo, junta o fato da sociedade não aceitar com ela própria não se aceitar. A í fica muito mais difícil, né? É, porque essa posição de vítima, ela é uma realidade, né? Não tem como não dar. Sempre gostei de mim do jeito que

eu sou, até hoje. Sabe, eu tenho meus erros, tenho meus acertos, mas sempre gostei de mim do jeito que eu sou. Com a cabeça que eu tenho, com o tropezo da vida, mas sempre gostei de mim do jeito que eu sou. Nunca cria um personagem, né? Porque geralmente as pessoas que são homossexuais, pra serem aceitas, elas criam um personagem. Exato. Entendeu? E é foda isso, mano. Porque aí as pessoas, elas sabem que você é, você tá criando um personagem, aí você já tá com mais ainda. Quando você bate no peito e fala assim, eu sou isso aí, mano. As pessoas já dar uma recuada, entendeu? Mas a partir do momento que você cria um personagem, as pessoas falam, olha lá, é viado, eu acho que não sabe. É sapatão, eu acho que não sabe. Entendeu? É uma merda isso. Então, ou você é, ou você não é. E a gente tem que bater no peito e saber quem a gente é. Primeiro, se descobrir. É, o problema da escola é isso, né? Porque talvez a pessoa é tão nova, já está sendo inserida nessa Discriminação que talvez nem ela própria se descobriu ainda. Talvez ela nem se descobriu, tendo que passar por um processo de aceitar o que ela nem sabe o que ela é. Sim, exatamente. Mas as pessoas não dão esse tempo pra você. É, não dão. É isso. Se você tem características homossexuais, as pessoas já estão te julgando. Ah, você já é, né? Você já é. Você nem sabe. Mas você já é. Aí até a sua descoberta, você já tá sendo maiado já. Exato. Entendeu? É tudo isso. A porra do preconceito é tão foda que você não tem direito em você dar um tempo pra você, pra sua cabeça. É isso que eu quero. Você conversar com o seu corpo, né? Tipo, ah, eu gosto de ficar com menina. Ah, eu gosto de ficar com menina. Não, você não tem esse tempo. Resolve. Porque eu já tô te julgando já. É. Essa mesmo. E aí, na escola, em casa? Em casa, é porque é sua mãe, sabe? A gente deveria te acolher, né? Você já é a primeira que já se toma. Minha mãe me criou assim, ó. Passei a Amélia, igual ela foi, meu pai. Então, limpar a casa, por isso que eu odeio limpar a casa, essas coisas, não gosto por causa disso. Limpar a casa. Eu passei o quarto, organizar o quarto dos meus irmãos, o dela, tudo bonitinho. Meus irmãos chegavam, podia com o pé sujo, sujar tudo. Mãe, acabei de limpar aqui, olha aqui. Você é mulher, você tem que fazer isso. Sempre com essa questão, sabe? Você é mulher, você não pode porra nenhuma. Sim. Nessa minha vida que eu quero. Que é fruto de uma construção social também, né? Ela era vítima disso. Exatamente, estruturada. Sim, minha mãe é coitada. Tem um dó hoje. Minha mãe trabalhava numa fábrica de chocolate, meu pai conheceu minha mãe, gostou de namorar com meu pai, meu pai era testemunha de Jeová já desde essa época. Aí meu pai falou, não, você não vai tirar você da religião, não sei o quê, não sei o quê. Não, você pode continuar trabalhando. Casou, mesmo que ele fez. Tirou da religião e do trabalho. Você não precisa trabalhar, o que eu ganho é o sucesso da família. Está criando dependência financeira, né? Ele fazia o que ele queria, né? Meu pai sempre mulherengo, meu pai sempre Enes. Eu só vou saber quantos irmãos eu tenho mesmo no dia que meu pai morrer.

Ver se vai chegar de excursão ou não. É, ué, estou sendo real. E minha mãe sempre Amélia. Sempre ali, devotada aos filhos, à casa, ao meu pai. Então, ela teve essa vida, mas eu não queria essa vida para mim. Não que minha mãe seja uma pessoa ruim, não é isso. Mas ela foi criada nesse sistema. E o meu sistema já era outro. Então, a gente tem um choque muito grande em relação a isso. A gente se dá bem hoje, porque a gente está distante. Mas morar com a minha mãe eu não penso. Ela continua em Salvador? Continuo em Salvador. Falo com ela, né, Silvio? Vídeo de chamada, de conversa, de boa. Mas morar com a minha mãe. Mas o pensamento dela continua o mesmo? O mesmo mesmo, é que é cima de lá. Ela fez um comentário de uma novela, Binho, que é o menino beijou o outro. Ai, eu não assisto mais novela da Globo, porque tá um, faz um tempo, não vou lembrar agora, tipo, de homossexual, né? Ai, beijando homem come, ai meu Deus do céu, que pecado, que não sei o que. E falou pra você? Pra mim. Ai, ué, mãe, então se eu podia abrir mais a cabeça, porque o mundo mudou, mas as leis de Deus, não. Coisa nova. 70 anos minha mãe tem. 70. Não adianta. São coisas que você não tem como mudar mais, sabe? É imutável. Sim. Porque a pessoa é fechada naquilo. É o ideal dela. É o ideal dela. Acabou. É isso. Acho que deu pra traduzir bastante. E no futebol? Tipo, quando você começou a participar de time com as outras meninas, elas também eram, tipo, sapatanas e tal? Sim, a maioria sim. Tinha meninas que não, né? Que não gostavam de mulher e tal, de boa. Mas a maioria gostava. Um relacionamento tranquilo, sabe? Com as meninas e tal, suave. Só uma menina, que é a Milene, que tem um filho com o Ronaldinho. O Ronaldinho Gaúcho? Não, o Ronaldo, o Ronaldão. Ah, o Ronaldo. A Milene. Nossa, que menina tranquila. A gente jogava no Corinthians e ela também jogava. Poxa, uma menina bacana. Qual era a categoria do Corinthians que você jogava? Profissional. E ela, puta, super solista com a gente, assim, sabe? Ela não gostava de mulher, mas ficava sempre com a gente. E a gente protegia meio que ela, assim, eu, a Kelly, a Erika, a Gi. A gente protegia ela porque ela não- Que induziam ela a ser nerd, porque também, tipo, achava que ela era- É, tipo, essa menina fresquinha do caralho. Porque ela era bonita, né? Lourinha, do Zé Azul, né? E tal. E a gente protegia ela porque ela jogava bem e ela não tinha várias oportunidades porque as meninas bloqueavam ela, assim, sabe? Era foda. Você lembra, assim, no período da escola, você viu algum momento, tipo, se os professores falavam sobre, tipo, inclusão social ou pelo menos combater discriminação? Não, não tive isso. Não existia. Não existia. Imagina. Nunca. Mas também a discriminação da parte dele, você falou que não. Não, não. Mas ninguém falava sobre isso. Ninguém falava sobre isso. Era tranquilo. Ninguém falava porra nenhuma. Do Francisco que você falou, da escola. Os professores defendem ele também na mesma proporção? Sim, na mesma proporção. Sim, sim. Mas ele sofreu muito. Você acha que ser um homem gay em uma sociedade machista é

pior do que uma mulher lesba? Eu acho que sim. Porque na visão do homem, eu só fico mais no meio dos meninos. Eles sempre acham que a mulher vai mudar. Se for uma boa transa, a mulher vai mudar. Do homem, não. Do homem, eles já sabem que é aquilo mesmo, o cara é viado. E não sei o que, que é assim que eles falam, né? Eles em inglês ficam também como uma forma de fetiche. Exatamente. Isso eu acho mesmo. Porque eu escuto da boca deles. Não vou falar o nome da pessoa, mas é um homem que tem 14 anos e ela gosta de menina. E ele fala, ah, porque não deu uma comida. Ele não deu uma comida, ela muda de ideia. Sabe o que eu tô falando? Entendeu? E não é isso. Mas o homem, ele sempre fala, ah, o cara é viado mesmo. É, é como algo, uma aversão mesmo, né? Sim. Tanto que, por exemplo, se vê um casal lésbico beijando em público, é uma coisa, né? Ver dois homens beijando é outra, né? Porque duas mulheres beijando é bonito, dois homens é nojento. Nojento, exatamente isso que eles falam. Duas mulheres, a gente entra no meio ali, já pega as duas, entendeu? É diferente. E a agressão, querendo ou não, ela vem sempre. Essa agressão, essa discriminação, ela vem sempre do homem. Sim. Pelo menos de um pensamento. Sim. Machista, né? Exato. Enraizado. O negócio é enraizado ali. Porque eles acham que é ali. Cara, como é que o cara fica com o homem? Que nojento. Isso aqui. As duas meias, gracinha. Entra no meio ali, ó. Também pega as duas. É bem isso. Muito isso. Muito isso. Bobeira, né? Mas é o quê? Você tem fotos de quando você é criança? Ah, tenho, mas tá com minha mãe. Ela não deixa eu pegar nenhuma foto minha. E você não conseguiu pegar nada disso? Nenhuma? Foto, alguma coisa? Foto da foto? Você tem foto. Aquela que você mandou quando você jogava barriga. Não, mas aí é criança. Não, mas você não tem. Adolescente. Pode ser, tipo, na época da escola. Não, na escola não, já jogando bola. Jogando bola eu tenho, eu tenho, mas. Ele ia colocar uma galeria no final do livro, a foto das pessoas. Ou de abertura de cada capítulo, sabe? Porque talvez eu faça cada história um capítulo. E se eu for fazer isso, eu tava pensando em colocar uma foto, sabe, do período da escola. Não, da escola não tem, cara. Comigo não, minha mãe tem, comigo não. Sempre menininha, assim, ó. Sempre. Quando minha mãe cortou minha cabelinha, eu tinha 10 anos. Minha cabelinha era aqui, ó. Eu tinha muito piolho. Muito piolho. Porque eu ficava só no meio dos moleques, pra rua, né? E aí a minha mãe falou, ah, não tem jeito mais. Vou colocar até baigon na minha cabeça. O quê? Baigon. O que é isso? É um remédio? É inseticida, não é? Inseticida, aham. Ela colocou, eu ficava tontinha, assim. Aí jogou creme pra tirar os piores, encheu uma bacia de piores. Meu Deus. Aí minha mãe falou, não tem jeito não, vou ter que cortar o cabelo dessa menina. Cacheado. Cacheado, aqui ó. Era aqui meu cabelo. Aí minha mãe cortou, arrapou. Falei, ó, que felicidade, gente. Aí você descobriu. Aí ficou melhor ainda. E aí cortou não? Não, rasquei do jeito que tá aqui. Rapou seu cabelo? Aham. Ela rapou? Aham. nao,

nao assim do jeito que ta aqui assim curtem tesourinho baixinho e ai acabou nunca mais nunca mais aquele seu você sempre cortava acaba o justificativo inicialmente do pior é adorei adorei me renasci na cinza olha que delicia eu tava na pior que delicia nossa senhora Ah, dá muito trabalho esse cabelo. Aí ela passava velhinho, que era o negócio pra alisar o cabelo. Nossa, aí ela esticava até que eu ficava assim, ó. Ficava assim, nossa, que inferno, gente. De cor, então eu falei, eita porra, libertação. Mas foi isso, sabe? Tipo, eu nunca fui vítima, se eu falar que fui vítima, assim, de Vítima sim. Você nunca aceitou o papel de vítima, né? Não. Eu sempre fui protagonista da minha história. Entendeu? Tipo, eu sou isso e quem não quiser é que se foda. Eu ia pra cima mesmo. Eu sou assim até hoje. Muito bom. Sabe, porque eu acho que assim, talvez o método que eu tenho usado seja errado, de bater nas pessoas. Sim, mas é a única forma que eu tinha pra me proteger. Porque era foda, velho. Você passar os outros cuspiendo. Sabe? Porra, que merda. Meus amigos, um dia que eu falei pros meus, que eu achava que eram meus amigos, achava. Ó, gente, eu gosto de mulher, tô ficando com a moça, tal, tal, tal. Parece, parecia Olha uma foto tua aqui com a Serra. Ah, não. Não, essa é com a Raquel, tava lá na Serra. É, mas Serra. Não, mas tem outra, hein. E aí, sabe, tinha uns rolê, ninguém me chamava. Aí eu encontrava com um encontro assim, ontem a gente foi na casa do Daniel, da hora, fez não sei o que, não te chamaram? Não. Aí você já sentia que você não fazia mais parte daquela coisa. Beleza. Aí eu comecei a aparecer na televisão jogando bola, né? Aí eu voltei pra Paripe, né? Pra ver minha família e tudo. Eu morava ainda em Salvador. Nossa, parecia um amigo de onde eu não tinha. Aí nessa época você é morava em São Paulo? Não, eu morava em São Paulo. Mas voltou pra lá pra visitar. Pra visitar minha família. Eu ia em fevereiro e em dezembro. Isso quantos anos você tinha? 21. Em São Paulo ou na capital mesmo? Na capital mesmo. Eu morava no Parque São Jorge. Dentro do Parque São Jorge mesmo. Que ali é Tatuapé, né? Tatuapé. Eu morava lá dentro. E aí eu vinha. Que eles davam a folga nossa. Que era em fevereiro e em dezembro. Quando eu cheguei na rua lá, parecia que eu era uma celebridade. Os amigos, aqueles amigos. Nossa, parabéns e tal. E eu sou tão assim. Foda. Valeu. Aí aqueles que realmente eram meus amigos, eu abraçava e tal. Ô Sandrinha, que não sei o que, não sei o que. Pô cara, você nem conversava comigo, tá conversando comigo agora por quê? Porque eu falo mesmo, sabe? Não tenho preguiça. Tá conversando. Ô louco, tá desfazendo de mim? Não, você desfaz de mim lá atrás, porra. Só porque eu apareci na televisão? Vai tomar no teu cu, rapaz. Assim, sabe? Eu sou assim, despachado. De boa. De boa, pra mim é mesmo quando eu falar oi. Mesmo quando eu falar oi, pra mim é assim. Nossa, a sanduíche tá metida agora, né? Estrelinha, não sei o que. Tô mesmo, velho. Tô enjoada. E boas? Pra mim? Quantos anos você entrou no profissional? No Corinthians? Com 20 anos. E o rosto que te encontrou na rua foi quantos anos? Tinha 13.

13 anos. que me encontrou na rua jogando bola, a usina chamava o time. Era no Largo do Tororó, em frente à Fonte Nova, o estádio onde joga o Bahia. Aí ele me viu lá, jogando bola na rua com o moleque. Aí eu falei, menina, você joga bem, você quer jogar no meu time? Não, eu falei, uai, quero. Aí ele foi, eu tive que esperar meu pai chegar, tudo, aí meu pai autorizou. Depois foi o ADLAS, que é a Associação Atlética de Luiz Anselmo, que é um bairro lá de Salvador. Seu Ailton veio, conversou com minha mãe, aí eu fui. Depois a Eurosport, que era um time forte, que me trouxe pra cá, me viu e falou, não, eu quero aquela menina pra jogar no meu time. Eu ia conversar comigo, falei, ó, você tem vale-transporte, tem um salário e tal, não sei o que. Eu falei, agora? Tô indo agora. Foi tudo assim, sabe? Eu nunca, Fiz teste, essas coisas. Sempre te olharam? Aham. Olheiro, né? Que é o nome do pessoal. Olheiro, aham. Sempre. Nunca, nunca fiz teste em time nenhum. De falar, ah, vou lá fazer um teste. Não. Sempre assim, natural mesmo. É pra ser, né? É, é pra ser. Muito bom. Muito bom. E a infância sua, como que ela é? Uma infância simples, assim, em Salvador? Ah, muito simples. É, tipo. Até os 15 anos, era meio dondoca, assim, né? Porque meu pai gava bem e a gente tinha tudo dentro de casa. Até os 15 anos. Depois meu pai separou da minha mãe. Aí a nossa qualidade de vida caiu bastante, financeiramente falando. Mas sempre tive tudo o que eu queria, assim. Era possível, minha mãe fazia, entendeu? Então, não tive a gente sofrer de falar, ah, eu passei fome. Ah, não. E as escolas que você estudava eram escolas públicas, escolas particulares? Até a quarta série, escola particular. Aí depois de ginásio, escola pública. E depois de ensino médio também escola pública. E você acha que tinha diferença na forma que as pessoas te tratavam na escola particular e na escola pública? Não. Não? Não. Eu acho que não. Não. Nenhuma coisa pra mim. É porque ontem eu fiz uma entrevista com uma moça lá de St. Joaquim. E ela falou que na escola particular nunca houve caso de discriminação, só que na escola pública sempre. Daí por isso que eu perguntei. Não. Eu tinha o quê? 6, 7 anos. É porque você era bem mais nova também. É. Então não. Até a quarta série eu estudei. Não. Eu pré, primeiro ano, segundo, terceiro e quarto. É, nunca tive não. Se eu falar isso, eu tô mentindo pra você. É isso.

**Entrevista**

**Maria**

**Fernanda:**

[ 00:00:00 ] Na época de escola, eu não me recordo muita coisa, pra te falar a verdade. Porque assim, na verdade, eu sempre fui uma pessoa que não deu muita bola pra essa questão de preconceito e tudo, tudo mais. Lógico, hoje eu tô com 35 anos, né? Então naquela época não se falava de bullying, né? Não existia essa palavra. Naquela época as pessoas mexiam, a gente sabia das pessoas que xingavam a outra, com essas questões de, principalmente, as afeminadas que tinham na escola e tudo. Então, passavam-se por isso. Só que na minha época de escola, eu

não tenho muitas recordações de ter sofrido. Lógico que tinha aqueles meninos que empacavam a vida da gente, que falavam, ah, é menininha, ah, é mariquinha. Isso sempre teve, né? Mas a gente não conhecia isso como bullying, a palavra.

[ 00:00:51 ] Mas é, né? Então, assim, mas eu fui uma pessoa que nunca dei muita importância, né? Mas eu me lembro de situações, tipo, de quando eu tava no jardim de infância, por exemplo, que eu via os menininhos da minha turma, eu tinha o quê? Cinco, seis anos, e eu achava os meninos bonitos. Como, por exemplo, eu tenho uma experiência na minha cabeça Já juntando todos os assuntos Pra gente vir nessa linha de raciocínio Eu no prézinho, por exemplo Eu lembrava que um dia eu chorei porque eu queria ser a noiva da festa junina E não entendia porque eu não podia ser a noiva E porque eu tinha que ser o menino com a menina pra dançar E você chegou a externalizar isso? Essa vontade? Sim Só que aí, eu acho que a professora, na época, eu não lembrava muito.

[ 00:01:34 ] Eu acho que eu cheguei a indagar, e aí ela falou, porque eu vou ser menino. E pra ser noiva, tem que ser menina. E aí, ficou aquilo. Mas na minha cabeça, porque eu já tinha tido, tipo, no jardim, que eu lembrava eu pegando nos menininhos, assim, tipo, entendeu? Chamava muito a atenção isso. Então, eu falava, ai, né? Não entendi o que que era. Mas hoje, eu lembrando disso. Que são coisas que ficou na minha cabeça. A gente já sabe que querendo ou não, eu já mostrava o que eu era. E querendo ou não, no prézinho, a professora nunca me maltratou. Mas eu lembro de uma conversa. Porque você é um menino, e aí pra ser noiva tem que ser menina. E ela explicando essa questão. E aí, foi. Passou.

[ 00:02:17 ] Então, tinha muito essas questões. Na minha época de escola, jardim, prézinha, ali de primeira à quarta série, eu não me lembro muito sobre essas questões de eu ter brigado na escola e tudo, com essas questões de mexer muito comigo. Mas eu lembro que quando eu fui, que eu estudei numa escola particular, E aí, quando eu fui pro Elza, que foi na sexta série, eu lembro que eu sofri um pouco mais de bullying. Que naquela época não existia essa palavra, né? Mas eu sofri um pouco mais do que era na escola particular. Eu via muito essa diferença. Na escola particular, eu não tinha isso. Nunca passei por isso. Não manifestava isso. Apesar de, tipo assim, era super afeminado, né? Minha garrafinha era do Piu Piu, minha bolsa de carrinha era do Teletubbies.

[ 00:02:58 ] Aquelas coisas todas que hoje a gente para pensar e fala. Já era, tipo assim, muito afeminado. Já manifestado. Já manifestado. Mas nunca tive essas questões. Não sei se é porque era uma turma mais restrita. Então era pequeno, todo mundo se respeitava. Eu tinha amizade com todo mundo. A gente já tinha sido criado junto tudo desde pequenininho. Então se, tipo, acostumaram, vamos supor, né. Então não passei. Mas no Elza Miguel, eu já sofri um pouco

mais. Que aí você tá com 11 anos, 12 anos. Isso, por aí. Os meninos já mexiam mais, já chamavam mais de mariquinha. Ah, é, uma menininha, que não sei o quê. Portanto, que eu lembro até de uma situação que eu tava na sétima série com a Leida Amar, professora de matemática ainda.

[ 00:03:40 ] E eu lembro que tinha um menino que ele sentava na minha frente, porque naquela época a gente sentava de dupla, não é, Ana Miguel? E aí, Ele mexia comigo muito, muito, muito, muito, muito, muito. Mexia? Mexia de mexer mesmo. De falar, menininha, mariquinha, você é viadinha. Que não sei o quê, essas questões. Provocando. Provocando. E aí teve um dia, eu não lembro se era uma quinta ou uma sexta-feira. Eu acho que eu tava capa virada naquele dia. E eu tinha um estojo de três zíperas, assim, que era cheio de lápis de cor. Que eu sempre gostei muito disso, né? De pintar e tudo. Então eu lembro que um dia ele virou pra mim e mexeu. Aí eu lembro que eu falei, peraí, se você for homem, fala de novo. [ 00:04:15 ] Aí ele falou. Eu lembro que eu peguei o estojo, mas eu batia tanto nele com aquele estojo, que eu lembro que a Leidamar virou, que eu ouvi os gritos, e aí ela me levou, acho que eu levei uma suspensão ainda de um dia, se eu não me engano, porque a diretora não queria saber, porque mesmo que ele mexeu comigo pra ela, eu ainda tava errada de ter agredido. E aí eu lembro que eu levei uma suspensão, fui pra casa, e nada aconteceu. E aí eu lembro que no outro dia eu voltei pra escola e tudo. Mas também nunca mais mexeu comigo, nunca mais ele falou nada. Eu acho que ele assustou. E nessas outras provocações dele, alguma vez aconteceu de algum professor chamar atenção? Nunca.

[ 00:04:55 ] Porque naquela época, como não se falava muito essa questão de bullying, eu acho que os professores meio que não davam muita importância. Eles achavam que era coisa da nossa cabeça. A gente tava errado e os outros alunos estavam certos. Porque eu tenho percebido que essa questão dos professores indagarem, entrarem no meio pra tentar defender, é muito recente. Antigamente, eu acho que eles não davam muita bola, eu acho, na cabeça deles. Tipo, sai mesmo? Então, tipo, sabe assim? Porque você via que eles não faziam muita questão de ajudar, não faziam muita questão de te defender. E tinha muito isso. Portanto, que na aula da Lidyan Mar, via que ele mexia e ainda me levou. Pra diretoria. Pra diretoria. Então, tipo assim, né? E eu ainda saí como errada. Então, eu lembro dessa situação que aconteceu.

[ 00:05:40 ] Inclusive, de vez em quando, eu até vejo ele na rua. Que eu nunca esqueci do rosto dele. Mas ele nunca mais falou comigo. Ele não olha nem na minha cara quando ele me vê. Eu acho que ele lembra ainda. Porque foi, eu acho que nem ele imaginava, né? Que isso fosse acontecer. E eu fui com tanta força que nem eu imaginava que eu tinha feito aquilo. Poderia, de repente, até ele ter me agredido depois disso, mas ele nunca agrediu. E aí, no Elza Miguel, eu

lembro que foi só isso. Porque os outros, o povo mexia, eu nunca dei muita importância, nunca dei muita bola. E aí, passou. E aí, eu lembro que eu terminei a oitava série no Elza. E aí, eu voltei pra mesma escola particular que eu estudei, pra fazer o colegial.

[ 00:06:16 ] Então, eu já conhecia toda a turma, porque era a mesma turma. E aí, por mais que às vezes eles mexiam comigo, Né, dessas brincadeiras e todas. Os DJs são mais velhos. É, que a gente já tava tudo acima dos 15. Que foi dos 15 aos 17. Mas a gente tinha um carinho muito grande. Porque por mais que a gente zoava um no outro. Às vezes quando eles me zoavam, né, mexia com o meu cabelo. Porque na época eu tinha o cabelo armado. Então eles faziam bullying por causa do cabelo também. A gente tinha um amor muito grande, então eles tinham um carinho muito grande por mim, pelos trabalhos que a gente fazia. As gincanas, eu sempre era líder, então eles me respeitavam muito. Na nossa formatura de terceiro ensino médio, eles fizeram uma homenagem pra mim e tudo.

[ 00:06:59 ] Então, assim, já foi diferente, é o que eu falo pra você. Eu senti uma diferença muito grande da escola particular pra escola pública. Na escola pública eu tive. Essa questão que aconteceu. Que na escola particular eu não tive. Tinha essas brincadeiras, mas eles defendiam ao mesmo tempo. Tipo, igual eles brincavam comigo. Mas se vinha alguém de outra série brincar, eles me defendiam. Sabe assim? Tinha essa questão de uma amizade, literalmente. E que eu tenho amizade com eles até hoje. Que é igual o Cassiano, que é dentista. O Diego Paiva, que é da relojiaria. Os gêmeos, que é o Guilherme e o Gustavo. Que eram toda a nossa turma. Então mexiam, brincavam, mas tinham um certo respeito ao mesmo tempo. Não tinham limite, digamos. Então eu acho que foi por isso que eu nunca dei tanta importância.

[ 00:07:46 ] Porque eu sabia que tinha essa brincadeira, mas tinha o carinho e o amor depois. Sabe, por essa questão. Então não foi algo que me incomodava. Mas essa brincadeira, ela era como? Era uma brincadeira sadia. Eu não posso falar que era uma brincadeira, tipo assim. Às vezes ele brincava igual eu falava, tipo. Ah, não sei o quê, você vai virar menina, essas coisas assim. Mas você vinha que não era algo pra zoar. Eles me zoavam mais do meu cabelo do que da minha sexualidade, pra você notar. Porque eu usava, o meu cabelo, ele sempre foi crespo, né? É que eu aliso hoje. Mas ele era crespo e cacheado, então ele armava. Entendi. Então eles me zoavam, eles bagunçavam do cabelo, me seguravam e esfregavam minha cabeça pro cabelo armar mais.

[ 00:08:29 ] Ficava jogando pedacinho de bola, de...? De borracha no meio do meu cabelo. O Thiago Priola é um dosco. O Thiago Priola entrava comigo. O Thiago, na época, era roqueiro. Tipo, cabelão liso, assim. E o Thiago sentava atrás de mim. Então o Thiago, ele perdia tempo de estragar uma borracha inteira. E ficava jogando. E como meu cabelo era armado, eu não

sentia. Eu sentia quando eu chegava em casa, que eu ia tomar banho. Aí caí a os pedaços. Então eles me infernizavam mais no bullying do cabelo em si. Me chamavam de cotonete, entendeu? Do cabelo do que da própria sexualidade em si. Apesar de que Eu me descobri Mesmo com 13 anos Que eu descobri, mas até então Na minha cabeça eu era gay E mesmo estando na escola Não era algo que me incomodava Eu me descobri, comecei com 14 anos Acho que tive minha primeira relação É um processo que você já se aceita Já quando você se descobre Eu me descobri assim,

[ 00:09:24 ] eu sempre tive Contato com meninas Que a gente tinha aquelas paqueras e tudo Mas eu era muito Na dúvida, eu não sabia se era aquilo que eu gostava ou não. Mas eu lembro que com 13 anos, eu comecei a ter muita amizade com o Rubinho. Com o Rubinho. E aí, um dia, eu conversei com ele. Eu tive coragem de falar com ele, que eu sentia essas coisas diferentes. E aí, ele falou pra mim. Ele falou, ó, quando é assim, é porque a gente é gay, que não sei o quê, não sei quê. E aí, eu fui vendo que realmente homem me atraía, né. E aí, com 14 anos, eu tive minha primeira experiência com homem, de 14 pra 15. E aí eu vi que realmente era aquilo que me atraía, né?

[ 00:10:01 ] Mas até então, a palavra também transexualidade não era muito falada. A gente falava de travesti. Só que na nossa cabeça era o quê? Travesti era essas meninas que faziam um programa, que ficavam na rua. Marginalizadas. É, a gente não tinha uma visão de uma travesti que era a que estudava, empres á ria. Não, não era essa visão. E a í eu fui descobrir a palavra transexualidade quando eu fiz os 18 anos e eu fui pra faculdade. Porque aí eu comecei a perceber que eu já não me sentia só gay. Que eu gostava de homem, mas que eu não gostava, por exemplo, de ser ativa. Porque eu não gostava do órgão sexual que eu tinha. E aí eu fui me descobrindo mais com 18 anos. Aí eu fui começar a procurar coisa na internet.

[ 00:10:43 ] Aí foi quando eu descobri que era uma palavra transexualidade. Porque eu não gostava do órgão que eu tinha e que tinha como tirar. E aí eu descobri a cirurgia de readequação sexual aos 18 anos. Então foi aí que tudo começou na minha vida. Eu comecei a entrar nos concursos de beleza por conta disso. Porque eu não me sentia mais menino e eu queria me sentir menina. Então aí foi quando eu descobri os concursos de beleza porque eu tinha muito baixa autoestima. Ainda tenho. Ninguém acredita nisso. Mas eu tenho um problema muito grande com autoestima. Então, os concursos de beleza, ele entrou na minha vida pra melhorar a minha autoestima, né? Mostrar essa força, realmente, de ser bonita, de ir pra concurso, de ganhar, né? Dessa questão de melhorar a autoestima.

[ 00:11:32 ] Então, foi quando eu comecei a me descobrir, aos 18 anos, que, na verdade, eu não era gay. Eu era uma menina transexual. E aí, eu comecei. Na minha família, desde quando eu

sou criança, eu nunca tive problema. Minha família sempre me aceitou. Mas por quê? A minha mãe tem um irmão que é homossexual. Então quando eu comecei a me descobrir. Comecei já os trejeitos e tudo. Então a família já era acostumada com o meu tio. Porque ele é homossexual. Mas já era acostumado. Então pra eles não foi uma novidade. Era novidade a transexualidade. Mas não era novidade o fato de eu ter nascido menino e gostar de menino. Então eles já assim. Portanto que. Até hoje, eu nunca tive uma conversa com os meus pais, tipo, de sentar com eles e falar, eu sou gay.

[ 00:12:17 ] Desde quando eu me descobri. Foi um processo natural. Foi um processo natural e que eu sempre fui vivendo de um jeito que eu achava que era importante pra mim. Desculpa. Ló gico que eu tinha muito medo do meu pai. Sempre tive. Portanto, que eu fui vivendo e eu falava, se um dia meu pai me apoiar e me colocar pra fora de casa. Eu vou pegar minhas coisas e vou, mas pelo menos eu formei a minha escola. Eu vou poder, de repente, tentar um trabalho, fazer uma faculdade e tudo. Então eu sempre tive isso na minha cabeça. Só que não se tira essa questão. Eu fui fazendo tudo muito devagar, até pra mim mesma. A minha transição mesmo, ela demorou dois anos pra acontecer de fato. Desde quando eu me descobri.

[ 00:12:54 ] Passei pelo processo de terapia psicológica. Comecei a fazer as minhas mudanças com roupa. Comecei a fazer tratamento hormonal. E foi quando eu coloquei a minha prótese. Eu coloquei a minha prótese, eu tinha 22. Já tinham feito 4 anos. Mas a minha transição, 18 eu me descobri. Eu comecei a minha transição mesmo, eu tinha de 19 pra 20. Porque até então eu participava muito de concursos de beleza. Não podia ser trans, porque naquela época tinha que ser gay. E se vestir de mulher só pra concurso de beleza, porque era concurso de Miss Gay. E aí eu fui me descobrindo ainda mais nesses concursos. Portanto, que o concurso que eu ganhei, o meu primeiro título, que foi em 2021. Foi quando eu fui Miss Goiás, que foi o meu primeiro título que eu ganhei.

[ 00:13:43 ] Porque eu comecei os concursos de 19 pra 20. Eu já era uma menina. Foi quando eu fui parando. Foi o último concurso que eu participei, depois logo eu já coloquei prótese. E aí, quando eu fui pro prótese, eu conversei com os meus pais, a minha vontade e tudo, mas eu já tinha virado uma menina, já tinha feito uma transição, já usava o corpo de menina. E aí, um dia, minha mãe falou que ela e meu pai já tinham tido uma conversa, quando eu era mais novinha, que eles achavam que isso fosse acontecer, mas que isso foi muito natural. Então, eles já compreenderam antes de você. Já compreenderam antes mesmo de eu crescer, de eu chegar na minha adolescência. Antes de você se descobrir, né? Sim, de me descobrir.

[ 00:14:17 ] Eu era criança ainda, se não me engano. Quando ela e meu pai teve uma conversa, que isso pudesse, que isso poderia acontecer. Então, não foi uma surpresa, digamos assim, pra

todo mundo. Portanto, que todo mundo, muito naturalmente, até minha avó, meu avô, que já são pessoas de mais idade, meu avô, minha avó já faleceu faz três anos. Meu avô, que é vivo at é hoje, meu avô me trata como neta. Me trata como neta. Me chamam de Maria Fernanda, nunca me chamam mais de uma pessoa. Então, assim, se adaptaram. Acho que é porque foi algo muito natural, não foi forçado. Foi tudo de pouquinho. Quando todo mundo resolveu perceber, já tinha Acontecido. Depois demorei dois anos. Eu não simplesmente, pra me descobrir, comecei a vestir de menina. Não, fui adaptando.

[ 00:15:00 ] Comecei a fazer unha. Comecei a trocar, comecei a usar calça feminina, blusa masculina. Mas isso eu fui fazendo até pra mim mesma, ir me adaptando. Junto com a psicóloga, entendeu? Então, ela mesmo foi me ajudando a entender tudo isso. E a gente foi fazendo tudo aos poucos. Não foi agressivo. Então eu acho que por isso que todo mundo se adaptou. E aí quando eu, que até também eu acho legal até às vezes pra você colocar a troca dos meus documentos, porque hoje a gente tem uma lei, né, onde todas as pessoas que são transexuais podem fazer a retificação de nome. Na época que eu fiz, não tinha essa lei. A gente fez mediante a processo judicial. Depois que eu coloquei a minha prótese, eu entrei com o processo judicial em 2012, na justiça, né?

[ 00:15:50 ] Contratei uma advogada, falei que eu já não conseguia mais, eu queria mudar todos os meus documentos. E a gente entrou com o processo judicial. E aí esse processo judicial demorou um ano pra correr. E aí o juiz autorizou. Então quando autorizou que eu fiz a mudança do meu nome, dos meus documentos, tudo sem fazer, A cirurgia de mudança de sexo foi um estouro na cidade na época, né? Porque não era lei. Só podia quem fazia troca de sexo. Eu não tinha feito troca de sexo ainda. E aí todas as meninas começaram também a entrar com o processo judicial, porque o meu tinha dado certo. Mas foi muito difícil. Todo mês o juiz pedia documento novo. Teve uma vez até que Eu não lembro como chama a pessoa que foi.

[ 00:16:35 ] Que é também da justiça. Como chama? Eu não vou lembrar o cargo dela. Ela foi na minha casa. Ela entrevistou meu irmão. Ela entrevistou minha mãe. Ela entrou no meu quarto. Ela queria saber se no meu guarda-roupa tinha gaveta que usava calcinha. E não era cueca. Pra saber se eu era uma menina mesmo. Aí foi que eles me deram a avó pra fazer toda a troca de documento. Então eu entrei com um processo judicial na época. Foi algo no estouro na época. At é na época a advogada foi a Aline Tavares. E aí o pessoal procurava muito ela. Porque queria saber o que ela tinha usado. Porque deu certo. Pra poder me resguardar, ela entrou com um processo judicial. E ela pediu pra esse processo ser, como que fala?

[ 00:17:25 ] Pra ninguém ter acesso ao processo? Correr em sigilo? Isso, correr em sigilo. Pra não ter essas questões, porque até então era o meu nome feminino e masculino. E aí quando

deu certo, a gente divulgou o processo. E aí todos os advogados ligavam pra ela, ligavam pra mim, pra saber o que tinha acontecido. Porque aí estourou na cidade, né? E aí os advogados todos queriam pegar o processo assim, porque era um processo que na época custava 3 mil reais. E na época era dinheiro, então eles queriam. Portanto, teve outras amigas minhas que fizeram assim também. Isso antes de virar lei. Aí depois virou lei, então aí todo mundo consegue fazer hoje de graça, numa boa. É só ir no cartório e saber. Com menos burocracia. Com menos burocracia.

[ 00:18:00 ] Então, na época que eu fiz isso, que isso foi de 2012 pra 2013, naquela época as pessoas já começaram me chamando feminino. Minha família, meu avô, minha avó, todo mundo. E hoje todo mundo fala Maria Fernanda, existe um outro nome. Então ele não existe mais. Morreu. Morreu literalmente. Ninguém nunca mais citou esse nome. Que ótimo. Maria, volta lá atrás na sétima série. Eu fico pensando assim. Você se descobre. É porque tem um lance de você se descobrir uma pessoa transexual. Só depois da. Só depois da. De já sair da escola. Estava na faculdade. Então, questão de banheiro, essas coisas. Nunca houve. Porque até então você não. Não, porque eu usava o banheiro masculino. E isso era normal? Normal. Nunca tive problema. Os meninos não faziam nada.

[ 00:18:45 ] Nunca tive problema, porque é igual pra você ver, diferenças de escola, né? Então assim, no Elza Miguel, eu usava o banheiro masculino. Lógico, eu sempre tive muita vergonha de usar os banheiros. Então eu procurava usar os banheiros em horários que eu sei que não era de muito fluxo. Então assim, na escola igual no Elza, às vezes eu pedia durante a aula pra ir no banheiro. E aí eu ia. Porque eu evitava usar em horário de intervalo, horário de entrada, horário de saída. Na escola particular já não tinha tanto esse problema. Porque lá os banheiros no liceu, onde era o liceu que eu estudei, não era banheiro com mais de um banheiro. Então era banheiro com sanitário só. Então você entrava sozinho no banheiro. E o outro tinha que esperar você sair.

[ 00:19:29 ] Então eu nunca tive problema. Então no liceu eu já não tinha esse problema. Na faculdade, Como eu já tinha começado a minha transição, eu fazia amizade, eu também procurava ir no banheiro nos horários de aula, pai não, ir no horário de intervalo. Mas aí na faculdade ainda você frequentava o banheiro masculino? Não, aí na faculdade eu já frequentava o feminino porque eu já tava na minha transição. Só que aí, o que que acontecia? Como eu fiz amizade com as faxineiras da faculdade, elas já sabiam dessa questão minha. Então, o que elas faziam? Às vezes, quando eu achava que podia ter problema, porque eu tava no começo da minha transição, elas me ajudavam. Elas punham placa de banheiro interditado no banheiro feminino. Então, eu usava o banheiro enquanto elas estavam limpando lá dentro, fingindo, com a placa de banheiro interditado.

[ 00:20:18 ] Então, eu ia, usava o banheiro, fazia o que eu tinha que fazer. E depois eu saía, elas tiravam a placa. Elas fizeram isso várias vezes. Até eu literalmente me transicionar. Isso em Ribeirão? Em Franca, quando eu fiz minha primeira faculdade. Ah, tá. Porque eu tinha 18 anos. Em Franca? É, eu fiz design de moda, porque eu sou formada. E aí, eu sou formada. Eu só não trabalhei na área, porque eu conheci a área de eventos dentro da faculdade de design de moda. Por isso que eu comecei com a área de eventos. Ah, sacana. E aí eu acabei não indo pra área de moda por conta disso. Ah, muito legal. Então eu fiz amizade com elas, então elas me ajudavam muito.

[ 00:20:52 ] Então, Quando eu ia no banheiro, horário de aula, que eu via que não tinha movimento, eu usava normal o banheiro feminino. Quando eu era horário de intervalo e eu precisava usar o banheiro que eu estava apertada, aí era só eu chamar ela, não se precisava de uma placa de banheiro interditado. Então eu sempre tive muito essa questão. Já teve também outras questões nessa mesma época, de início de transição, que tinha um bar aqui que chamava Cachaçaria. E eu assim, até aqui em São Joaquim, eu nunca sofri muito preconceito nessa época. Portanto, que eu frequentava a cachaçaria normalmente. E tinham meninas que eram trans na época que não podiam frequentar a cachaçaria. Porque já tinham feito barraco, já tinham brigado. E não podia. E eu sempre frequentei numa boa.

[ 00:21:36 ] Eu nunca usei o banheiro feminino da cachaçaria. Mas quando eu ia no banheiro masculino, o banheiro era fechado. O dono do bar se preocupava com isso também. Como também o pai de uma amiga minha. Várias vezes que já aconteceu de eu ir no banheiro e eu não poder usar o feminino. Porque era um bar, pra não ter problema, brigas e tudo mais. O pai dessa minha amiga, ele ficava na porta do banheiro masculino. Não deixava ninguém entrar enquanto eu tava lá. Várias vezes. Mas também não deixava entrar no feminino. É, no feminino não, pra não ter problemas no bar. Mas também no banheiro masculino, enquanto eu tava usando, ninguém entrava. Entendi. Então eu sempre tive muito essas questões. Uma forma de proteger, né? Sim, então isso eu não posso reclamar muito, sabe?

[ 00:22:14 ] Mas eu nunca tive. Eu acho que é porque eu nunca dei muito problema. Eu nunca dei muita bola. A pessoa podia passar do meu lado e falar, ah, manequim. Sabe assim? Tipo, não era algo que me incomodava. Que é um mecanismo que você inventou de se proteger, de se auto-proteger? Eu não sei se foi. Ou o que foi, se foi algo muito natural meu. Ou porque realmente eu nunca dava muita moral. Ou a pessoa falava que eu pra mim não servia de nada. A pessoa pra mim era nada, sabe assim? Então não foi algo que, tipo, me enxergava em casa e chorava, por exemplo. Vou ser até muito sincera. Isso me incomoda muito mais hoje do que antes. Porque antigamente nunca me incomodou. Nunca. Eu passava e não dava muita bola.

[00:22:55] Na escola tamb é m, não? Voc ê não ficava martirizando isso? Nunca ficava martirizando. Eu ficava muito. Às vezes eu parava e o pessoal falava, ah, tá no seu cu. Sabe assim? Tipo, ah, ah. Sabe assim? Não dava muita bola. E mexia e eu passava, tipo, de boa. Lógico que às vezes a gente fica aquela coisa, né? Tipo, mexendo, de vergonha, né? Mas não era aquela coisa que, tipo, ai. Vou morrer por causa disso. Ai, nossa, meu psicológico vai ficar bravo. Não. Nunca dei bola. Sempre vivi. Eu acho que o lance da vergonha, né? De estar nessa posição de vexatório e tal. Eu acho que esses termos que eles utilizam é muito isso, né? Pra colocar a gente numa situação de fragilidade mesmo. Sim. Às vezes até mesmo pra mexer. [ 00:23:36 ] E de repente a gente querer falar alguma coisa, eles vêm querer agredir. Sabe? Porque uma coisa vai levando a outra, né? Mas eu nunca, nunca foi algo que me entristeceu. Que me deixou muito triste. Não, às vezes falava, igual no Elza Miguel, que acontecia muito, mas não me incomodava. E aí o menino mexeu, eu agredi ele. No liceu já não tinha tanto isso, era mais o meu cabelo do que a minha sexualidade. O Juninho, que era o diretor, me respeitava muito, que é o dono do liceu. Várias vezes eu ia passar lá dele e a gente tentava ficar conversando. Portanto, o sonho dele era que eu virasse professor de teatro lá. Ele queria muito que eu terminasse em terceiro e ensino médio.

[ 00:24:16 ] Portanto, quando eu fui pra formar, um dia ele me chamou na sala e falou assim, ó, se você falar pra mim que vai fazer faculdade de teatro, eu já te contrato agora. Você já sai do terceiro trabalhando na escola. Só que eu nunca quis fazer teatro, né? Eu sempre quis fazer moda. Então, eu sempre tive essa questão muito assim na escola, né? Pra mim foi muito tranquilo ali no liceu. Então, eu sempre tive o respeito deles, né? Sempre gostei muito, sempre me respeitaram. E em algum momento durante a sua formação escolar, você viu alguma iniciativa das escolas que você estudou relacionada a questões de homossexualidade? Nunca teve. Naquela época não se falava isso, não. Tipo, em relação a, de repente, fazer algo pra defender, fazer algo pra mostrar pras pessoas. Nunca.

[ 00:25:00 ] Não existia isso na época. Não tinha. Eu acho que é muito mais atual mesmo, de fato. É muito mais atual. Naquela época não tinha. Eu tinha o quê? 15 anos. Ainda hoje, né? Se pensar nisso é muito difícil de se pensar. Hoje eu ainda percebo que as escolas falam muito isso porque elas são obrigadas a falar. Porque hoje é algo muito mais relacionado a um setor de educação, a algo relacionado a leis que vêm do governo, a leis que vêm estadual, federal, que obriga a falar e fazer. Mas não por vontade própria delas quererem fazer. Porque, por exemplo, Nesses setores de educação, igual tem aqui, eu já fui chamada uma vez no setor de educação, há um tempo atrás, porque tem uma moça lá que é responsável por fazer os cursos com as

diretoras das escolas que fazem parte desse diretório estadual, de escola municipal, que tem as cidades da região que fazem parte daqui, de São Joaquim.

[ 00:25:59 ] E ela queria que eu fosse ter um dia de conversa com elas pra falar sobre essa questão de transexualidade. Porque tinha muitas que, mesmo sabendo que ela leia e que era obrigatório ainda, pisavam e falavam que não iam fazer. Que pra elas, homem era homem, mulher era mulher, né? Portanto, que várias vezes, depois que eu comecei a trabalhar na militância, eu recebi muitas reclamações de uma escola de Morro Agudo, que eu não vou lembrar agora o nome da escola. Que era uma escola que, inclusive, uma aluna que era trans, ela sofria transfobia dentro da escola, até por conta da direção da escola. É. E uma aluna tem muito, assim. Eu não sei como tá hoje. A gente teve que entrar com todo um requerimento. Teve que levar isso pro estadual, pro estado entrar, ir pra escola.

[ 00:26:42 ] Foi todo um revertério pra menina poder conseguir, pelo menos, estudar. Entendeu? E terminar. Foi bem difícil. Entendeu? Então, as escolas, você vê que eles são ainda um pouco idos. Eles ainda fazem na base da ameaça. Porque se fosse por eles, eu não sabia. Porque na cabeça deles, eles ainda acham que é a escola, todo mundo ainda é jovem, nem sabe o que gosta. Não é assim. Porque eu sou a prova viva que eu, com cinco anos de idade, eu lembro até hoje, eu com cinco anos de idade, pegando a pistola do menininho. Eu tenho essa recordação, debaixo da mesa ainda. Nós dois debaixo da mesa da escola, quadrada, mesa, né? E nós debaixo da mesa, eu pegando a pistola do menininho. Menino sem quantidade. Eu vejo menino na rua hoje e fico até com vergonha.

[ 00:27:24 ] Eu falo, olha aí, menino, gente. Será que ele lembra? Será que ele lembra? Será que ele lembra dessa bobeira? Né? Porque eles foram várias vezes. Não foi uma. Eu tinha cinco anos de idade. E aí, como pra falar pra mim que as pessoas não nascem? A gente nasce, assim. A gente não vira. O que acontece, que eu acredito, é que pode ter pessoas que se afloram muito mais velho. Sim. Né? Mas eu não. Eu com cinco anos de idade, eu fazia isso. Um tratamento natural mesmo das coisas, né? Né? Com cinco anos de idade eu fazia isso. Eu com sete anos de idade pulava elástico. Eu era a melhor aqui na rua. Pobre da minha avó, minha mãe. A vizinha aqui que era a Bia. A menina que era a Giovana aqui da esquina.

[ 00:28:01 ] Que eu criei aqui com a minha avó. Eu pulava elástico aqui na rua. Eu era a melhor do elástico. Eu era um menino. Eu tinha sete anos de idade. Que é uma brincadeira atrelada às meninas. Às meninas. Nossa, elas nem queriam brincar de elástico comigo. Eu era a melhor do elástico. É porque tem muito isso, né? É, brincadeira de menino. É brincadeira de meninos. Entendeu? E aí você vai pra um lado, né? Você já tá sendo enquadrado. Eu tenho minha filha também, que é a Ana Laura, que é filha do meu tio, carinho, irmão do meu pai. Ela era muito

criança. Eu brincava com as bonecas dela. A gente tinha o quê? Sete, oito anos de idade. Que também era algo natural pra família. Algo natural pra família.

[ 00:28:36 ] Pra eles não era problema nenhum. A minha avó sempre costurou muito, né? A mãe do meu pai, que morava aqui. Então, tipo assim, eu pegava as bonecas da minha irmã, eu pegava os retalhos da minha avó enquanto minha avó tava costurando, fazendo tapete. Eu sentava do lado dela de tarde, de domingo, e ia fazer roupinha nas bonecas da minha irmã. Pegava e costurava na boneca, na Barbie. Isso, eu era criança ainda. Então, eu nasci, assim, literalmente. É muito natural, né? Pensando que é algo incontrolável, assim, não tem o que fazer, né? Não tem. Não tem o que fazer. Não tem o que fazer, literalmente. Porque você vai fazer o quê? Sua família vai poder ir pra fora de casa? Vai te bater? Vai te levar pro psicólogo? Não adianta.

[ 00:29:20 ] Eu fiz tudo isso. Minha família só não me agrediu, graças a Deus. Sempre me apoiaram muito. Mas eu fui pra psicóloga. Fiquei três anos na psicóloga. Enquanto criança? Não, já tava adulta. Eu mesma que vi. Eu tinha 18 anos. 18 pra 19. E você acha que isso te ajudou? Muito. A se aceitar? A se descobrir? Muito, muito. Porque eu tinha muitas dúvidas. Eu falava, gente, mas como eu quero ser menina? Mas eu tenho barba. Tipo, E é isso, é aquilo. E, tipo, aí o meu nome masculino já me incomodava. Eu já queria que as pessoas me chamassem de Mar. Né? Então, tipo assim, tudo isso era muito ligado, sabe? Então, e aí eu fui pra psicóloga e ela foi me ajudando a enxergar isso.

[ 00:30:00 ] Tipo, a enxergar que era uma transexualidade, mas que as coisas iam ser muito naturais. Pra você ter uma noção, ó. Eu me descobri com 13. Minha primeira relação sexual com homem foi com 14. E aí, eu já me recordo que eu já não gostava do órgão genital que eu tinha. Porque eu lembro que a primeira vez que eu fui gozar, tipo assim, entrar mesmo assim, eu já tinha de 20 pra 21 anos. Porque a psicóloga falou pra mim. Porque eu nunca fiz, eu deixava ninguém nem com a mão. Os homens colocavam que eu tinha relação sexual. E eu já nem sabia que era de cirurgia. Porque eu fui descobrir a cirurgia com 18. Mas desde antes dessa idade, eu já não deixava eles colocarem a mão. Entendi.

[ 00:30:50 ] E aí eu fiz falar pra ela, numa das conversas que a gente teve, que eu nunca tinha chegado nesse ponto. Aí ela falou pra mim, como que você nunca fez isso? Isso não existe. Eu falava, não, porque eu quero ser menina. Ela falava, mas isso não existe. A mulher também chega no seu ápice das questões. Então aí ela foi me ajudando também. Mas é algo que talvez estava intrínseco em você, né? É, porque na minha cabeça, como eu queria ser menina e eu não gostava do homem que eu tinha, eu não podia utilizar. Não fazia sentido. Eu tive muito isso na

minha cabeça. Eu tinha uns 20 pra 21. Um pouco antes de eu colocar a prótese, que ela foi me colocar isso na cabeça, que isso não podia acontecer.

[ 00:31:36 ] Que difícil, né? Eu nunca imaginei isso. Muito louco. E pra você ver como que é, tipo, eu não sabia, né? Pra mim, eu falava, não, eu sou menina. E pra você ver que com 14 anos, na verdade, eu já sabia que eu ia fazer uma cirurgia de imunização de sexo. Eu não sabia que eu iria fazer, porque As questões que eu já tinha já era de uma menina que Até então você não tinha nem conhecimento da possibilidade, né? Até então, nessa idade, eu não sabia sobre isso. Mas a forma com que eu reagia já era de uma menina que não gostava do organismo que tinha. Nossa, muito loucura. É muito doido. Por isso que eu falo, não adianta. A gente nasce assim. Bom, total, n é? Você não sabia nem da possibilidade.

[ 00:32:20 ] Não, nem sabia. Não sabia da palavra transexualidade. Não existia. Então seria o mí nimo, né? Pra começar a compreender isso. Naquela época, 14, 15 anos, pra mim era só a palavra travesti. Mas que travesti era uma palavra marginalizada. Ninguém queria ser travesti. Exato. Eu acho que também o lance da falta de diferenciação, né? Porque você não tem alguém pra enxergar. Você não enxerga outra possibilidade. Quando eu conheci a Tieta, eu tinha acho que 17 anos. E eu ainda morria de medo dela. De todas as travestis, né? Elas eram grandonas. Chamava atenção, a gente tinha medo. Por quê? Porque era marginalizada. Sempre foi muito marginalizada. Eu fiz amizade com a Rafaela Braga mesmo. A Rafaela Braga, eu fiz amizade com a Rafaela Braga. Eu tinha 13 pra 14 anos.

[ 00:33:04 ] A Rafaela foi a primeira pessoa que me vestiu de mulher. Um dia eu fui na casa dela, eu tinha 14 anos. Tava estudando no ELS ainda. A Rafa me vestiu de mulher pela primeira vez. Me colocou um salto, me colocou uma roupa, me colocou uma peruca. A Rafa. Eu tinha de 13 pra 14 anos. Ela me vestiu de mulher pela primeira vez. Só que eu nunca quis, porque na minha visão que eu, marginalizada, não quero ser igual. Então, não, eu sou gay. E aí, não, com 18 anos eu fui ver, não, eu não sou gay. Realmente eu sou mulher, tudo. E aí eu fui descobrir que eu era trans, descobri a palavra transexualidade e tudo mais. Muito bom. Acho que é isso. Acho que assim, de início, deu pra conhecer bastante, assim.

[ 00:33:45 ] Não, mas tranquilo, o que você precisar, a gente vai. Ah, só mais uma coisa. O que você acha que pode mudar essa realidade nas escolas? E aí pensando, por exemplo, na realidade do Elson, não na realidade do Liceu. Eu acho que assim, eu acho que a gente pode falar muito no geral. Porque eu acredito que essas questões, igual aconteceu no Liceu, eu também posso pensar que talvez eu tive uma sorte. Porque a gente ouviu também relatos de meninas que estudaram em escola particular que passaram pela mesma coisa, né? Tipo assim, que já sofreram preconceito. Mas eu posso dizer que eu acho que eu tive uma sorte. Você acha que essa sorte

tá atrelada a alguma coisa? Não sei, eu acho que talvez possa estar atrelada ao fato de que a gente cresceu junto na minha turma.

[ 00:34:35 ] Então desde criança, talvez eles acostumaram com isso, né? E aí pra eles já não era um problema, era normal. Porque cresceu junto. Então eles acostumaram a saber que eu era um menino, o que eu sabia de menino. Que demonstrava que tinha três jeitos. Então pra eles talvez isso foi normal. Porque a gente estudou junto desde o... Eu fui policial Paulo Freire, eu acho que eu tava na primeira ou na segunda série. Fiquei até a quinta. Aí eu fui pro ELSA, fiquei da sexta à oitava e voltei pro colegial. Então quando eu voltei pro colegial, todos já me conheciam. Porque a gente já tinha estudado junto, né. E por mais que eu saí do ELSA e fiquei três anos longe eu ainda mantive amizade com alguns. Então tipo, pra eles era normal, eles já me conheciam.

[ 00:35:19 ] Já era normal pra eles aquilo, não era novidade. E era a mesma turma, porque a turma nova que entrou entrou no primeiro colegial também. Então já era uma turma antiga e eu conheci os novatos que entrou naquele mesmo ano que eu. Então eu diria que talvez foi isso que foi uma sorte. Mas eu acho que a gente precisa mudar, sim. Eu acho que as escolas precisam ter um pouco mais de olhar voltado pra isso, sabe? Principalmente pra aquelas pessoas que a gente percebe que tem um quadro de transexualidade, tanto da mulher trans como do homem trans. Porque eu falo assim, ó, aquela pessoa que é gay, Querendo ou não, por mais que ela seja gay, ela vai sempre, às vezes, ser um pouco mais respeitada.

[ 00:36:07 ] Ela vai ter um pouco mais de oportunidade na vida do que aquelas pessoas que vão passar pela transexualidade. Porque como, por exemplo, aqui em São Joaquim da Barra, eu custei pra arrumar um emprego. E olha que eu sou conhecida. A cidade toda me conhece. E eu demorei muito. Pra você ter uma noção, em Ribeirão Preto eu tinha emprego pra dar e vender. Porque lá em Ribeirão Preto, cidade grande, o povo não quer saber disso. O povo quer saber de mão de obra. Você pode ser gay, você pode ser lésbica, você pode ser trans, você pode ser travesti, você pode ser negro, você pode ser branco, você pode ser azul. Eles querem trabalho, mão de obra. Portanto, que eu cheguei numa empresa na Levare, que é onde eu trabalhava, eu fui comissária de bordo, mesmo sendo uma mulher trans.

[ 00:36:49 ] Eu quase cheguei à vaga de gerente. Eles não querem saber, eles querem mão de obra. Você trabalha? Ótimo, bora. Aqui já não é assim. Portanto que em 2022, que eu queria ter vindo embora para São Joaquim e já não consegui, eu e minha mãe entregou mais de 200 currículos o ano inteiro em São Joaquim. Nunca ninguém me chamou, nem para entrevista. E a gente sabia que estavam precisando de vaga, mas não dava uma chance, era uma oportunidade. Aí eu consegui, com muita luta, muita fé, consegui. Um quatro entrevistas em janeiro desse

ano e consegui duas vagas de emprego. Foi numa loja de roupa e depois na Natura, que eu entrei na Natura. Então, assim, foi bem difícil. Não foi fácil, não. Sabe? Foi bem complicado.

[ 00:37:34 ] E mesmo assim, na Natura, eu acho que eu consegui, porque a dona da Natura era de Orândia e o filho é gay. Então, acho que ela já tem uma mentalidade mais aberta pro filho ser gay. E aí ela me deu oportunidade, mesmo sabendo que eu era uma mulher trans. E deu super certo. Até hoje. Então, aconteceu. Então eu acho que na escola precisa ter essa visão. Principalmente, lógico que não precisa abrir os braços pra deixar eles fazerem o que eles quiserem. Mas ter uma visão, tipo, percebeu que tem essa questão da transexualidade? Dá um pouco mais de atenção. Não deixar sofrer demais. Precisar fazer a questão do nome na secretaria. Não colocar empecilho, igual tem escola que coloca. Porque hoje é lei.

[ 00:38:18 ] Se você se enquadra dentro de um caso de transexualidade, você pode ir na direção da escola e eles são obrigados a retificar o seu nome na chamada escolar. Até na faculdade eu tinha uma amiga que é trans e até lá eles têm dificuldade de responder. Eu acho que eles fazem de propósito. Não sei porque a NARP tem dogmas católicos, porque é uma universidade católica, tradicional, conservadora. Onde você faz? Na UNAERP. E aí, então, eu acho que eles têm muitas limitações a isso, até questões, por exemplo, eu tô lá e é muito difícil ter alguma iniciativa voltada pra comunidade LGBT, qualquer coisa do tipo. Teve casos de racismo, casos até de LGBTfobia, transfobia na universidade, e eles não se manifestam, assim. E aí, por exemplo, aí essa minha amiga que é trans, na chamada, o professor chama o nome masculino.

[ 00:39:05 ] É um cúmulo isso, é uma falta de respeito pela pessoa. E só que, por exemplo, se ela entra no portal do aluno, lá tá o nome social dela. Só que na chamada não. Então, se ela entrar com processo, ela ganha. Ela tinha que entrar com processo. Processar a faculdade. Ela ganha. Vai dar um pouco de dor de cabeça? Vai, mas ela ganha o processo. Agora, células de igreja evangélica acontecem assim. Mas ela ganha. Porque é uma lei isso. Não é mais uma coisa de falar. É lei. Tem uma lei. Eles podem Não tirar o nome dela masculino, isso eles podem. Mas vamos supor, igual o seu nome, Guilherme. Se você fosse uma mulher trans e seu nome é Maria, eles teriam que te chamar Maria Guilherme da Silva.

[ 00:39:51 ] Eles podem, se eles não quiserem tirar. Mas antes do nome masculino, eles têm que colocar o nome feminino, que é o seu nome social. Entendeu? Isso é uma lei. Esse nome masculino não tem como retirar. Tem lugares que tiram, tem lugares que não. Se a pessoa, tipo assim, na faculdade fala, não, não vou retirar. Se for um nome social, porque igual no meu caso, meu caso é a troca. Não existe mais o nome masculino. Porque não existe. Nome social é uma coisa e outra outra. Porque nome social é pra aquela que não fez a retificação de nome. Entendi.

E aí ela vai nos lugares e pede pra colocar o nome social. Então, geralmente, o que vai ter lá no cadastro? Vai estar, vamos supor, Guilherme da Silva, nome social, Maria da Silva.

[ 00:40:37 ] Aí eles vão te chamar pelo nome social. Mas no cadastro tem o nome invadido. É o que acontece, por exemplo, em delegacia, né? É, porque tem o nome social, porque você não fez uma retificação. A partir do momento que você faz uma retificação de nome, Aí não existe mais o nome masculino. Porque a retificação de nome, ela começa pela certidão de nascimento. Quando você faz a certidão de nascimento nova, a certidão de nascimento com o nome de batismo, ela não existe mais. Ela é cancelada. É jogada fora, literalmente. Queimada. Portanto, que na minha certidão de nascimento hoje, consta que no dia 15 de março de 1990, nasceu Maria Fernanda dos Reis Isidoro, sexo feminino. Tanta, tanta, tanta, tanta, filiação e tudo. E não existe nenhuma observação que fala que foi feita uma retificação de nome. [ 00:41:25 ] Não existe, nem no cartório. Se for lá no cartório pra pedir uma segunda via, entrar em algum cadastro meu, não existe que foi feita uma retificação. Morreu. Morreu. Até a moça me falou do cartório daqui. É proibido, não pode existir que tenha uma retificação. É literalmente cancelada. Muito bom, né? Retividade da língua. Então aí, em qualquer lugar que eu vou. Em banco, médico, clube, plano de saúde. Não existe no masculino mais, é tudo feminino. Aí eu tive que mudar tudo, né? Aí você leva a cópia da servidão de nascimento, altera todos os documentos, vai na Receita Federal, altera, porque você altera na Receita Federal, altera em todos os lugares, praticamente. Então, aí vai alterando tudo quanto é lugar, entendeu? Achei super legal, até no meu plano de saúde, foi da Santa Casa, porque na época eu já tinha feito edificação de nome. [ 00:42:15 ] E aí eu não tinha feito alteração ainda, eles me ligaram pedindo para levar, porque eles já sabiam que eu tinha feito a retificação de nome, que não existia mais para me levar para fazer a retificação. Então, assim, foi bem tranquilo. Agora, essa questão do preconceito que você quis saber do ambiente escolar, naquela época eu nunca dei muita bola. Como eu nunca dei muita bola também no auge dos meus 20 aos 30 anos de idade. Que eu costumo dizer que foi o meu auge. Porque era quando a minha empresa tava estourada de eventos, fazendo muitas festas. E eu fazia muito evento, então as pessoas me respeitavam muito por conta disso. Mas eu sabia que tinham pessoas que não aceitavam por eu ser trans e fazia festas e tudo. [ 00:43:05 ] Era muito bem conceituada, mas nunca deu muita bola. Depois dos meus 30, principalmente o pós-pandemia, Eu percebo que isso começou a me incomodar mais. Como, por exemplo, em Ribeirão eu nunca tive problema. Eu morei em Ribeirão dos 31 aos 34, que foi o ano passado. Nunca passei por nada, porque em Ribeirão ninguém quer saber, né? Agora, depois que eu voltei pra cá, que foi julho do ano passado, tem umas coisas que me incomodam, que não incomodavam. Tipo, as pessoas falarem. As pessoas falam, ah, você é

trans, né? Ah, que legal, bacana. Eu, igual, tô lá na Natura, tem gente que fala, ah, não sei o quê. Ah, você é trans, né? Sabe, essas coisas, o pessoal fala. Então, isso me incomoda. Não incomodava, mas isso me incomoda hoje, depois de velha. [ 00:44:00 ] Aí isso me incomoda, um pouco. Mas a gente vai relevando. As meninas lá também, quando elas veem que alguém fazendo isso, elas já querem mudar de assunto pra não ficar falasando. Mas tem umas pessoas que são inconvenientes, que as pessoas falam. Então, igual por exemplo, eu quis mudar um pouco o meu conceito de concurso de beleza. Eu sempre tive o sonho de ser rainha de rodeio. E eu nunca tinha sido. E aí eu quis tentar. Aí, em 2019, foi a primeira vez que eu tentei o concurso de rainha de rodeio. E eu não ganhei, fiquei em quarto lugar. Então, aquilo foi abafado. O ano passado, eu já fui participar em São José do Rio Pardo. E em São José do Rio Pardo, quando foi o concurso, antes mesmo do concurso acontecer, eu já era uma das favoritas. [ 00:44:52 ] E aí, aquilo começou a incomodar um pouco a cidade de São José do Rio Pardo, na época. Porque eles tinham muito medo de uma trans ganhar. E aí eu fiquei em terceiro. E aí eu fui garota country. Mesmo assim incomodou muita gente, principalmente os homens da empresa que organizava o rodeio. Porque a empresa que organizava o concurso era uma empresa terceirizada. Então isso incomodou. E aí eu percebia que até nos lugares onde eu aparecia como garota country, as pessoas sabiam que eu era trans porque eu estouro por causa do Instagram, me incomodava, porque as pessoas me olhavam com o olhar um pouco de julgamento. Então aquilo me incomodava um pouco. E agora recente eu fui pra Mococa e lá em Mococa eu ganhei. Então lá foi um pouco pior ainda. [ 00:45:38 ] Porque aí as pessoas não queriam mesmo e eu ganhei. Então incomoda um pouco. Você percebe os olhares, os julgamentos. Que antes eu nunca dei muita bola. Mas que hoje eu percebo e aí me incomoda. Muitas testes. Mas depois eu já esqueço. Mas eu acho que é porque a gente vai ficando mais velha, mais madura. Talvez eu acho que é porque eu não percebia tanto. Hoje eu percebo mais. Tem muito disso, né? De amadurecer esse olhar. Então aí você vai começando a perceber as coisas um pouco mais com facilidade. Talvez aquilo comece a te incomodar. Então eu acho que um pouco é isso. Mas a gente vai deixando levar, né? E aí vai indo, vai indo. Não deixando acontecer. Só mais uma, a última coisa. Não pode perguntar, não dou conta. [ 00:46:22 ] Só voltar na escola. Porque assim, eu tenho a concepção de que a educação física, a aula de educação física, é sempre um momento que aflora o preconceito. Porque assim, gays, trans, enfim, tendem a não praticar muito esportes. Não sei como é no seu caso. Só que, por exemplo, para mim, a educação física era um problema. Porque eu não queria saber da educação física. Eu não queria saber de esportes, eu não queria saber muito menos de futebol. Queria ficar lendo, sei lá, jogando vôlei com as meninas, enfim. Pra mim, é assim, ó. Enquanto eu estudei na escola

particular, até a sexta série, a educação física era na escola mesmo, mas lá, como lá não tinha tanto espaço, a educação física era, tipo assim, era dança rítmica, mas pra todo mundo. [ 00:47:12 ] Eram umas brincadeiras que a professora dava, mas era pra todo mundo. Então, de boa. Quando eu fui pro Elza Miguel, que eu estudei da sexta à oitava série, Era futebol e as meninas jogavam vôlei, handball e tudo. Mas aí a professora deixava eu jogar com as meninas. Nunca teve esse problema de ser obrigatório ficar lá no futebol. E quando eu não queria, eu sentava e não fazia nada. Agora, quando eu fui pro colegial, no Liceu Paulo Freire, aí a educação física já não era na escola. A educação física naquela época era na bachada. Então era à tarde. E aí os meninos jogavam futebol e as meninas faziam dança. E era obrigatório, não tinha como eu fazer dança. E minha mãe, acho que também já imaginava, né? Apesar de eu nunca ter conversado com ela. [ 00:47:59 ] Mas aí a gente tinha na esquina de casa uma moça que tinha uma lojinha. E aí naquela época, se você trabalhasse, você não precisava fazer educação física, você tinha dispensa. Aí a gente pegou, fez uma declaração. Aí essa moça da lojinha assinou falando que eu trabalhava na loja das 13h às 5h da tarde. Então aí eu não precisava fazer educação física, aí eu fui dispensada. Pra mim não ter que fazer futebol. Então isso foi por conta do preconceito mesmo. Como eu não gostava, era algo que ia me incomodar e eles iam me zoar. Então aí eu consegui esse aval. Fiz, entreguei na escola e aí a escola ficou achando que eu trabalhava, então eu tive dispensa da educação física. [ 00:48:39 ] E agora eu vou retomar mais uma vez, só a questão de algo que você falou sobre ser algo que não era na malícia, brincadeira no pessoal do liceu e tal. Tentando olhar para um outro lado, você acha que talvez você mesmo não tenha naturalizado a forma que eles te tratavam pelo fato de você ter crescido com isso? Pode ser, pode ser. Também já pensei dessa forma. E aí, tipo, como pra mim, tipo, eu já acostumava, tipo, já sabia. Que já era alguma irmã que não passava daquilo, né? É, pra mim, tipo, não me incomodava. Aí eu acho que até eles também, eu acho que percebia que não me incomodava. E aí parou também. Porque, portanto, que eu lembro que naquela época ainda, uns me chamavam muito de mate e outros me chamavam de micalatéia. [ 00:49:25 ] Porque teve uma aula de um professor que agora eu não vou conseguir lembrar. pra te falar por que que eles me chamavam de Micalateia. Mas era alguma coisa ligada a coisa de história, geografia, não lembro. Vou pesquisar só pra ver se eu acho alguma referência. Deixa eu ver o que que é. Mas era alguma coisa, não sei se foi a primeira prostituta do mundo. Peraí, que eu não tô lembrando. Mas eles me chamaram disso, Micalateia. Tem muito disso. De referência, n é? De caçar algo pra referenciar e te comparar com isso, sabe? Não sei se com você tinha. Ai, nada muito a ver, mas não lembro o que que era. Mas é um nome até bíblico. O nome feminino, origem hebraica, geralmente associado à figura mical, filha de Saul, esposa de Davi, na Bíblia. [

00:50:15 ] Não sei se tem alguma coisa com. Ah, não deve ser. Tem um professor que falaria de Bíblia na escola? Ou falaria? É, mas não sei se de repente ela fazia alguma coisa, ou ela. Ou ela era safadona? Ah, é, ó. Mikalata é irmã de Irmanuteu, filha de An, a alegria dos hebreus. Eu acho que ela era safadona. Eu acho que era alguma coisa disso, depois você procura. Aí tinha uns que me chamavam disso, mas já era no colegial isso. Aí a gente dava bela, às vezes falava o que era, eu falava, ah, isso mesmo. Sabe assim? Era alguma coisa ligada à história, não lembro. E a gente tinha matéria religiosa na escola, no liceu. Então eu não sei se foi nessa matéria que falou, ai moleque, me ensina religioso. [ 00:51:00 ] Então eu não lembro o que que era. Talvez quem falasse, mas eu acho que tipo assim, eu acho que eu devo realmente, eu devo ter naturalizado tanto aquilo, e aí eles viam que nem isso incomodava eles, eles já nem me zoavam mais. Portanto, eu te falo, eles me zoavam mais o cabelo, porque o cabelo me incomodava, porque eu tinha vergonha quando eles armavam meu cabelo, porque a í meu cabelo ficava muito armado, e eu sempre tive vergonha. Então me incomodava mais o cabelo do que me infernizar com essa outra questão que pra mim já Porque mexer também com esse lance da autoestima, que pra você sempre foi importante. Sempre foi importante, porque eu já tinha baixa autoestima. Então isso me deixava mais ainda com baixa estima, né? Porque o cabelo armava. Às vezes eu ia no banheiro, molhava, sabe? Várias vezes eu fiz isso. Porque armava muito o meu cabelo, muito. Morria de vergonha. Morria de vergonha. Escola, né? Morria de vergonha. Olha isso.

### **Entrevista Rubens:**

Entrevistador(a): depois eu poder transcrever e tals. Daí eu queria que você começasse se apresentando, falando inclusive a data de nascimento, se você não se importar [i]. Rubens (Rubinho): meu nome é Rubens Santiago Júnior, conhecido como Rubinho. Eh, eu nasci dia 12/03 de4, tenho 39 anos [i]. Entrevistador(a): Você nasceu aqui em São Joaquim? [i]. Rubens (Rubinho): Não, nasci em Orlândia [i]. Entrevistador(a): Orlândia [i]. Rubens (Rubinho): Nas em Orlândia [i]. Entrevistador(a): E aí, sua infância você passa aqui ou em infância. Eh, eu nasci em Orlândia, fui morar numa cidadezinha chamado Turvinaia, uma cidadezinha próxima a Bebedouro, mas nem lembro de lá assim [i]. Rubens (Rubinho): Eu, a gente para cá muito cedo, né? Então eu vim para São Joaquim, era bem novinho mesmo, né? [i]. Entrevistador(a): Você é filho único? [i]. Rubens (Rubinho): Não, tenho um irmão [i]. Entrevistador(a): Um irmão mais velho, [i]. Rubens (Rubinho): mais novo [i]. Entrevistador(a): Mais novo. Então [i]. Rubens (Rubinho): a gente veio para cá e tá aqui dentro até hoje [i]. Entrevistador(a): Tá. Então

a vida inteira você passou aqui [i]. Rubens (Rubinho): Aqui [i]. Entrevistador(a): a sua formação escolar é aqui em São Joaquim [i]. Rubens (Rubinho): A informação escolar é o médico. ensinou eh fundamental tudo aqui. Só a o a graduação que foi fora [i]. Entrevistador(a): Ah, tá [i]. Entrevistador(a): A graduação você fez educação física? [i]. Rubens (Rubinho): É, vizinha educação física em Franca. Eu tenho pós nacamp de dança, tenho pedagogia, biologia e terminei agora artes [i]. Entrevistador(a): Legal. Você fez esposa na oncamp [i]. Rubens (Rubinho): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Foi maior maior sonho minha vida [i]. Entrevistador(a): Na verdade, acho que já tinha me comentado isso [i]. Rubens (Rubinho): Uhum [i]. Rubens (Rubinho): Eu acho que durante a Porque eu passei em dança quando eu prestei lá, aí eu fiz aptidão, passei. Só que na época meu pai não cons ir, não era coisa de homem, não ia me dar dinheiro, entendeu? [i]. Entrevistador(a): Assim você saiu da escola [i]. Rubens (Rubinho): assim cresceram [i]. Entrevistador(a): Entendi [i]. Rubens (Rubinho): Aí não [i]. Entrevistador(a): que era o que você queria? [i]. Rubens (Rubinho): Que era o que eu queria? Que era meu sonho. Aí eu pai, não se vai negócio de homem, não sei o quê, não sei o que, não sei o qu, não sei o quê. Tinha conseg ter moradia lá para morar e aí não deixou. Aí eu falei: "Como que eu vou? Com 17 anos e nós de idade abraçar uma coisaidade daquele tamanho, um campus daquele tamanho. Para mim era tudo novo, sabe? [i]. Rubens (Rubinho): Então, acabei não indo, deixei. Aí assim que eu terminei, a Eu vim com a minha nota do Enem na época eu consegui bolsa de educação física na na defran [i]. Rubens (Rubinho): e eu fui fazer educação física de Fran. Fiz assim porque eu não até não gostava, mas aí tinha dança do curso de educação física. Aí falei: "Ah, vai ser legalidade". Aí eu fiz um curso, [i]. Rubens (Rubinho): aí tinha uma uma na faculdade tinha um curso de de bolsa para quem quis eh quisesse ganhar pós-graduação nas faculdades [i]. Entrevistador(a): Uhum [i]. Rubens (Rubinho): E aí eu fiz o TCC na faculdade que era dança dança inclusiva. E aí foi [i]. Rubens (Rubinho): foi dança inclusiva. E aí como TCC eu me inscrevi lá e aí eu ganhei a bolsa lá [i]. Entrevistador(a): Que legal [i]. Rubens (Rubinho): na pós lá. Aí eu fiz pós [i]. Rubens (Rubinho): lá e assim foi, nossa, super bacana. Foi um sonho porque professora que era daqui dava aula lá também, então teve uma pon assim, sabe? [i]. Rubens (Rubinho): E não tinha muitos inscritos. Então assim, deu uma muita sorte e assim entre um ano e meio [i]. Rubens (Rubinho): aprendi muita coisa legal e depois foi vim das outras coisas, né? Eu estabilizei na escola aí depois que que eu fiquei efetiva na escola então eu falei: "Bom, agora eu acho que esse meio realmente porque a dança é lindo, mas tem não tem validade, né? [i]. Rubens (Rubinho): Tem a idade, tem eh financeiro, né? Porque não te garante lucro financeiro até o final de tudo, né? Então [i]. Rubens (Rubinho): fora com minha região aqui também, né? [i]. Entrevistador(a): É, não abran tanto Aí eu fui fazer

biologia porque com as a as matérias da educação física mais um ano eu formava em biologia, eliminava as matérias. Aí fiz biologia, aí biologia fiz pedagogia porque queria ser diretor de escola. Aí fiz pedagogia, eu falei vamos estudar, né? Aí agora em um ano, agora terminei agora de janeiro, terminei artes [i]. Rubens (Rubinho): Aí fiz arte, acabou para Vamos ver. Vamos ver que vai vir agora, [i]. Entrevistador(a): tá? E voltando lá atrás na infância, assim, quais são as as suas primeiras lembranças da infância assim, [i]. Rubens (Rubinho): ó, lembrança assim, eu sempre fui, [i]. Rubens (Rubinho): eu sempre fui muito artístico, eu acho, sabe? Assim, [i]. Rubens (Rubinho): eu lembro quando eu tava no prezinho, eu já dançava, a professora pegava sempre dançar tudo que tinha na escola de de eventos dançava tudo, [i]. Rubens (Rubinho): tudo que tinha era era rubinho, era rubinho, era rubinho [i]. Rubens (Rubinho): Eu era noivo de quadril, fui toda na vida inteira fui noivo de quadril [i]. Entrevistador(a): Que legal [i]. Rubens (Rubinho): Até virar noiva, né? Mas enfim, mas essa essa essa parte as pessoas me incentivaram muito [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): E na época assim tinha meninos que dançavam, mas não era aquela que era assim, ó, homem, homem, tinha que ser muito homem, porque na época não tinha gay assim como tem agora [i]. Entrevistador(a): Aham. Entendi [i]. Rubens (Rubinho): Entendeu? Tipo, tudo era muito rpido, aquela coisa muito burocrática [i]. Entrevistador(a): Isso é escola pública ou particular? [i]. Rubens (Rubinho): Pública. Pública. Aham [i]. Rubens (Rubinho): Aí eu fui uma escola particular depois no ter no colegial [i]. Entrevistador(a): Ah, tá [i]. Rubens (Rubinho): Que escola pública e particular ao mesmo tempo. Fazia dois dois cursos ao mesmo tempo [i]. Entrevistador(a): Entendi. Então, eh, e aí diferença. Claro, isso é diferença, mas Assim, eu sempre levei aquele lado do respeito, sabe? [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Eu nunca desrespeitei ninguém, mas ninguém me desrespeitar. Eu nunca pus a mão em ninguém, mas ninguém pô mim [i]. Entrevistador(a): E na e na rua assim, fora do ambiente escolar, que que você a sua infância assim como rua? As pessoas olhavam, falava sempre, né, você quer ir e tal, mas eu nunca tive problema assim de [i]. Rubens (Rubinho): problema, né? Tive um problema uma vez que tinha inaugurado a lan house e aí é um pessoal na lan house e aí nós passamos Aí o menino pegou e pôs o pé na frente pra gente poder cair para fazer graça, sabe? Assim, evento de inauguração. Isso [i]. Entrevistador(a): Um evento de inauguração [i]. Rubens (Rubinho): E aí ele fez isso. Daí que ele fez isso, a ele achou que ele quis [i]. Entrevistador(a): Isso. Você tinha quantos anos? [i]. Rubens (Rubinho): Tinha uns 15 anos. Que aí eu falei: "Não, pera aí. Você tá pensando o quê? Você tá achando que falando em quem? Você acha que Aí? Eu comecei assim, do jeito que ele foi agressivo com a gente de viado na época. Falei: "Quem é você? Olha outra cor." Então, opa, para lá. Antes de você falar de mim, olha para você. Quem é você aí? Se se se

trouxe a droga também e também o pessoal mais velho, sabe assim, antigamente na praça sete tinha um café da praça. Antigamente [i]. Entrevistador(a): café, [i]. Rubens (Rubinho): café da praça chamava [i]. Rubens (Rubinho): Então ficava um monte da elite ali, sabe? Os velhos rico tal [i]. Rubens (Rubinho): E eu indo trabalhar cedinho porque tava tava ali no correio durante 6 anos [i]. Entrevistador(a): durante a adolescência [i]. Rubens (Rubinho): Dur adolescência. Dos 13 anos aos 17 anos. Ó, ó a v\*\*\*\*\* aí, ó. v\*\*\*\*\* do do correio. Sabe essas brigadeirinhas? Aí um belo dia que eu resolvi, eu falei: "Não, não vou aceitar mais que virada". Ele falou que ele falou: "v\*\*\*\*\* do correio, eu já parei a bicicleta, joguei bicicleta logo, [i]. Rubens (Rubinho): entrei dentro do café braço [i]. Entrevistador(a): Ixe. Aí foi tret [i]. Rubens (Rubinho): Aí ligaram lá no correio para falar que que eu tinha agredido um homem lá tal, eu era adolescente, quem ia fazer algo? Virou nada [i]. Rubens (Rubinho): Aí eu falei, tinha medo de horrível, velho, feio. Isso palavra de baixo calão para lá, [i]. Entrevistador(a): tá? E aí, ainda durante a infância, a a sua descoberta, sua orientação sexual, você descobre durante a infância? Como que funciona essa questão? [i]. Rubens (Rubinho): Não, eu sempre assim, eu sempre esperei muito da minha mãe, então eu sempre fui criada assim com a minha mãe muito próxima a mim [i]. Entrevistador(a): E sua mãe conservadora, seus pais conservadores [i]. Rubens (Rubinho): Minha mãe nem tanto. Minha mãe era ela sempre muito amiga. Sabe aquela mãe ser protetora, mas amiga [i]. Rubens (Rubinho): mais fácil certo para ninguém falar de você [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Entendeu? E eu tive uma avó. Eu tenho uma avó ainda. Ela tem 92 anos, mas uma cabeça [i]. Entrevistador(a): evolui [i]. Rubens (Rubinho): super assim contemporânea, sabe? E assim, quando eu fui falar, a primeira pessoa comentei que eu que eu achava que eu gostava de menina minha avó, ela falava assim, ó, mas de sabia desde criança. Você nunca brincou com seus primos de bola? Você não gostava de jogar bola? Você gostava de brincar com suas primas? [i]. Entrevistador(a): Você gostava de fato [i]. Rubens (Rubinho): de brincar com as minhas primas? Sabia disso. Desde brincava de sujar, você ficou mexendo meu cabelo. Eu sempre soube disso [i]. Entrevistador(a): E você gostava de brincar do quê? De boneca. Brincado de casinha. Isso era natural para você [i]. Rubens (Rubinho): Era natural que eu brincava com a Xirra, sabe? A heroína Xirra [i]. Rubens (Rubinho): dos do Ien lá. Xirra [i]. Entrevistador(a): Ah, entendi. Xirra. E já amava [i]. Rubens (Rubinho): Então gostava de Barbie, amava Barbie. E assim eu brincava com as com as meninas da minha rua e assim as meninas falavam assim, ai meu pai falou que eu não posso brincar com homem, o homem não pode brincar com a boneca. E ela batia nas meninas, arrancava a cabeça das bonecas delas. Era terrível. Era terrível [i]. Entrevistador(a): E isso como que era pros seus pais? [i]. Rubens (Rubinho): E assim, para minha mãe infância [i]. Rubens (Rubinho): Eh, ela triste

porque assim, por exemplo, eu comecei a fazer dança, ele é de B uns 10 para 11 anos, mais ou menos [i]. Rubens (Rubinho): Primeiro baral não tinha menino para dançar na Ilete Buz. Então eu era o único que eu tinha. Então eu dançava todas as coreografias no festival. Quando inaugurou a Quara da Baixada, o Clube da Baixada, nós vamos fazer abertura, viu? Tanto tempo que faz. E aí nós fizemos abertura de lá e aí meu pai foi ver o que que era [i]. Rubens (Rubinho): Ele até então não Quando ele viu que era que só tinha eu de menino, aí terminou tudo, o pessoal para ver a que bonitinho, menino que dança, gracinha, bonitinho. Aí eu entrei no carro e a roupa que a gente dançava era tipo uma calça mais pregada, mais cavada assim e tal. Aí ele entrei no carro, falou assim, ó, dá essa roupa aqui. Aquela roupa que eu tinha dançado. Aí ele rasgou a roupa da dança, sabe? Falou: "Você nunca mais vai fazer isso. Você é palhaçada. Você não é coisa de homem para fazer. Você não tem vergonha? Não [i]. Entrevistador(a): Olha aí [i]. Rubens (Rubinho): E Arrasou aquela roupa, jogou aquela roupa fora, sumiu com a roupa para mim não dançar mais [i]. Entrevistador(a): E a sua reação como foi? [i]. Rubens (Rubinho): Nossa, assim, eu chorei muito, né? Eu queria que eu amava. Aí que ele fez para testar masculinidade, ele me pôs o kungfu. O [i]. Entrevistador(a): kungfu [i]. Rubens (Rubinho): para ver se, né? E [i]. Entrevistador(a): isso com quantos anos? [i]. Rubens (Rubinho): Tinha 12 anos [i]. Rubens (Rubinho): Então assim, foi pior porque assim, eu não gostava disso com fogo, não gostava de luta, não gostava de, sabe? E aí era na época era o Guará, o professor do do do GF. E aí e minã Eu ia, estava super bem, adorava. Eu não gostei. Aí é o meu resultado porque falou assim: "Olha, eu pago você sem você vai f paraar ele" [i]. Entrevistador(a): E aí um acordo entre [i]. Rubens (Rubinho): aí um acordo. Eu ia amarrado de voo para poder ir na dança depois [i]. Entrevistador(a): Que legal. Então a dança entra muito cedo. Então [i]. Rubens (Rubinho): muito cedo. Muito cedo. Desde novinho. Desde criança que eu entendo. Eu era muito apaixonada por Xuxa. Era isso que [i]. Rubens (Rubinho): era, sabe assim? Mas era esses [i]. Rubens (Rubinho): é porque assim na época a suja era referência, né? A gente viu muita suja falava: "Nossa, você bonita que desce loira de bota alta, linda, né?" Então você se baseava mais de Xa mesmo que [i]. Entrevistador(a): da época [i]. Entrevistador(a): Então mas essa essa descoberta sua, então é quando ela acontece? [i]. Rubens (Rubinho): Aí assim que realmente eu descobri que eu gostava de meninos, eu tinha 16 anos. 16 anos. É porque até então achava que era uma coisa normal que não sabia que eu queria até então, porque até então não tinha ficado com ninguém, não sabia que eu queria, tava com medo, tinha muito medo das pessoas que as pessoas iam falar [i]. Entrevistador(a): Aham. Mas antes disso, por exemplo, você falou assim que já tinha que sua própria avó tinha falado que já tinha atras e como era isso na escola? [i]. Rubens (Rubinho): Na escola [i]. Rubens (Rubinho): isso também apresentar assim. Quando eu falei

pra minha avó, minha avó tava do segundo pro terceiro falei minha avó para mim foi um peso que tirei que eu tirei de mim, sabe? [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Aí eu tirei esse peso de mim. Não, não, não [i]. Rubens (Rubinho): Aí hora que eu tirei esse peso, aí eu comecei a a enfrentar as pessoas até cara a cara, que eu pensava, bom, se minha mãe e minha avó sabem, f\*\*\*-se o resto. E agora vem Quem abre a boca eu vou beitar. Aí eu vi que era pessoa gringueira, sabe? [i]. Entrevistador(a): Que foi uma reação sua. Fala, opa, para lá, mexeu comigo agora achar e a graças a Deus assim, tipo, falou: "Por qu foi? Qual o problema?" Então eu comecei a [i]. Entrevistador(a): porque até então como eles se tratavam, por exemplo, os meninos se [i]. Rubens (Rubinho): porque assim a gente eh a gente era sempre os melhores nota, tinha melhor letra, os trabalhos era adquiava a gente para fazer tudo. Eu de sala, tô sabe aquela coisa de banho de prato, você Tudo isso fichado bonitinho aqui com a cita coloridão assim para eles isso era o cúmulo dos meninos e quando a gente tirava nota eles batiam na gente sabe assim batiam aí batiam mesmo [i]. Entrevistador(a): Batiam assim tipo d tapa na cabeça. Ah, v\*\*\*\*\* sabe? [i]. Rubens (Rubinho): Aí isso mudou depois que eu falei para lá se eu que eu tinha medo porque assim a reação era se eu falasse olá tudo bem tudo bom. Se eu falasse eh se eu reagisse meu medo Queria falar assim: "Ah, bati era viado, que era gay". Eu tinha medo disso [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Quando eu controle minha mãe, minha minha avó que eu era, [i]. Rubens (Rubinho): aí, [i]. Rubens (Rubinho): ah, eu falei, pô, foram se agora agora vão ter que me engolir lá, [i]. Entrevistador(a): querendo ou não [i]. Entrevistador(a): E você lembra, por exemplo, de algum de alguns episódios, algum ou de alguns episódios antes dessa virada de chave de que você assume pra sua avó, pra sua família? Antes disso, por exemplo, esses casos de de violência, o que o pessoal falava para você, [i]. Rubens (Rubinho): mexiam assim, sabe? Sempre mexiam, fazer piadinhas. Mas nunca nada agressivo de pô a mão, sabe? [i]. Entrevistador(a): Muito agressivo [i]. Rubens (Rubinho): Nunca assim de de pô a mão. Mas assim, e sempre é sempre houve aquel esse negócio de assédio. Se eu fosse ver isso já foi sentiado várias vezes quando era universidade era comum, não era uma rotina, né? [i]. Rubens (Rubinho): Porque assim, quando você é novo, criança, adolescente, novinho, com gente diferente, então os mais velhos seriam atraídos por isso. Meu próprio momento de trabalho, eu trabalhava só com homens e vin as piadinhas brincadeirinha, sabe? [i]. Entrevistador(a): Uhum [i]. Rubens (Rubinho): É, tá com caldinha bonitinha, sabe as coisinhas? [i]. Entrevistador(a): Sim [i]. Rubens (Rubinho): Você sabe que tem duplo sentido [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Então, sempre foi assim, mas passou, sabe? [i]. Rubens (Rubinho): Eh, resistir até aí para poder mostrar que não era bem como eles pensavam [i]. Entrevistador(a): E como que os professores nessa época, por exemplo, antes de

você dessa virada de chave, como que os professores lidavam com isso? Por exemplo, se eles chegaram a ver algum desses momentos? [i]. Rubens (Rubinho): Assim, eh, várias pessoas que eu tive nunca aceitaram eh os mos fazerem isso com a gente. éramos bons alunos [i]. Rubens (Rubinho): Então assim, o que acontece como bom aluno vão defender porque bom aluno, imagina menina tá batendo nele aquele tranqueira lá. Então assim, sempre os meninos eram castigados por isso, olhav a suspensão, sabe? Porque bateu em algum da gente na época tinha era eu e mais um amigo que era assim [i]. Entrevistador(a): Então a gente era muito amigo, sabe? [i]. Entrevistador(a): Ah, vocês então [i]. Rubens (Rubinho): tinha tinha tinha um amigo que era igual a mim, [i]. Rubens (Rubinho): então a gente era muito unido. Então depois que eu conto ele também queava contar. Aí se uniu mais ainda. E antes já era vocês dois? [i]. Rubens (Rubinho): Antes já era sim. Ninguém falava para ninguém, nem sabia o que que era, mas tinha às vezes ideias [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Aí depois a a dança [i]. Entrevistador(a): sof mesma coisa, né? [i]. Rubens (Rubinho): É. Aí depois vira e fala: "Nossa, a gente é igual". Sabe assim? A gente era parceiro amiguíssimos e aí eu vi e ele tava junto, a gente tá então a gente acabou irmãozão assim e aí às vezes ele ele tinha pouco para se defender, eu ia lá e defendia. Então era isso. Aí era uma guerra [i]. Entrevistador(a): E aí depois dessa virada de chave, depois que você se assume no ambiente escolar acontece algum Alguma coisa, por exemplo, você lembra assim de você ter batido em alguém ou de você ter revidado alguém? [i]. Entrevistador(a): Alguma coisa do tipo [i]. Rubens (Rubinho): Não, era só boca mesmo, sabe? Deus, [i]. Rubens (Rubinho): ah, falou isso. Ah, que falou por quê? E daí você fazer com isso? Vou com sua escola [i]. Rubens (Rubinho): Que que foi? Que tá acontecendo? [i]. Rubens (Rubinho): Então assim, o povo tinha medo porque você era, eu era muito quietinho delicadinho, mas a hora que eu virava a chave só assustava que comecei a aprender isso porque o que acontece nesse termo conheci a vila das travest [i]. Entrevistador(a): Ah, então assim, ó, a X eram assim, eram lindas, né? [i]. Rubens (Rubinho): É, as telestis, elas eram lindas, eu era adolescente, eu via, tinha contato com algumas, conhecia, mas elas falavam: "Olha, não deixa ninguém com tua cara não, você não precisa disso. É peito, imagina essa agressividade um pouco dessa vez. Eu peguei um pouco disso [i]. Entrevistador(a): que é uma reação, [i]. Rubens (Rubinho): porque é uma reação que tem que ter. Sim, porque assim, [i]. Rubens (Rubinho): se você aceita baixa de cabeça, eles vão aprontar assim com você. A partir do momento que você dá um baile aquele boba para lá, não é assim que funciona. Não venha não, porque ele gosta de ser diferente, [i]. Rubens (Rubinho): entendeu? E aí o povo já começa a te respeitar por isso, entendeu? Sabe que se mexer ali vai achar, [i]. Rubens (Rubinho): entendeu? Então, mais ou menos por isso [i]. Entrevistador(a): E aí, depois disso tudo, como que seu, como que é o

processo com seu pai? [i]. Rubens (Rubinho): Aí meu pai nunca aceitou [i]. Entrevistador(a): Nunca [i]. Rubens (Rubinho): Nunca. Por quê? [i]. Entrevistador(a): Só espuma o suco. Joga [i]. Rubens (Rubinho): ele não [i]. Rubens (Rubinho): Porque ele [i]. Rubens (Rubinho): simplesmente fazer o quê? Ele evangélico [i]. Entrevistador(a): Ah. Ó lá [i]. Rubens (Rubinho): E aí na cabeça dele quem é gay só tinha um demônio. Então eu tinha que sair esse demônio do corpo que era o espírito ruim pá. E aí é todo dia ele orava, pedia, sabe? E é aquela coisa desconfortável. Aí até assim eh eu fazer faculdade e começar assim independente financeiramente que aí ele não tinha que falar porque eu pagava as casas de casa, então ele não podia falar nada [i]. Entrevistador(a): porque ajudava em casa, [i]. Rubens (Rubinho): entendeu? Então assim, é literalmente eu c a boca Ele com dinheiro [i]. Entrevistador(a): Oi [i]. Entrevistador(a): É com a sua independência [i]. Rubens (Rubinho): Com a minha independência. Tipo, tudo que eu precisava precisava dele para nada [i]. Rubens (Rubinho): Tipo, e a minha carta eu tirei dinheiro, meu carro, entendeu? Eu comprei minha para dinheiro, trabalhando, não parava. Então, eh, creio que foi isso assim, assim. Aí que eu certo distanciamento, meu pai era muito, era muito de bagunça, sabe? Assim, [i]. Rubens (Rubinho): de mulhereiro, machista pr caramba. Tudo da mulher para ele era mulher, falou que era mulher sab que era em cima. Então, isso Eh, eu primii muito da minha mãe, muita dó e achava errado que ele fazia, [i]. Rubens (Rubinho): porque mãe também era v [i]. Rubens (Rubinho): e eu achava assim que eh porque ele era homem, ele podia olhar para qualquer mulher, sendo que era casada. Então eu tava errando e ele era o certo, a história [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Então eu sempre fui muito minha mãe assim [i]. Entrevistador(a): E durante a faculdade, como foi [i]. Rubens (Rubinho): a faculdade? Hum, teve uma vez que nós tivemos uma dinâmica que aí eh a fazer um dinâmico de que falava assim de problemas, por exemplo, um negro advogado, uma trans médica, sabe assim, esses problemas, mas com profissões diferentes [i]. Rubens (Rubinho): uma professora com eh com eh aquela aquela eh impulsão por sexo, é [i]. Entrevistador(a): linfomania, [i]. Rubens (Rubinho): nanoníaca, professora linfomaniaca, um treinador eh autista, sabe as coisas assim os problemas. E aí eh tinha uma pauta que era eh um ginecologista homossex não é um ginecologista homossexual. Eu tinha que escolher. Aí escolheu todos menos do que tinha o gay através e o ginecologista. Aí a pessoa pergunta por você escolheram eh o gayestir por vocês escolheram perguntou pra sala. Aí a maioria das sala porque são pessoas que dão muito trabalho escandalosas, não sei o quê. E imagina isso e triste, quem garante que ela vai mexer no da mulher, vai abusar da mulher, sabe? Então assim, eh eh são coisas que aí a dinâmica era assim, ó, tipo o menos escolhido era o que eles tinham mais preconceito. Então eh eles eles ligaram que as travestis, os gays que eram mais

eh atíós pelo sexo, que tinha a ver com com o sexualismo, entendeu? Então qualquer profissão que ele tivesse, ele ia confundir a vida particular dele por causa do sexo, porque era gay, porque era travestia, porque era sabatão [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Aí eu briguei, falei: "Olha, aí o menino falou". Eu falei: "Olha, você falou o quê?" "Ah, mas é verdade mesmo. Que é tudo um bando de eh Eles expõem muito sexo, tá nem aí, faz sexo em qualquer lugar. Aquela parada gay de São Paulo, é uma palhaçada, sabe? Começou a falar, ela falei quem é você? Olha você, você é negro, você falou o quê? Você é negro, é pobre, onde você mora? Você não é rico? Aí comecei brigar, eu falei assim, eu sou gay, ai de alguém falar alguma coisa para mim na faculdade. Só tem quear e acabou, acabou esse ouvete de ti olho torto, eu sei nos direitos, velho. E acabou. Aí o dia que eu falei isso, todo mundo já calma, calma. Não é assim você levando pro lado final. O cara tá falando que que só só enxerga as coisas para do sexo. Por que isso? Por e ele não. Se uma menina bonitinha nadando na por ca da da da faculdade, ele não vai ficar achar menina gostosinho, bonitinho, bom da menina. Ah, para gente vai de hipocrisia. P de hipocrisia os são piores e se procur procura a travest porque sabe onde ela tá, que sabe que ela tá na estação, sabe que ela tá na rua, sabe que ela tá, ela não vai atrás dele procurar ele, quem procurar elas é eles. Então acabou, acabou o termo. Acabou. A professora falou: "Bem, calma, calma. Falei: "Calma, jeito, [i]. Rubens (Rubinho): calma, não tá começando" [i]. Rubens (Rubinho): Aí depois a gente disse assim, ó, na faculdade, tive uma aceitação enorme porque aí tudo era eu, eu era e presente da feratura, aí eu ia nadar e eu zoava todo pão. Aí tinha de natação, eu punha o robão de rosa pink, eu lava o cabelo, falava: "Vada água". Assim, [i]. Entrevistador(a): pera aí, ah, deixa eu ver se tá fria a água. Eu meio bear água que horriga de ir [i]. Rubens (Rubinho): Aí a gente tinha aula de de esportes aquáticos, caiaque [i]. Rubens (Rubinho): Aí eu tinha cabelão comprido. Aí a gente falava assim, ó. Vaiana, vai, vai. Pouca roupas brincando [i]. Entrevistador(a): Ai ai [i]. Rubens (Rubinho): Mas foi um monte de bom, bem também faculdade aí amigo de todo mundo. Saudades que o pessoal amadureceu, sabe? E a aceitação era outra coisa muito churente. Depois é, né? [i]. Entrevistador(a): Dá tchau pro Mar. Fala tchau [i]. Entrevistador(a): O que você sente que mudou, por exemplo, da sua época de escola para hoje? [i]. Entrevistador(a): E se você já presenciou, por exemplo, Enquanto o professor casos de homofobia, de discriminação [i]. Rubens (Rubinho): Olha, eh tem dois fatores. Por exemplo, quando eu estudava na minha época era era mais conservadora as coisas, mas tinha pessoas que brigavam por pelos direitos. Já se hoje tá liber, eu acho assim, ó, eh, tornou-se muito liberal as coisas, entendeu? Por exemplo, tudo tem seu lugar de limite. Eu não acho legal um casal de homossexuais beijando numa praça de domingo. Não acho legal. Da mesma forma que eu acho também. Só que tem gente que briga

porque acha que isso é normal. A questão não é de ser normal, a questão tem lugares lugares [i]. Entrevistador(a): Uhum [i]. Rubens (Rubinho): Entendeu? Então acho assim, se você tá numa praça, num ambiente que tem famílias ali, não tem necessidade nem pro nem pro homossexual, é ficar se agarrando ali, que não é um ambiente para isso [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): Então assim, ó, eu sempre fui daquela daquela o que você faz quatro paredes é você, a pessoa se você deita com cachorro, com animal, com objeto, com mulher, com duas mulher, com três é problema seu. Então, nunca confunda essa parte é sexual íntima, particular com sua vida pública [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Rubens (Rubinho): E aí é onde que mudou. Hoje tá assim, ó. Eh, já querendo beijar para todo mundo, eh, beijo almoço ontão, já quer fazer sex da rua. Já quer beijar. Então, acho que isso tem necessidade. E aí a briga se torna em vão. Por quê? Porque você eh briga pelos seus direitos. Porque seus direitos e sua liberdade de ir e vir, né? Seu direito começa, tudo termina. Mas o respeito tem que ser independente. A pessoa pode não aceitava, tem que aceitar, acabou. É lei, direito a pessoa. Exato [i]. Rubens (Rubinho): Entendeu? Então assim, eh hoje existe muita vulgaridade nisso. Existe muito eh de estar numa festa, de repente o menino é um gay que é o feminino. E não é isso que fala. Fala as transexuais que se vestem de mulher, que são eh mulheres femininas. Pode usar feminina. Agora o cara chega lá um menino. Sabe que feminina são coisas diferentes. Então assim, eh é isso que a liberdade, os direitos que foram eh que conseguiram eh foi bom para um lado, mas por outro eh ficou muito liberto. Eles acham que as pessoas têm que aceitar tudo perder alguns limites [i]. Rubens (Rubinho): É não é bem assim. Tem limites, tudo tem limite, eu acho. Então se você é respeitar as pessoas e saber o seu lugar, como igual minha avó dizia, você pode ser uma p\*\*\*, uma prostituta, se você saber entrar e sair do lugar, você vai ser uma pessoa normal. E é verdade [i]. Rubens (Rubinho): Então você descreta no teu canto ali quietinho, não precisa divulgar o que você faz, sua vida, que que você faz de fazer. Acabou tem isso. Mas, por exemplo, essa esse comportamento, por exemplo, que os meninos tinham com você na escola, você acha que ainda continua? [i]. Rubens (Rubinho): Hoje não. Hoje eles aceitam mais [i]. Rubens (Rubinho): Só que quem não respeita são as gays que estão vindo agora, porque elas acham, por exemplo, eu já recebi relação de meninos, professor, ó, fala pelo parar, tá chato. a gente põe na mão na gente, fala que é chato, depois a gente vai bater, fala que que é uma fobia, você entendeu? Então elas perdem o limite da das da coisa, né? O respeita você estar super bem ali, tranquilamente. Que direito eu tenho de p mão no órgão genital dele? Que direito eu tenho de brincar com ele de de p mão na barriga, chamar ele de gostoso, bonito, entendeu? Ou tipo que direito ele eu tenho de falar se chupi, se eu deito, peito quando as pessoas Não tem isso, entendeu? Então assim, eu respeitar, né? Conseguem ser amigos, mas não

respeitam, sabe? Assim, acho que que eles tem que engolir aquilo, agora baixo e não é assim funciona [i]. Entrevistador(a): É, mas mas então você acha que não há, por exemplo, hoje no ambiente escolar essa discriminação assim, po, pode até existir, mas [i]. Entrevistador(a): você já presenciou alguma coisa do tipo? [i]. Rubens (Rubinho): Algumas coisas, assim, ó, por exemplo, eu já presenciei foi é um menino gay querendo no beiro das meninas, aí ele ai porque não sei o que ele chorou tal vem cá. Aí você Você não pode ir no meio feminino porque você não é trans. Você que isso aqui você não usa cueca, você não usa de homem, então você não é trans. A transa não espera se acha uma mulher. A transa mulher 24 horas por dia. A trans ela se inspira numa mulher e você não. Ai professora, é sério. Nossa, não. Você é um gay masculino, sem trazos masculinos ainda. Agora se fosse um gay afeminado, né? Até. Mas você não é transmo. Ai, mas Falei: "Não, não pode, infelizmente." Aí eles vão entendendo devagarzinho, sabe? [i]. Entrevistador(a): Nas escolas que você trabalha, por exemplo, a abertura para essa questão, por exemplo, do banheiro? [i]. Rubens (Rubinho): Ah, [i]. Entrevistador(a): se há um uma menina, [i]. Rubens (Rubinho): quando tem, eh, é questionado, mas sabe o que tem, pode utilizar, mas tem o banheiro social também que a gente fala, né? [i]. Entrevistador(a): Agora, então tem banheiro social, [i]. Rubens (Rubinho): é, não, não é o banheiro social, tem um banheiro que é para necessidades especiais, [i]. Entrevistador(a): é facultativo porque não tem gênero definido [i]. Rubens (Rubinho): É, então assim, se você quiser ir no feminino, você pode ir, mas se você quiser o outro é melhor. Então assim, geralmente quem quem é igual assim há um ano atrás tinha uma travestindo estava na escola e ela professor não precisa ir no banheiro, vou no banheiro e quando eu precisar eu peço a chave do banheiro da especial e eu vou errar no banheiro do professor já falava. Então sabe isso eu não leva. Às vezes tem gente que gosta de causar, né, nisso. Ah, eu quero no banheiro feminino. Às vezes é só para fazer as fisiológicas e acabar e pronto, tem o porquê, né? Eh, ir assim no banheiro, se você não não é trans, se você não tem gênero definido, não é aberto, não é um banheiro misto, não é banheiro que não tem gênero, né? [i]. Entrevistador(a): É lá na na onde eu estudo tem esse banheiro assim que não tem gênero, tipo vai meninos e meninas e e jogando [i]. Rubens (Rubinho): Só que assim, uma bagunça, uma bagunça porque fica tudo sujo. Aí ficou pensando como que uma menina senta lá no raso, tá tudo sujo. Enfim, [i]. Entrevistador(a): é quando a A, aquela [i]. Rubens (Rubinho): aquele carnaval que tem o bloquinho de carnaval que tem Califórnia lá [i]. Entrevistador(a): O banheiro também é [i]. Rubens (Rubinho): é neutro [i]. Entrevistador(a): Hã? [i]. Rubens (Rubinho): É, não tem gênero, mas é uma bagunça também que acho [i]. Entrevistador(a): não é não tem como [i]. Rubens (Rubinho): Que aí vira entra homem a mulher de repente, sabe? Então, [i]. Rubens (Rubinho): e é isso, né? E tem gente que aproveita da situação [i].

Entrevistador(a): É sim. Isso é verdade [i]. Entrevistador(a): Que a gente pensou em incluir, mas acaba gerando outros problemas [i]. Rubens (Rubinho): É. É. É [i]. Entrevistador(a): E aí, por exemplo, agora, enquanto você é, professor, como que trata essa questão? Se trata essa questão da escola, por exemplo, trata de LGBT fobia, de qualquer de orientação sexual, gênero? As escolas estão abrindo um pouco a cabeça em relação a isso [i]. Rubens (Rubinho): Segunda-feira nós tivemos uma palestra lá no Badran [i]. Entrevistador(a): Ouv [i]. Rubens (Rubinho): Então a gente foi lá e assim as perguntas vieram, tudo que você imaginar eles iam perguntar por na época a era uma escola que discriminava muito. Então assim eles eles aceitavam Qu foi instalar grama, ela foi proibida o banheiro [i]. Entrevistador(a): Eu tive uma questão com ela na, não sei esses anos, não foi esse ano, foi, não sei se foi ano passado ou ano retrasado, alguma questão na no Badran [i]. Entrevistador(a): E aí ela [i]. Entrevistador(a): de palestra também [i]. Entrevistador(a): Ah, um pai, um pai porque o pai achou absurdo [i]. Entrevistador(a): é falar e vai cair [i]. Entrevistador(a): ela ia falar sobre esse assunto na escola que na cidade que que [i]. Entrevistador(a): e era sobre, né? Não era a palestra, [i]. Entrevistador(a): não era sobre is Então ele achou desnecessário porque a filha dele vai descobrir e não ninguém vai poder falar sobre [i]. Entrevistador(a): mais uma vez naquilo que você tinha falado, né, de relacionando a a transsexualidade com sexualidade [i]. Rubens (Rubinho): É, então não tinha necessidade de explicar isso, que isso aí é uma coisa particular, blá blá, enfim, mas quebra cara porque tá no currículo, você tem que falar sobre isso [i]. Entrevistador(a): É, e essa sobre essa palestra que você tinha falado nessa semana, como que foi? [i]. Rubens (Rubinho): Foi sobre isso, sobre eh LGBTQ a mais. E aí vou explicar as siglas, o que significa eh como que foi pra gente também eh aceitação, eh, por exemplo, se eles presenciassem um caso de alguma fobia que eles iam fazer. Aí eu fui explicar [i]. Entrevistador(a): como foi a participação deles [i]. Rubens (Rubinho): Todo mundo perguntou, eles amaram. Amaram, eles perguntaram muita coisa, sabe, que eles não sabiam. Por exemplo, nicial, eh, na escola eles podem usar [i]. Entrevistador(a): Ah, pode isso [i]. Rubens (Rubinho): Pode usar. Na escola eles podem usar. Eh, desde que se for maior de idade, ele vai na secretaria de escola e pede a documentação. A a secretaria de escola muda, o sistema não aparece o nome dele da reg mesmo que ele não for eh [i]. Entrevistador(a): no registro ainda [i]. Rubens (Rubinho): No registro ainda, ele tem direito de usar o nome que ele quiser [i]. Entrevistador(a): Muito bom [i]. Rubens (Rubinho): Aí assim, se a mãe ou os pais não concordarem, aí ele tem que fazer proponho que é ele que quer e ele que autoriza [i]. Entrevistador(a): E aí ele tem autonomia para isso, [i]. Rubens (Rubinho): para isso, desde que ele que ele que ele queira. Agora se a mãe intervir o elogista, aí a mãe acaba ganhando, porque Entendeu? É só por ele, mas ele pode fazer isso se quiser. Não leva [i].

Entrevistador(a): Quais outras dúvidas levantar? [i]. Rubens (Rubinho): Aí perguntaram também sobre a inclusão do das travestissexuais no jogo feminino lá masculino, no esporte, no vôlei no esporte. Isso é sempre uma questão, né? [i]. Rubens (Rubinho): Fala da Tiffany lá, sabe? [i]. Entrevistador(a): Do vôlei [i]. Rubens (Rubinho): Do vôlei. E eu disse falou assim: "Ela é uma mulher porque mesmo que testasse a dosagem de hormônio dela, ela tem mais hormônio feminino que que femculino." Então, tirar uma mulher é só da útera [i]. Entrevistador(a): Exato. Não é isso, [i]. Rubens (Rubinho): entendeu? E aí eles porque é força, gente. Falei, gente, a Márcia F tem mais força que a que a Tiffany, [i]. Rubens (Rubinho): entendeu? Então assim, nem questão de força, eles [i]. Entrevistador(a): é assim, né? Eles não [i]. Rubens (Rubinho): entendeu? E principalmente quem é igual assim, quem é bolsonarista são os principais nas organizações. Eles odeiam esse assunto. Odeiam esse assunto. Esse é o próprios vereadores mesmo aqui. Teve no GESP agora que aí teve o caso de uma menina transomem jogar futebol com os meninos. Minas joga mais que até os meninos. A mina joga e é o macho [i]. Rubens (Rubinho): e ele aceitar [i]. Rubens (Rubinho): E ele querendo não porque ela vai ela vai. Falei bem é porque ela bater os meninos e os meninos, né? E ele fala ai porque não sei o que porque tem que ver isso gente a tá aqui ó. Is aqui ó acabou. Tem essa. Você vai brigar [i]. Entrevistador(a): E, por exemplo, voltando pra escola, você acha que ainda falta falar mais sobre isso na escola? Você acha que ainda há espaço para isso? [i]. Rubens (Rubinho): Eu acho falta falar um pouco sobre, mas eu acho que tem que ser muito bem ponderado e explicado o que pode, o que não pode, o que é certo, que não é, para que deixe bem claro que, né, as coisas, porque assim, se você falar de uma forma livre, dá impressão que pode tudo. Aí perde-se a autonomia, perde-se a a liberdade, perde-se as regras e tudo tem regra. É. Esses, por exemplo, as pessoas, eu entrevistei duas pessoas mais jovens, entrevistei você e entrevistei a Maria Fernanda também e entrevistar a Ti para ter essa variação de peixeira. E aí o pessoal mais jovem ainda falou sobre piadinha, ah, v\*\*\*\*\*, b\*\*\*\*\*, não sei o que das coisas [i]. Entrevistador(a): Então, e pode até existir, mas dependendo do comportamento da pessoa [i]. Rubens (Rubinho): É, então, e aí, por exemplo, até uma experiência pessoal minha, não aqui em São Joaquim, inclusive no livro eu coloco um relato pessoal e eu coloco que durante todo da minha formação escolar, o único lugar que eu não fui excluído foi no Generavel, por [i]. Rubens (Rubinho): que foi no meu segundo ano e terceiro ano [i]. Entrevistador(a): Por quê? Porque você estava lá, já tinha um professor gay [i]. Entrevistador(a): Mas é Exato. Isso [i]. Rubens (Rubinho): Quando eu entro eu falo: "Olha, eu amo dar aula meu trabalho, se quiserem me ter como amigo, eu vou ser amigo de vocês. Só que eu não aceito preconceito. Vocês querem ver o capeta, desfaz de alguém, seja preconceitoso com alguém, com a ismo, com homofobia,

com machismo. Aí são [i]. Entrevistador(a): eu acho que é é muito isso [i]. Rubens (Rubinho): Então assim, quando você eh tá numa escola onde tem alguém que tem uma referência representatividade, você já as pessoas ficam meio que sabendo, mexe que você vai [i]. Entrevistador(a): é porque se você mexe com alguém que é igual a você, por exemplo, que é uma figura nesse igual assim, ó. Por exemplo, eh, quando eu teve caso na escola de um inspetor eh não querer deixar a a travestir, usar banheiro banheiro feminino, porque ele não queria e assim, ó, e ela tava com o nome RG, com nome e chamava e chamava de Maria Eduarda e o nome nome do homem era Eduardo. O inspetor fazia questão de Eduardo é demais, né? Umas duas vezes. Aí eu falei para ela, olha gente, se ela tá na X, você perde seu cargo? [i]. Rubens (Rubinho): Ah, mas por qu e ele bolsonarista no útil, olha, você não pode. Direito dela. que ela tem que ter, tá? Um registro dela, a mesma coisa pegar, eu olhar para você e falar assim para você falar assim de de Paulas e você é Paulo, olha para ela, você vê ela algum traço dela masculino, ela te ama bobo coisa, ela tem peito. Como eu chamar ela de ele? [i]. Entrevistador(a): É de Maria [i]. Rubens (Rubinho): Então assim, sabe, você tá entendendo por você tá entendendo o desrespeito que você tá gerando com ela? Isso uma hora ela já agressiva, uma hora ou ela vai te acabar a bola na cara ou ela vai fazer alguma coisa com você e aí vai ser pior. Respeita pelo menos que é o mínimo, né? Entendeu? Aí eu fui obrigado a falar isso na TBC de geral explicar. Falei: "Gente, não faça isso, respeito pelo menos respeito" [i]. Entrevistador(a): Na reunião de professor você fala: "Ah, respeito" [i]. Entrevistador(a): E qual foi a resposta? [i]. Rubens (Rubinho): Ai, para você que engraçado. É, vocês sabam tanto, só que assim ó, for denunciar tudo que tem na escola tantos professor machos, velho, babão que olha bom das meninas aluna. O tantos professor que assia professor professora nova, quando professora nova chega e isso coberta e isso ninguém pode saber, entendeu? [i]. Entrevistador(a): É exato isso [i]. Rubens (Rubinho): Então, e aí eh, torna-se a pessoa fica, vou parar, eu falei, tem lei, viu? Aí quando você lei 10, 948 bar, aí o pessoal fala assim que você não sabe esa lá, baixa lá lei 10 914 novembro 2011, vê que ela fala. Vamos lá. Aí o povo fica assim, tem essa letra aí, tem já. Sabe o nome da [i]. Entrevistador(a): Claro? E na delegacia se você for fazer boletinho, [i]. Rubens (Rubinho): eh, eles não sabem essa lei. Aí você tem que falar, [i]. Entrevistador(a): são revitimizados, né? [i]. Rubens (Rubinho): Aí ele fala: "Ah, deleg fazer eh leit de corrência, alguma coisa. Essa leis tem que se dar eles não sabem. Aí eles vão te calúnia, eh, violência, menos, menos isso. Aí já vai ali além certinho, acabou. Não tenho o que falar mais [i]. Entrevistador(a): É muito isso, né? Porque é né? Revitimização, né? Porque a pessoa já é vítima de uma discriminação, ela vai denunciar, a revitimizar, entendeu? Ah, mas que lei que lei você não sabe trabalha com isso, sabe o que é isso? Quer explicar para vocês que aí você

[i]. Entrevistador(a): é? Então, aí o que eu tava falando era, por exemplo, que eu durante toda a minha formação escolar que eu também passei por esses episódios e aí quando acontecia isso, mesmo que os professores tinham noção disso, não acontecia nada com os autores das piadeiras e da discriminação e do tapa e do chute. dessas coisas que aconteceu [i]. Entrevistador(a): Hum [i]. Entrevistador(a): E aí eu queria entender se, tipo, se na sua experiência enquanto professor, se há alguma medida por parte da escola nesse caso [i]. Rubens (Rubinho): Bom, eh, todo tipo de violência na escola é proibido, independente, o que for, se algo te incomoda, se é bullying, se é preconceito, se é discriminação, tudo é proibido. Só que você tem que falar com as pessoas certas [i]. Rubens (Rubinho): Ah, adiant que ela vai na sala de aula ali e deixar quieto, não resolveu, não com a professora, vai na coordenadora, não resolve coordenador, vai com a diretora. E aí? E t Você não resolveu, tá? Não, senhora não vai resolver. Então amanhã tá com meus pais aqui, eu quero que resolve. Tá bom. E aí no abre uma outra questão. Há campanhas de conscientização disso dentro da escola de não preconceito eh próprio, mas de bullying [i]. Entrevistador(a): não. Sim, mas por exemplo, ah, reclamou com o fulano, não resolveu. Vamos pro [i]. Entrevistador(a): tipo da denúncia dessa violência. Tem, tem, tem sim, tem. Quem não sente sente à vontade vai direto a pessoa. E aí no dia da mãe vai, pai. Vai e resolve. Mas assim, é raro. Tanto é que o ano passado nós tíos na escola menino que ele era meio um gay, meio meio punk, meioqueiro, meio emo, meia é umas, né, umas louca pr cabelo todos os dias de uma cor. Enfim, um dia ele tava, ele tava indo embora, os meninos seguiram ele na chora de gayinho, v\*\*\*\*\*, b\*\*\*\*\* na rua. Aí ele tava sozinho, tinha uns oito meninos mexendo com ele. Aí dois meninos, um foi lá de unar para cabeça dele, o outro foi lá de rubou bic dele, a bicara dele. No outro dia ele chegou na escola e reclamou. Aí ele reclamou numa sala onde os meninos odeiam conceitas coisas. Que aconteceu? A escola inteira cou na hora do crénização [i]. Entrevistador(a): Precisa aparecer para você ver [i]. Rubens (Rubinho): Eh eh for eh fala fora É, fora preconceituoso, fora [i]. Entrevistador(a): homofóbico, [i]. Rubens (Rubinho): homofóbico, fora homofobia, fora homofobia e para cima dele, sabe? [i]. Rubens (Rubinho): Aí ele chegou os meninos, a escola inteira, [i]. Rubens (Rubinho): vem vai mexe com ele aqui agora, fala que ele ganzinho aqui agora o cuid dela fala. Então assim, se mobilizaram, tomaram as dor dele, do menino [i]. Rubens (Rubinho): Aí nós tivemos que escoltar o esses dois meninos, chamar as mães, dar uma situação de 10 dias para acalmar o que na escola iam apanhar. Mas apanhar porque eles estão defender. os amigos, entendeu? Muito bom [i]. Rubens (Rubinho): Bate na gente bola e assim, tipo, o menino aí você vê o menino é negro e o outro que é que então sabe para que isso? [i]. Entrevistador(a): Ah, os autores você fala [i]. Rubens (Rubinho): é um gay. Aí depois a família foi lá conversar comigo, falei: "Gente,

incrível assim, nem eu esperava, nem eu esperava dos meninos, não esperava". Então assim, e ali ele sabe que assim, ó, por exemplo, podem brincar sim, zoar um com o outro, mas Se eu ofender e deixar alguém machucado ali, um do outro, sabe? Eu [i]. Rubens (Rubinho): acho isso muito incrível assim. Espalha assim, falava, gente, mas que essa bagunça eu segurava os mos assim, gente, não vai lá ver direito de vocês, não vai lá pessoal assim, você viu que ele fez fulano é um homofóbico desgraçado, ele é negro, quem é ele falar isso? Esse macaco de macaco. Falei: "Calma, estão se falando, estão se falando a ele. Não adianta fazer isso. Calma, vai ser resolvido. Aí chamou os pai, todas as partes eles Ai porque não foi assim faz zoando ele para ele zoar não é da tapa do menino não é chamar de viado de ninguémzinho você sabe o que ele é [i]. Entrevistador(a): ou não [i]. Entrevistador(a): muito isso né ficar tirando a pessoa do armário é [i]. Rubens (Rubinho): e menina e menina nem era [i]. Entrevistador(a): É então na adolescência a pessoa nem sabe que é, né? [i]. Rubens (Rubinho): Nem era. Aí menino terminou ano namorando uma menina sabe assim super [i]. Entrevistador(a): a revirar volta [i]. Rubens (Rubinho): Nada a ver assim [i]. Entrevistador(a): Só era um roqueiro [i]. Rubens (Rubinho): Era um roqueiro meio meio line sei lá que aquilo. Nossa, que diabo aqui, mas o quê? [i]. Entrevistador(a): Se enquadrava em misterió, né? Que poderia ser [i]. Rubens (Rubinho): é assim porque ele tava o cabelo de todas as coisas, sabe? Assim, faz umas mechas rosa, laranja, verde. Aí um dia tava tava loiro, cabelo louro, tava cabelo rosa e o povo queria matando [i]. Entrevistador(a): Porque se distingue da norma, né? [i]. Rubens (Rubinho): É. Sai do padrão. É [i]. Entrevistador(a): Aí [i]. Rubens (Rubinho): tem que ser o que eles querem [i]. Entrevistador(a): Já era, né? É. E assim, falando sobre referência, por exemplo, referência musical assim, artista que você gosta, nem precisa ser musical assim. Quem é a sua referência [i]. Entrevistador(a): mus [i]. Rubens (Rubinho): na vida? Assim. na vida. Na vida. Ah, eu acho assim, eh, minha mãe é minha pricipalmente assim, minha mãe me inspiro muito nela que ela é muito guerreira [i]. Rubens (Rubinho): Minha mãe é uma guerreira [i]. Rubens (Rubinho): assim, sempre trabalhou para dar tudo que a gente precisava brinquedo na época, ela fazia tudo pra gente [i]. Entrevistador(a): Que que ela fazia profissionalmente? [i]. Rubens (Rubinho): Minha mãe, ela era funciona pública, então ela trabalhava na escola, na parte da cozinha. Mas assim, sempre fez tudo pra gente, sabe, sempre tá bem e tinha vontade de alguma coisa, ela que fazia aniversários, ela que fazia tudo, fazer aniversário, sabe? Você questão da da gente assim, né? Então é, inspiro muito nela. Força de [i]. Entrevistador(a): JC [i]. Rubens (Rubinho): é assim, era uma referência porque assim, nossa, de força, de caráter, de e assim, ela é muito parecida comigo em falar que pensa hoje assim a gente conversa, ela fala assim, eu brigo, ela bem com balance fala assim, gente, cabe, né? Ela fala: "Não, quero essa fácil tem vergonha

mais não, porque você tá tão magrinha faz não mais essas coisas pequenas não, mas sei ai credo." Então assim, a gente brinca muito sabe, então tem uma liberdade muito grande. Então assim [i]. Entrevistador(a): de amizade [i]. Rubens (Rubinho): é muito grande e como artista assim que eu espelho muito, eu gosto muito, eu gosto muito daquela Aquela é Lorel Fox, uma drag, como nome? [i]. Entrevistador(a): Lorel Fox. Era uma drag que ela tem posa, estudada. Ai, que legal [i]. Rubens (Rubinho): E assim, ela dá uns conselhos na [i]. Rubens (Rubinho): na internet, faz uns vídeos que é tudo que você vivencia. Igual quando você fala de de ela tem um vídeo que ela fala de elegobia na escola, você vai explicar pras crianças de uma forma super educativa, sem envolver sexualidade. de nada. Então assim, ela é bem inteligente, ela sabe muito disso. E acho que que é isso assim, é como referência com pessoa, eu tenho muita gente como referência que sofreu pr caramba. Ah, tenho a Babete também que assim uma inspiração pra gente, sabe? Então acho assim, [i]. Entrevistador(a): a Babete é babet que você [i]. Entrevistador(a): acho que eu não conheço. Testinho [i]. Rubens (Rubinho): Conhece? Nossa, é advogada, [i]. Rubens (Rubinho): tem direito, estética. Você não conhece ela Bet? [i]. Entrevistador(a): Ah, talvez eu conheça [i]. Entrevistador(a): Certamente [i]. Rubens (Rubinho): ela uma referência também, porque assim, tipo, a mulher trans, inteligentíssima, foi para fora do país, sabe? [i]. Entrevistador(a): Eu senti muito isso de da população de São Joaquim, pelo menos as pessoas com quem eu tive contato desde que eu vim para cá, que eu vim para cá no segundo ano do [i]. Rubens (Rubinho): não conheço [i]. Rubens (Rubinho): não. O corpo, tem linda. Nossa. G [i]. Entrevistador(a): é então t falando sobre eu senti muito isso, né, de da população de São Joaquim, pelo menos as que eu tive contato, serem muito mais abertas assim essas questões, pelo menos assim, se comparado como o Ragudo, que é de onde eu venho [i]. Entrevistador(a): Aham [i]. Entrevistador(a): Não sei porquê, mas enfim, eu senti muito mais isso. Mas eu acho que, por exemplo, eu acho que a questão cultural aqui é muito mais forte, muito mais diversa [i]. Rubens (Rubinho): É, [i]. Entrevistador(a): por mais que ainda seja limitada [i]. Rubens (Rubinho): Olha, pr você ver, quando eu comecei a carreira, eu dava aula da aula E aí pro e aí estava assim, né, de e me conhecia a vida particular as criancinhas tudo, eles amavam a aula, né, porque danas, jogos, as crianças amavam. Aí um pai chegou no diretor, falou assim: "Olha, eu não quero que esse bolso dela transfere mais porque ele é gay, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê" [i]. Entrevistador(a): Isso em que ano? [i]. Rubens (Rubinho): Eh, eu conheço uns em 2008 de 8 para aí. Aí eu tava aí pro e o pai chegou na diretor, ó, você manda embora. Eu se fui na escola e tem dois filhos aqui na escola particular lá lá. Aí você prof embora eu tirei da escola. Não, tu vou tirar na escola. Não vou professor as meninas adoram ele. Eu perco seu filho perfeou [i]. Rubens (Rubinho): Aí ele tirou os doidores da escola

que eu não queria ele que tivesse contato porque ele falava que podia influenciava crianças. a seris, entendeu? Mas isso aí eu tirei de letra isso, sabe? Nossa, muit [i]. Entrevistador(a): teve outros casos parecidos com isso [i]. Rubens (Rubinho): na escola particular teve. Aí teve uma escola particular também que eh eh coloquei uma música de alongamento para encerrar a aula. Aí tinha o pessoal que era de Jeová e aí não podia a ter colocado aquela música e a Jeová. gostava, sabe, da música que não podia. Aí teve esse lance também. Então assim, já aprendemos todos os dias, sabe? [i]. Rubens (Rubinho): Na escola pública não teve escola pública com isso, [i]. Entrevistador(a): com os pais [i]. Rubens (Rubinho): nunca sei. A escola pública eu tinha quando eu terminei biologia, peguei aula de ciências. E aí a proposta do Porque mudou a proposta agora no currículo, você vai ver transgênero no oitavo ano. Aí vem o caderno material de São Paulo, vem com o kit já estabelecido, né, [i]. Rubens (Rubinho): kit certinho que você tem que trabalhar. Aí o tema é como pode ser a minha primeira vez ciências que vai entrar em sexualidade, vai entrar em em prevenção, em virgindade, interrelação sexual e você vai explicando devagarzinho. Aí chega parte de uma aula do nono ano que você tem que explicar. Aí vem o kit, vem um um pênis de borracha, uma vagina, ativo, vem o kit prontinho. Aí você vai na sala e começa a explicar. E os vossos amam essa aula. Amam, amam. Eles perguntam tudo que você vaiar [i]. Entrevistador(a): e um monte às vezes, né? Porque cada pergunta que você fica bom, me falta informação, muita informação sobre isso [i]. Rubens (Rubinho): E aí o pai, a menina evangélica, aí um pai que é mais t\*\*\*\*\* que todo foi na rede social e colocou assim: "Professor gay de uma escola do Elso Miguel Francisco e ensina sexo. na aula de aula. O está perdido, pá" [i]. Entrevistador(a): E aí? [i]. Rubens (Rubinho): Ah, [i]. Entrevistador(a): reverberou. Povo promete nele. Você tá falando, eu prefiro que a pessoa escola em casa não sei o quê, dola língua falar isso, não sei o quê, sei qu. Aí a diretora imprimiu con eleu. Aí o pai falou: "Ah, na escola ped desculpa se retratar". Ai porque entendeu errado. Achava que vocêava só de dança querido. Formada aqui, ó. ficado vendo ai porque de dança só dança. Não, fizade para isso. Acho que ele tá aqui fazendo o quê? [i]. Entrevistador(a): Hã, [i]. Entrevistador(a): mais uma vez relacionando [i]. Rubens (Rubinho): Então assim, as pessoas acham que é o bingo da dança só sabe dançar, então você tem estudo para est lá onde você tá, entendeu? Então onde quebra a cara [i]. Entrevistador(a): Exato. E atualmente você trabalha na escola, mas também trabalha com escola. É [i]. Rubens (Rubinho): assim, agora eu estou na escola, né? E eh fora Eu faço, eu sou coreógrafo. Então assim, eu monto as coreografias assim de fê de 15 anos, de casamento, de cana, que fazer uma coreografia para dançar em tal lugar, eles me chamam, contratam, eu ouço a música bom da corografia e vou fazendo para ele dançar mais não porque eu tô cansada, mas coreografar ainda faço muita coreografia có ângulo. Rem voltando nessa

questão da referência, como é sair de ter referência e se tornar referência para essas pessoas?

[i]. Rubens (Rubinho): Olha, eu acho bem importante. Muita gente sempre fala assim: "Ah, professor, hoje eu tô igual assim, eh, fazia tempo que eu ia festas assim de pôlegas". Aí esses dias eu tava no Odec e aí um aluno lá do Brago chegou para mim e falou assim: "Professor, você lembra de mim?" Eu lembro, mas você mudou e ele era um meninino. Aí assim, hoje ele se veste, sabe? Assim, estava assim e tal, se encontrou. Aí ele fala assim: "Ó, hoje eu tô fazendo no arquitetura e urbanismo [i]. Rubens (Rubinho): e tô super bem e agradeço muito a você. Aí eu falo: "Mas por quê?" Ele fala: "Porque você me inspirou muito a me libertar, sei quem eu sou e estudar". Você falava pra gente assim, ó: "Eh, você pode o que você quiser, mas estude esse conhecimento." Você fal pra gente? Olha aqui, eu tô muito feliz. Aí no namorado dele fal que gracinha, que legal, que bacana. Fal assim, fico feliz de ver, sabe? Só já mandou encontro alguns professor, ai que bom fazendo faculdade por causa de você, professor. Igual assim, tem um menino que tem vez de semana, zoei ele, ele falou assim na na da escola ele trabalho era terrível. Ele só gostava de junção física. Aí ia pra diretoria, levava suspensão, eu falava: "A lâ, você não pode sossega que você vai a lãogada bravo chegava todo mundo." Aí tambou o terceiro. Aí eu falei, ele falou assim, ó, sabe professor, eu vou eu vou me tornar engenheiro agrônomo ainda. Você sabe que que é barato ainda. Ai para brincando com ele. Aí essa semana mandou uma mensagem falando pro pessoal. F que eu ia ser engenheira grossa. Foi terminei o DCC. Aí eleou a foto, sabe? [i]. Rubens (Rubinho): Eu fiz assim super feliz. Gente que bacana de ver que, né? Terminou agora no mês, mudou a cabeça totalmente, é outra pessoa, autoridade é outra. E teve não. Eu lembro, lembro de um episódio de uma fala sua que me marcou muito [i]. Entrevistador(a): A, eu tava sentado num, sabe aquele banco que tem em frente ao refeitório no Gelva perto da quadra? Não sei se tem [i]. Rubens (Rubinho): Tem umas vezinhas lá. Tem [i]. Entrevistador(a): tavaado lá. E aí era semanas antes da pandemia. Começo do terceiro ano do médio eu tava porque eu formei na pandemia [i]. Rubens (Rubinho): Ah, foi [i]. Entrevistador(a): E aí eu lembro que eu falei para você que eu queria estudar na Unicamp e aí você falou que era para mim estudar, que eu ia conseguir, que você que não era fácil, mas que não era para mim desistir. É, [i]. Entrevistador(a): eu lembro isso muito, me marcou muito [i]. Rubens (Rubinho): Você com pito assim, como sempre [i]. Rubens (Rubinho): Então, mas é verdade. Olha, em campo assim, o pessoal pensa assim, nossa, é, é, hoje tem muito mais chances [i]. Rubens (Rubinho): passar na escola federal do que [i]. Rubens (Rubinho): bas quer, entendeu? E gosto Quem tá na na no médio de escola pública três anos junto da nota poder passar do enemão assim sair à frente que na escola particular [i]. Entrevistador(a): Exato [i]. Rubens (Rubinho): Eig p de meia R\$ 200 por mês você ganha isso. Você falou na escola final

R\$ 1.000 por aluno se não falar na escola. Então sabe é é diferente, [i]. Rubens (Rubinho): entendeu? As chances são outras agora prioridade são outras. Basta querer. É porque a gente tá num agarra, não tá nem dando bola, não se importa. A nossa época é mais difícil. Vi o Enem era era um dia só, era redação, era 90 questões e nósava 1 hora, 6 horas uma prova que possível ler tudo, né? Possível [i]. Rubens (Rubinho): jeito, mas tinha que fazer.